

Universidade do Porto

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

**Ser jovem em tempos de mudança: representação dos jovens
sobre a vivência da parentalidade**

Joana Isabel Paiva Ferreira

Outubro 2017

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado em Psicologia,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade
do Porto, orientada pelo Professor Doutor José Albino Lima e
coorientada pela Professora Doutora Sofia Marques da Silva
(FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspetivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

RESUMO

A parentalidade enquanto objeto de estudo, ao longo dos anos, para além de um processo complexo também envolve diversos intervenientes. A transição da juventude para a vida adulta e para a parentalidade leva a um amplo campo de análise e reflexão, em particular no que se refere às especificidades da forma de envolvimento paterno. Desde logo, é necessário compreender a relação atual da família com um conjunto de instituições, tanto privadas como estatais.

Assim, este estudo pretende dar voz a 30 jovens/ jovens adultos de ambos os sexos com idades compreendidas entre os 18 e os 29 anos, para que possam expressar as suas opiniões, expectativas e preocupações num momento que se diz ser de transição da vida escolar para a vida profissional e o que os leva a tomarem a decisão de optarem ou não pela parentalidade. Utilizou-se a entrevista semi-estruturada de modo a compreender quais os aspetos positivos e limitações que a juventude encontra nesta fase das suas vidas. Seguindo uma perspetiva compreensiva com estes jovens, este estudo exploratório proporciona um momento de partilha onde a reflexão se tornou essencial.

Embora se registe uma mudança positiva dos/das jovens no que respeita a igualdade de géneros e a vontade de exercer a parentalidade em pleno, denota-se uma inabilidade por parte do Estado e das empresas em desenvolver redes de apoio que assegurem estabilidade profissional para que o desejo destes jovens seja cumprido. Já lá vão os tempos em que o pai era visto como o ganha-pão da família e a mãe a como cuidadora do lar e estes jovens perspetivam novas configurações familiares ainda que sintam poucas condições favoráveis a essa perspetiva por parte do seu país e dos seus empregadores.

Portugal necessita de aumentar a rede de apoio a pais jovens para que estes não se sintam pressionados em termos de horários e não adiem a parentalidade. A nível empresarial, todos concordam que o bom relacionamento patrão/empregado passa pelo diálogo de modo a que ambos saiam favorecidos em termos profissionais e pessoais.

Este tipo de estudos é fundamental para conhecermos a realidade dos/as jovens portugueses/as de forma a poder desenvolver-se estratégias e políticas que se adequem às suas necessidades, projetos e trajetórias de vida.

Palavras-chave – jovens, parentalidade, educação, conciliação trabalho-família, transição.

ABSTRACT

Parenting as an object of study, involves many players in addition to a complex process, over the years. The transition from youth to adult life and to parenting leads to a broad field of analysis and reflection, specially in what matters the specificities of the paternal involvement. First of all, it is necessary to understand the current relationship of the family with a set of institutions, both private and statal.

Thus, this study intends to give voice to 30 youth / young adults of both sexes with ages between 18 and 29 years old, so that they can express their opinions, expectations and concerns at a moment that it is said to be a transition from school life to professional life and what takes these young people to make the decision to choose or not parenting. The semi-structured interview was used in order to understand the positive aspects and limitations that young people encounter at this stage of their lives. Following an understanding perspective with these young people, this exploratory study provides a moment of sharing where reflection has become essential.

Although there is a positive change in young people regarding gender equality and the desire to exercise full parenthood, there is an inability on the part of the State and the enterprises to develop support networks that ensure professional stability so that the desire of these youngs could be fulfilled. A long time ago, the father was seen as the breadwinner of the family and the mother as the home caretaker and these young people prospect new family configurations even though they feel there are few favourable conditions to this perspective from their country and their employers.

Portugal needs to increase the support network to young parents so that they don't feel pressured about timetables and don't postpone their parenthood. At an enterprise level, everyone agrees that a good relationship between employer/employee is accomplished by dialogue in a way that both can get favoured in professional and personal terms.

This type of study is fundamental to know the reality of Portuguese young people in order to develop strategies and policies that fit their needs, projects and life trajectories.

Keywords - youth, parenting, education, work-family reconciliation, transition.

RÉSUMÉ

La parenté comme objet d'étude, au long des ans, en plus d'un procès complexe qu'implique également divers acteurs. La transition de la jeunesse pour la vie adulte et pour la parenté conduit à un large champ d'analyse et de réflexion, en particulier dans ce que concerne les spécificités de la participation paternelle. Tout d'abord, il faut comprendre la relation actuelle de la famille avec un ensemble d'institutions, tant privées que l'états.

Ainsi, cette étude a l'intention de donner la parole à 30 jeunes / jeunes adultes des deux sexes âgés de 18 à 29 ans, afin qu'ils puissent exprimer leurs opinions, leurs attentes et leurs préoccupations à un moment qui serait une transition de la vie scolaire pour la vie professionnelle et ce qui oblige ces jeunes à prendre la décision d'opter ou non pour la parenté. L'entrevue semi-structurée a été utilisée afin de comprendre les aspects et les limites positifs que les jeunes rencontrent à ce stade de leur vie. Après une compréhension avec ces jeunes, cette étude exploratoire offre un moment de partage où la réflexion est devenue essentielle.

Bien qu'il y ait un changement positif en ce qui concerne l'égalité entre les sexes et le désir d'exercer la pleine parenté, il y a une incapacité de l'État et des sociétés à développer des réseaux de support qui assurent la stabilité professionnelle afin que le désir de ces jeunes soit accompli . Il y a déjà les moments où le père a été considéré comme la base de famille et la mère comme la vigilante de la maison et ces jeunes recherchent de nouvelles configurations familiales même si ils ressentent peu de conditions favorables à cette perspective pour la part de leur pays et de leurs employeurs.

Potugal besoin de augmenter la réseau de support pour jeunes parents pour qu'ils ne se sentent pas pressionés à cause des horaires et pour qu'ils ne ajournent pas la parenté. Au niveau de l'entreprise, tous acceptent que une bonne relation employeur/ employé est obtenue à travers du dialogue pour que les deux côtés peut sortir favorisés en termes professionnel et personnel.

Ce type d'étude est fondamental pour connaître la réalité des jeunes portugais afin d'élaborer des stratégies et des politiques adaptées à leurs besoins, projets et trajectoires de vie.

Mots-clés - jeunesse, parenté, éducation, rapprochement travail-famille, transition.

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 1 |
| ENQUADRAMENTO TEÓRICO | 4 |
| Ser jovem | 4 |
| Socialização e papéis de género: a educação de rapazes e raparigas (séc. XX e XXI), transformações principais; masculinidades e feminilidades | |
| Parentalidade | 5 |
| Ser pai | 6 |
| Formas de envolvimento paterno: interação, acessibilidade, responsabilidade | 8 |
| Exercício da atividade profissional | 8 |
| Processos de conciliação trabalho – família | 9 |
| Contributo para o estudo da representação dos jovens sobre a vivência da parentalidade | 1 |
| MÉTODO | |
| Participantes | 12 |
| Instrumentos | 12 |
| Procedimento | 13 |
| Metodologia qualitativa e análise de conteúdo | 13 |
| RESULTADOS | 17 |
| 1Ser jovem e a vivência da juventude hoje em Portugal | 17 |
| 1.1Expetativas sociais sobre os/as jovens e desafios | 19 |
| 1.2O que os jovens podem esperar da sociedade | 20 |
| 1.3O que é que o campo da educação e do trabalho tem feito pelas pessoas jovens | 22 |
| 1.4Que repto lançaria a políticos/as e outros/as líderes no sentido de chamar a atenção para necessidades específicas das pessoas jovens | 24 |
| 1.5Espaços de participação | 26 |
| 1.6Desafios para os jovens. Juventudes heterogéneas. Diferentes desafios para rapazes e raparigas. | 27 |
| 1.7Socialização nas suas diferenças e semelhanças | 28 |

| | | |
|-----|---|----|
| 1.8 | Educação nas suas diferenças e semelhanças | 29 |
| 1.9 | Posicionamento sobre os diferentes papéis sociais ser homem e ser mulher | 30 |
| 2 | Grandes transformações na vivência do ser homem, nas masculinidades hoje | 31 |
| 2.1 | Como caracterizaria o ser homem hoje | 31 |
| 2.2 | Como caracterizaria o ser mulher hoje | 34 |
| 2.3 | Quais os papéis sociais que associamos ao ser homem e ser mulher? Quais as principais semelhanças, quais as grandes diferenças? | 35 |
| 3 | Ser homem e ser mulher e parentalidade. | 37 |
| 3.1 | Tomada de decisão | 37 |
| 3.2 | Perspetivas e expectativas pessoais sobre ser pai/mãe e principais razões pessoais para essa decisão. | 39 |
| 3.3 | O que o faria mudar de opinião, no caso de dizer não; que mudanças sociais precisariam de ocorrer? | 41 |
| 4 | Ser pai e paternidade - Papéis relacionados com a paternidade (alterações) | 44 |
| 4.1 | Descrever o pai em termos de paternidade | 44 |
| 4.2 | Descrever a mãe em termos de maternidade | 46 |
| 4.3 | Relação pais com irmãos/ãs. | 51 |
| 4.4 | O que é ser um “bom pai”? | 51 |
| 4.5 | O que é ser uma “boa mãe”? | 54 |
| 4.6 | Como se veria a ser pai/mãe | 56 |
| 4.7 | Que modelos assumiria? Como se veria na relação com o/a companheiro na distribuição de papéis e responsabilidades | 57 |
| 4.8 | Como seria se fosse pai/mãe de rapazes e de raparigas | 59 |
| 5 | Parentalidade e a gestão constrangimentos e contextos) | 61 |
| 5.1 | Conciliação família-trabalho - Como considera que estas dimensões afectam as decisões sobre ser pai e mãe e as suas em particular | 61 |
| 5.2 | Dilemas na conciliação, gestão de alguns destes constrangimentos (licenças, etc.) | 62 |
| 5.3 | Se fosses empregador que condições criaria para facilitar a conciliação entre o trabalho e a vida privada? | 62 |
| 5.4 | As mesmas para os homens e as mulheres? | 63 |
| 5.5 | Pessoas com filhos/as e sem filhos/as | 64 |
| 5.6 | Que impacto pode ter a maternidade e a paternidade nas carreiras profissionais e | 64 |

| | |
|---|----|
| progressão? Ainda desigualdades entre homens e mulheres | |
| 5.7 Promoção da igualdade entre homens e mulheres | 65 |
| 6 Descrever o futuro próximo | 65 |
| 6.1 Antevendo o futuro daqui a 10 anos | 67 |
| DISCUSSÃO | 70 |
| CONCLUSÃO | 75 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 79 |
| ANEXOS | |

INTRODUÇÃO

O interesse da Psicologia sobre a parentalidade e a conciliação trabalho-família pela não é recente (e.g. Lamb, 2015; Matias, 2007; Lima, 2009; Aboim, 2010). A compreensão acerca do que é a gestão familiar e a vida profissional levanta diversas questões sobre as formas de exercer a parentalidade na sua plenitude, e muitas das vezes, a forma como os jovens adultos se posicionam perante a vontade de serem pais e mães. Com efeito, ao longo dos anos tem vindo a perceber-se que a parentalidade é, além de um processo complexo, também um contexto onde estão envolvidos vários intervenientes, nomeadamente o pai, o qual foi tem merecido contemporaneamente uma maior atenção por parte dos investigadores das ciências sociais.

Refletir sobre o tema da família nas sociedades de hoje em dia, leva a um vasto campo de análise e reflexão, incluindo a compreensão relação da família com um conjunto de instituições sociais, principalmente a escola, a saúde, a justiça e o emprego. A instituição família exige, para a sua abordagem, problemáticas e saberes transversais, como por exemplo: o quadro geral das leis, das instituições e respetivas missões, dos profissionais e serviços especializados, e que implica os projetos de vida de cada indivíduo. A ideia de recomposição familiar e até de monoparentalidade são termos que surgem com o grande campo da responsabilidade da família moderna. É com estas mesmas novas configurações da família e da sua ambição de exercer em pleno as funções e a autoridade que lhes resta que este novo léxico nasce (Mailat & Mingasson, 2006).

Na realidade, de acordo com as mesmas autoras, a família posiciona-se na articulação entre o público e o privado, o coletivo e individual entre o que é socialmente partilhável e o que é íntimo e próprio da subjetividade de cada um (Mailat & Mingasson, 2006).

Estudar a parentalidade implica que ainda que esta esteja enquadrada a nível histórico, antropológico e social. Sendo que, ser pai ou ser mãe faz parte de uma dinâmica da sociedade, num contexto que foi historicamente construído, onde a influência de padrões culturais, representações sociais, crenças e valores se afiguram determinantes para a sua concepção, logo, o conceito de parentalidade encerra em si subjetividade pelo facto de ser interpretado de forma muito peculiar pelo homem e pela mulher (Martins, 2013).

Como menciona Silva (2008), são impostos novos desafios e condicionantes junto dos jovens, particularmente os que vivem situações de desigualdade estrutural num tempo de crise e imprevisível. É difícil encontrar apenas uma definição que englobe todas

as oscilações que a juventude tem vindo a sofrer nas suas mudanças históricas, sociais e culturais. Segundo Campos (2010), a mesma adquiriu o estatuto de “problema social” em algumas circunstâncias sócio-históricas. O seu conceito torna-se incerto dado que tanto é mencionada como um grupo homogéneo como heterogéneo. Segundo Machado Pais (1993), este grupo é homogéneo se for comparado com outras gerações, no entanto é heterogéneo se for visto como um conjunto social com atributos sociais que façam diferenciação entre os jovens.

Para os autores Peralva, (1997), Novaes, (2007), Dayrell, (2002) a juventude é entendida como um tempo de construção de identidades e de definição de projetos para o futuro bem como uma condição social e um tipo de representação. É viver uma contraditória convivência entre a subordinação à família e à sociedade, em que esta relação é assinalada por um novo contacto que nem sempre garante mudança social, mas é útil como meio para tal e, simultaneamente, traz grandes expectativas de emancipação. Uma das dimensões que se relaciona com este processo de emancipação envolve as questões da paternidade e da maternidade.

De modo particular a representação social e os significados do que é ser pai e das formas de envolvimento paterno tem vindo a sofrer alterações nas últimas décadas, fruto de novas dinâmicas no mundo do trabalho, da família e da sociedade como um todo (Lima, 2009). Estas alterações acompanham novas experiências da masculinidade que assumem outros contornos para além da masculinidade hegemónica (Connell, 2001; Doucet & Lee, 2014). Os papéis sociais de género têm-se alterado em alguns contextos e esferas da sociedade e o sentido do ser pai tem assumido novas configurações (Silva & Araújo, 2007; Lopes & Paula, 2011). Lima (2009) realça o crescimento da profissionalização feminina. O impacto desta profissionalização traz uma divisão nas tarefas domésticas, nas relações familiares e na prestação de cuidados aos filhos, o surgimento de movimentos para salvaguarda dos direitos dos homens, especialmente nas situações de divórcio e situações de regulação do exercício do poder paternal (Lima, 2009). Alguns estudos (Silva & Araújo, 2007; Lopes & Paula, 2011) têm sugerido a combinação de formas mais tradicionais no entendimento do ser pai com outras mais contemporâneas que indicam estarmos perante outros retratos de paternidade. Apesar disso, parece ainda ser pouco claro o modo como jovens rapazes e raparigas vão interpretando, integrando e reconstruindo estas novas representações.

Considera-se então pertinente o estudo da perceção de jovens adultos sobre a parentalidade em tempos de mudança e qual a representação que fazem sobre a vivência da

mesma. Assim o objetivo é perceber quais as mudanças sociais mais evidentes, a forma como jovens adultos entendem o ser pai em interface com a ideia de masculinidade, a vivência da parentalidade, o exercício da atividade profissional e os processos de conciliação família-trabalho.

O presente trabalho divide-se em cinco capítulos. No primeiro capítulo, dá-se especial atenção aos princípios e abordagens teóricas que são a base para a compreensão deste estudo. São também apresentados os contributos e os objetivos do mesmo. O segundo capítulo apresenta a metodologia, onde se caracteriza a amostra e são apresentados os instrumentos e procedimentos. No terceiro capítulo, apresentam-se os resultados que se obtiveram da análise de conteúdo. A discussão faz parte do quarto capítulo, onde os resultados que surgiram são debatidos e confrontados com o enquadramento teórico. Finalmente, no capítulo cinco, são expostas as conclusões mais relevantes do estudo e indicadas algumas sugestões para trabalhos futuros.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Ser jovem

As concepções teóricas e os entendimentos que rodeiam a palavra juventude são diversas. Ser jovem é estar em constante movimento, numa construção contínua e na busca de um lugar mais justo na sociedade, um enorme desafio. As características e especificidades deste tema são muitas, o que solicita uma atenção cuidada para com o mesmo (Nunes, 2015).

Para Boghossian e Minayo (2009), o conceito de juventude prende-se a um momento do ciclo da vida e, ao mesmo tempo, às condições sociais e culturais específicas de inserção dos sujeitos na sociedade. O desafio começa desde logo na concepção de qual a faixa etária que compreende o “ser jovem” (Nunes, 2015). Considera-se que dos 15 aos 29 anos é-se jovem em Portugal. Determina-se o limite inferior pelo mínimo de idade para inserção na vida ativa, enquanto que o limite máximo é determinado pela capacidade de emancipação, visto que é cada vez mais difícil de atingi-la atualmente.

Segundo Guerreiro e Abrantes (2007) o estatuto de semidependência dos pais, de alguma forma pode levar a uma propensão no atraso de decisões e responsabilidades vinculativas gerando entre a adolescência e a entrada na vida adulta um período de escolhas, liberdade e experimentação, visto que muitos jovens preferem viver de forma menos preocupada (por exemplo, procurar novas experiências, conviver com amigos, conhecer novos locais...). Assim, estes jovens podem ter trajetos escolares mais longos, incluindo a frequência de cursos e formação pós-graduada e inserções no mercado de trabalho mais limitadas. Isto leva a que muitas destas transições tendam a deixar de ser processos lineares e claros no tempo, passando a constituir percursos mais complexos, individualizados e mais prolongados. O casamento e a parentalidade são vistos como limitadores de oportunidades, experiências pessoais, progressões profissionais e, principalmente, a obtenção da desejada estabilidade profissional.

Contemporaneamente, são vários os problemas com que os jovens se debatem, sendo que o maior é o desemprego jovem. Os jovens adiam cada vez mais a idade de saída da casa dos pais. É assim posta em causa a emancipação muito à conta destes fatores. Segundo o Eurostat, até 2012 os dados apontam que Portugal é um dos países onde mais jovens – entre os 18 e os 34 anos – residem em casa dos pais (Lopes, 2014).

Socialização e papéis de gênero: a educação de rapazes e raparigas (séc. XX e XXI), transformações principais; masculinidades e feminilidades

O conceito de masculinidade hegemónica, define-se segundo Connell (1995, 2001) como a masculinidade de referência que tem vindo a sustentar a dominação masculina, ocupando assim uma posição de grande domínio e trouxe um forte contributo para o conhecimento da masculinidade no campo sociológico, acreditando a autora na existência de diferentes formas de ser homem que são estabelecidas histórica, social e culturalmente. A masculinidade, tal como o gênero, não são mais do que representações culturais que se constroem através dos discursos sociais e que, por sua vez, determinam quais os papéis que homens e mulheres devem adotar (Vieira-Sena & Castilho, 2011).

Historicamente existe uma associação na formação dos papéis masculino e feminino como binómios construídos e reproduzidos tanto pelo homem como pela mulher, que realça ainda que a manutenção da família seja função da mulher (ela quase nunca é considerada a “chefe” da família, mas sim mãe / esposa/ dona de casa (Santana, 2010). Ser masculino era, tradicionalmente, ser viril e autoconfiante e ter personalidade assertiva. Era o homem quem ditava as regras e quem tomava as decisões ditas mais importantes (Vieira-Sena e Castilho, 2011), o homem tradicional não dividia tarefas femininas, era de uma forma simplificada o sustento do lar. Já a mulher, limitava-se aos trabalhos de casa e a cuidar do marido e dos filhos. Portanto, “apenas 13,1% das mulheres encontravam-se oficialmente no mercado de trabalho, não obstante grande parte delas desempenharem tarefas essenciais à sobrevivência da família, contribuindo nomeadamente para os trabalhos agrícolas essenciais à sobrevivência do grupo familiar” (Aboim, 2010, p. 39). As que estavam inseridas no mercado de trabalho exerciam profissões ligadas à assistência social, ao ensino ou à enfermagem, não podendo ficar sozinhas com alguém, correndo o risco da sua reputação ficar comprometida (Freire, 2010). Ou seja, as suas profissões davam continuidade às funções que desempenhavam nas suas casas.

Ao longo dos últimos 50 anos, segundo Leaper (2014), têm-se verificado enormes transformações, tanto nos papéis das mulheres como dos homens, dentro e fora da família. A ideia de família tradicional, na maioria do mundo industrializado, constituída por um pai e uma mãe heterossexuais, onde o pai é responsável pelo sustento da família e a mãe cumpre o papel de dona de casa, deixou de ser padronizada. Agora a maior parte das mães trabalha fora de casa e são muitos os pais que compartilham dos cuidados com os filhos. Hoje, as crianças são criadas por um pai solteiro ou uma mãe solteira ou por pais e mães

homossexuais. Mas, ainda que haja mudanças nos papéis, há poucas situações parentais verdadeiramente igualitárias, e mesmo que as tenham, podem agir de diferente forma no que respeita às filhas e aos filhos.

Em todo o caso, ser homem, na contemporaneidade, passa pelo sentimento de realização ao lado da companheira e dos filhos. O homem é capaz de recusar ser promovido no trabalho, caso tal promoção implique ficar distante do lar. O exercício da paternidade ganhou um amplo espaço na definição do que é ser homem (Vieira-Sena e Castilho, 2011).

Parentalidade

Os estudos sobre a parentalidade, durante muitos anos, davam uma maior ênfase ao papel da mãe e aos aspetos da maternidade. De alguma forma o papel do pai foi colocado de parte, tendo os investigadores assumido que o papel afetivo da mãe e seu impacto na educação dos filhos era mais relevante do que a dos pais (Lewis & Lamb 2007).

Contudo, a vida familiar e social tem vindo a tornar-se de tal forma complexa que, são constantes os novos desafios colocados tanto aos homens como às mulheres, no que diz respeito ao investimento nas diversas dimensões da vida. É neste contexto que começa a surgir o conceito de parentalidade ou função parental. Tal como referimos atrás, a mulher já não é definida só pelo materno, o homem também já começa a integrar o paterno (Neves, 2013).

Os homens são cada vez mais chamados a ocupar um novo lugar na vida familiar. Nas últimas três décadas, tem vindo a assistir-se a uma rápida mudança nos homens enquanto cônjuges, pais e profissionais, afirma Aboim (2010; 2011). Como já foi referido, durante muitos anos, a distribuição de tarefas na sociedade ocidental era muito bem delimitada, fazendo parte da competência do homem o sustento da família e da mulher a responsabilidade por cuidar da casa e das crianças. A entrada das mulheres no mercado de trabalho trouxe uma nova configuração a esse cenário na medida em que impulsionou e favoreceu a ampliação do envolvimento dos homens na esfera doméstica e no cuidado com os filhos, permitindo novas formas de interacção conjugal e parental (Lopes & Paula, 2011). Assim, passa a ser comum os pais levarem os filhos à escola, ao médico, é normal preocuparem-se com a alimentação da criança e com outras tarefas, tipicamente femininas, bem como a participação na gravidez da mulher e a partilhar o nascimento e as tarefas

exigidas pelo bebé, demonstrando afeto e procurando a sua própria experiência pessoal (Ribeiro, 2005).

Para além da elevada taxa de atividade laboral feminina - a mais alta da Europa - Portugal não apresenta uma rede eficiente de apoio à infância, o que torna as questões da maternidade bastantes mais difíceis para as mulheres, e consequentemente, para os casais/família que, por sua vez, são levados à aquisição de novos modelos e representações sobre a parentalidade e a conjugalidade (Neves, 2013).

Percebe-se então que a parentalidade é um processo complexo e multifatorial, no qual estão envolvidos vários intervenientes. Em seguida, dá-se destaque ao papel do pai, que só nas últimas décadas começou a ser alvo de investigação individualizada, analisando-se de forma mais aprofundada o tema da paternidade, especificamente do ponto de vista histórico e conceptual (Ramalho, 2015).

Ser pai

Ser pai, ao longo de vários séculos, baseou-se no sustento da família, símbolo de autoridade e lei (Martins, 2002). A estruturação deste conceito deve-se à caracterização da família burguesa pela rigorosa divisão de papéis sexuais e pelo distanciamento do lar e do local de trabalho. Só ao longo do século XX é que ocorreram amplas transformações do papel masculino na família das sociedades ocidentais (Martins, 2013).

Uma concepção unidimensional e universal do papel do pai (Lamb, 2010) é agora desafiada pelos múltiplos papéis desempenhados, sendo variado o seu destaque e importância tanto ao longo do tempo como em diferentes contextos socioculturais (Parke, 1996). Tem aumentado, nas últimas décadas, o interesse pelo estudo do papel do pai no que respeita aos filhos. Este facto, para Simões, Leal e Maroco (2010), pode estar relacionado com a crescente participação paterna nos cuidados e na educação das crianças.

Quando é analisada a representação social da condição da paternidade e da não paternidade, verifica-se que os homens evidenciam uma representação social com mais elementos positivos para a paternidade do que quando comparada à posição de não ser pai. Além disso, Drago e Menandro (2014) entendem que o jovem acarreta uma possibilidade mais elevada de evidenciar mudanças nas representações sociais de um determinado objecto num determinado contexto histórico, visto que se encontra numa fase da vida em que há intensas trocas sociais com amigos, familiares e grupos distintos.

Segundo Gomes (2006), Meincke, Soares, Schwartz, Zilmmmer, Bueno, Monteiro, Eidam e Lopes (2011), durante a adolescência a paternidade provoca transformações na identidade e (re) configura os vínculos afectivos do adolescente que adopta a condição de pai. É devido a estas transformações que se dá a transição nos papéis sociais que o adolescente (jovem) vivencia a partir do nascimento do filho. Na sociedade contemporânea, Jager e Dias (2015) mencionam que a função social do adolescente tem o seu domínio nas ideias de escolarização, diversão e planeamento profissional, enquanto o papel paterno prende-se com o amadurecimento pessoal, social, estilo de vida responsável e envolvimento no papel de provedor económico.

À paternidade é reconhecida a representação social numa visão tradicional de pai, função essa reconhecida socialmente como masculina, ou seja, a função de assumir com os deveres inerentes de ter um filho, mas não deixa de ser curioso que entre as representações sociais da paternidade, o elemento “amar” mostra ser um forte compositor dessa representação (Drago e Menandro, 2014).

Não se deve deixar de mencionar que a paternidade também está relacionada com as vivências e experiências que os “novos” pais tiveram, ainda enquanto filhos, com seus próprios pais (agora avós). Os pais que conheceram um relacionamento menos caloroso e mais distante com os pais na infância, preferiram adotar comportamentos opostos aos que vivenciaram, mostrando-se interessados em estabelecer um relacionamento afectivo com os seus filhos, além de participar no cuidado e educação dos mesmos (Bustamante, 2005).

Formas de envolvimento paterno: interação, acessibilidade, responsabilidade

O envolvimento paterno tem sido objeto de várias investigações nas últimas décadas, sendo que no estudo da paternidade acaba por formar-se como um dos conceitos fundamentais (Simões, Leal, & Maroco, 2010a).

A concetualização do envolvimento paterno tem o contributo de vários modelos. O modelo proposto por Lamb e colaboradores (Lamb, Pleck, Charnov, & Levine, 1987) é uma referência para a investigação que se foca nesta dimensão. Este modelo apoia-se em três dimensões distintas designadas por interação – é contemplado o contato direto do pai e as interações com o filho, na forma de proteção, jogo e/ou lazer (Lamb & Tamis – Lemonda, 2004; Lewis & Lamb, 2007; Lima, 2005; Pleck, 2010); acessibilidade – refere-se à presença e disponibilidade do pai para a criança (Lamb & Tamis-Lemonda, 2004; Lewis

& Lamb, 2007; Pleck, 2010) estar disponível física e psicologicamente (Lima, 2005), sendo independentes da natureza e da frequência e da interação entre os mesmos; responsabilidade – o pai compreende e satisfaz as necessidades físicas e psicológicas da criança, envolvendo quer a prestação dos cuidados e recursos económicos, como o planeamento e organização da vida da criança (Lamb & Tamis-LeMonda, 2004; Lewis & Lamb, 2007; Lima, 2005; Pleck, 2010). Para Lima (2005), a interação prevê a acessibilidade, ou seja, para que o pai possa interagir com a criança é essencial que esteja disponível para a mesma.

Os estudos relativos a este tema indicam que o pai está cada vez mais envolvido na vida da criança (Parke, 2002; Yeung, Sandberg, Davis-Kean, & Hofferth, 2001). Não só estão relacionados à paternidade campos como o jogo, a disciplina e o sustento económico (Lima, Serôdio & Cruz, 2011), como também são privilegiados os papéis do pai sensível, afetivo e compreensivo (Balacho, 2004).

Exercício da atividade profissional

Atualmente, para que as organizações consigam garantir destaque e uma posição de sucesso, é fulcral a exigência de um elevado espírito de competitividade, o que se traduz no dia-a-dia dos colaboradores (Lopes, 2015), levados a produzir mais e melhor. De forma a garantir o seu bem-estar, torna-se útil refletir que a vivência do Homem enquanto profissional aparece regulada por várias especificidades e contingências organizacionais.

No que respeita a Portugal, a taxa de atividade feminina, comparativamente com o contexto europeu, é elevada – é um país no qual a participação das mulheres no mercado de trabalho é relativamente igualitária. No entanto, verifica-se que existe desigualdade de género entre as mulheres que trabalham, destacando-se o elevado peso relativo das profissões intelectuais e científicas, da mesma forma que são visíveis as desigualdades de género no ingresso às profissões de natureza diretiva (Carvalho, 2011).

O trabalho e da vida familiar estarem cada vez mais profundamente relacionados pelo que é fundamental prestar atenção à forma como os domínios profissionais e familiares se influenciam mutuamente (Richter & Näswall, 2010), uma vez que a insegurança do emprego, de uma forma indireta, representa uma ameaça para o bem-estar económico do trabalhador e diminui a disponibilidade interpessoal, bem como a participação efetiva na vida familiar.

É importante ponderar a vivência do trabalhador enquanto elemento complementar de tantos sistemas quantos os seus papéis de vida (ou seja, a compreensão integral dos fenómenos). Tal facto não deve permitir que a organização desvalorize a vivência de conflitos de papéis, sobretudo o conflito Trabalho-Família. Para Lopes (2015) trata-se de um fenómeno bidirecional, capaz de marcar e comprometer o desempenho profissional dos trabalhadores.

Esta dupla responsabilidade reflete-se em trabalho dobrado – produtivo e doméstico – sendo o doméstico, frequentemente, motivo de invisibilização (Messing, 2000; Perista, 2002; Prévost & Messing, 2001), não dando conta dos custos físicos e psicológicos inerentes a este trabalho não remunerado.

A divisão ainda pouco esclarecedora entre trabalho doméstico e de prestação de cuidados, do tempo pessoal e de lazer, fazem com que as mulheres tenham características específicas, na medida em que implica a definição de estratégias que permitam cumprir todas as exigências das diversas atividades (Perista, 2002), mas também fazer a transição entre esses vários contextos (Scheller, 2009). Na verdade, se no caso dos homens existe uma rutura entre o trabalho assalariado e o trabalho doméstico, para as mulheres parece existir uma continuidade, acabando por formar um todo a vida laboral e doméstica (Messing, 2000), exigindo um esforço físico, psíquico e emocional quase indistinto. A realidade é que a vida doméstica passou a ser uma extensão do trabalho, considerando as respetivas exigências em termos de balanceamento de tempo e esforço (Lopes, 2015).

Curiosamente, segundo Runté & Mills (2004) a literatura científica sobre esta temática aborda a vivência doméstica e o trabalho como estando em oposição entre si.

Processos de conciliação trabalho – família

A partir da década de 60 do séc. XX começaram a crescer as taxas de participação de mulheres na força laboral, em paralelo com o número de famílias compostas por casais de trabalhadores (Franco & Winqvist, 2002). Assim, acredita-se que o emprego feminino influencia a divisão de tarefas domésticas, ao conduzir o homem a participar mais nas exigências do lar, refere Sundström (2003).

Em Portugal, estas mudanças ocorreram mais significativamente logo após a Revolução de 25 de Abril de 1974, que contribuiu para a permanência das mulheres nos empregos: alterações na lei e nos costumes, “o aumento rápido da escolaridade feminina,

bem como o desenvolvimento de actividades económicas no sector terciário, capazes de absorver cada vez mais mão- de- obra feminina” (Aboim, 2010, p. 42).

O final do último século testemunhou grandes mudanças na forma como as famílias portuguesas organizam as suas vidas (Matias, 2007). Hoje em dia, as famílias com um único rendimento, já não são comuns, sendo largamente ultrapassadas pelas de duplo-rendimento. Em Portugal, a maioria das mulheres tem uma participação ativa no mercado de trabalho, constituindo quase metade da população empregada: 48,7% em Portugal (Pordata, 2017). Estas mudanças vêm criar novos desafios e dilemas às gerações contemporâneas portuguesas, sendo que ambos os géneros se deparam com novas exigências no seu trabalho e na sua família-responsabilidades profissionais e divisão de tarefas (Matias, Fontaine, Simão, Oliveira & Mendonça, 2010).

Ainda de acordo com Matias, Fontaine, Simão, Oliveira & Mendonça (2010), este padrão familiar recente suscitou novos desafios e mudanças nos papéis de género tradicionais que despoletam nos casais a necessidade de conciliar as tarefas profissionais com as tarefas familiares.

Não existem dúvidas de que o papel profissional e familiar são dois dos aspetos mais centrais da vida do indivíduo ainda que tenha havido mudanças nas últimas décadas, tal como referido anteriormente, como efeito a família continua a ser bastante valorizada na maioria das sociedades (Matias, 2007) e segundo Wall (2005), no contexto desta temática, Portugal apresenta um conjunto de análise extremamente particular derivada a coexistência de valores tradicionais relacionados com papel da mulher na família e na educação dos filhos, e com atitudes mais modernas no que remete à participação do homem na vida doméstica.

No que se refere à conciliação trabalho-família, os estudos apontam que as estratégias utilizadas pelos portugueses dão-se a um nível social mais vasto, no domínio familiar e individual - capacidades de negociação no casal e de comunicação na família, competências de planeamento, traços de personalidade. As famílias portuguesas revelam-se bastante ativas no processo de conciliação, fazendo uso dos seus próprios recursos (Matias et al. 2010). É ainda de salientar que tanto homens como mulheres fazem uma maior alusão aos recursos institucionais e familiares/sociais em lugar de recursos do local de trabalho ou ao uso de novas tecnologias. Guerreiro e Abrantes, (2007) apontam que este fenómeno pode dever-se à inexistência, numa grande parte dos locais de trabalho, de apoios estruturados às famílias com filhos, levando assim a que os indivíduos encontrem

possíveis soluções para as suas dificuldades nas redes de apoio comunitárias (por exemplo, creches) ou informais (por exemplo, familiares) (Wall, 2005).

Além do mais os estudos que têm vindo a ser realizados mostram que, ao comparar Portugal com outros países da União Europeia, verifica-se que os trabalhadores portugueses não têm a total consciência dos seus direitos no que diz respeito à conciliação trabalho-família (Guerreiro & Abrantes, 2007; Sümer, Smithson, Guerreiro & Granlund, 2008).

Contributo para o estudo da representação dos jovens sobre a vivência da parentalidade

Os estudos que envolvam as perceções dos jovens no que se refere à parentalidade e às variáveis que lhe estão associadas, ainda são escassos. No entanto, a revisão da literatura sugere que as mudanças sociais das últimas décadas merecem a consideração dos investigadores e profissionais de diversas áreas das ciências sociais (por exemplo, educação, psicologia, sociologia, gestão e política) sobre esta temática.

De uma forma sucinta, este estudo tem por objetivo geral explorar as perceções e representações de jovens adultos sobre a parentalidade, em particular no que respeita às formas de envolvimento paterno. De modo mais específico procura dar-se a conhecer a forma como jovens adultos entendem o ser pai/mãe em interface com: a ideia de masculinidade, a vivência da parentalidade, o exercício da atividade profissional e os processos de conciliação família-trabalho.

MÉTODO

Participantes

A amostra deste estudo é constituída por trinta participantes, sendo que quinze são do sexo masculino e outros quinze do sexo feminino. Os/as participantes do estudo não têm filhos e têm idades compreendidas entre os 18 e os 29 anos¹. A média de idades dos participantes é de 24.77 anos, sendo que a masculina é de 24.47 anos e desvio padrão de 3.44 e feminina é 25.07 anos e 2.69, respetivamente.

O procedimento de seleção da amostra foi por conveniência, já que os participantes foram selecionados segundo o cumprimento dos critérios definidos. Por se tratar de um estudo exploratório apenas os fatores idade e não serem pais fizeram parte dos critérios de inclusão.

A sua apresentação em termos sociodemográficos consta anexo 1.

Instrumentos

A técnica escolhida para a recolha de dados foi a entrevista semi-estruturada, considerando o carácter exploratório do estudo. Desta forma, existe um maior reconhecimento da idiossincrasia de cada participante bem como uma maior informação informal, ou seja, expressões, opiniões e valores. Sendo este método mais aproximado de uma conversa, ainda que intencionalmente guiada, permite a existência duma maior flexibilidade e adaptação neste tipo de entrevista.

A interação entre entrevistador e participante é fundamental na recolha de informação. O entrevistador procura proporcionar um ambiente confortável para que o participante se sinta encorajado a ser o mais “natural” possível nas suas respostas. Assim, existe uma menor possibilidade de omissões.

Foi elaborado um guião para orientar a entrevista (**anexo 2**). Este é organizado em sete tópicos que incluem questões gerais e questões específicas, sendo que as mesmas pretendem propiciar opinião e a reflexão sobre as experiências vividas pelos participantes, bem como sobre os assuntos a abordar. O guião é também composto por uma breve introdução onde é explicado o objetivo do estudo e uma conclusão onde há espaço para a

¹ Esta escolha deve-se ao facto de, em Portugal, neste intervalo de idades, ser-se considerado jovem.

opinião dos participantes acerca da entrevista. As questões sobre os dados sociodemográficos são feitas antes de passar à entrevista propriamente dita.

Apesar do recurso ao guião algumas questões foram sendo colocadas tendo em conta as respostas dos participantes. Logo, a ordem das questões não é linear e nem sempre foram colocadas da mesma forma. Ainda assim, foi sempre tido em conta o uso de uma linguagem explícita e procurando que todas as temáticas do guião fossem contempladas.

Procedimento

Previamente à recolha de dados, foram assegurados todos os procedimentos éticos. Os/as participantes permitiram que a entrevista fosse gravada para poder ser transcrita posteriormente e que a divulgação da informação fosse apenas usada em contexto científico-académico, garantindo desta forma a confidencialidade dos dados fornecidos.

Foi atribuído um número seguido do género de cada participante para uma melhor organização dos dados.

A colaboração dos participantes do estudo foi solicitada por meio de contactos próprios criando desta forma o efeito “bola de neve”.

Relativamente ao espaço físico onde foi realizada a recolha de dados, não existiu um local específico, tendo sempre sido o participante a escolher o local, de forma que se sentisse confortável. As entrevistas tiveram uma duração mínima de 19 minutos e máxima de 68 minutos.

Posteriormente à recolha das entrevistas, foi realizada a transcrição das mesmas, tentando sempre respeitar o mais possível as palavras, silêncios e interjeições dos entrevistados.

Metodologia qualitativa e análise de conteúdo

A pesquisa qualitativa, segundo Denzin (1994), é multimetodológica no que respeita ao seu foco, envolvendo assim uma abordagem interpretativa e naturalista para o seu assunto. Deste modo, os pesquisadores qualitativos estudam no seu contexto natural, na tentativa de dar um sentido e interpretar fenómenos em termos dos significados que as pessoas lhes trazem.

Para Gaskell (2002) a pesquisa qualitativa também "fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e a sua situação. O

objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivação, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos". Outra das características que o autor aponta ao método qualitativo é "o fornecimento de uma descrição detalhada de um meio social específico, uma base para construir um referencial para pesquisas futuras e fornecer dados para testar expectativas e hipóteses desenvolvidas fora de uma perspectiva teórica específica" (Gaskell, p. 65).

A opção pela investigação qualitativa na presente problemática deve-se ao facto de considerarmos que a mesma, pelo seu carácter exploratório, beneficia com o uso de uma análise de conteúdo. Segundo Bardin (2011) o termo análise de conteúdo designa um conjunto de técnicas de análise das comunicações procurando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2011).

Para esta mesma autora (2011), a utilização da análise de conteúdo rege-se por três fases fundamentais: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados e a interpretação.

A fase da pré-análise é considerada uma fase de organização. Aqui estabelece-se um esquema de trabalho que deve ser conciso, com procedimentos bem definidos, ainda que flexíveis. Por norma, envolve a leitura "flutuante", ou seja, um primeiro contacto com os documentos que serão submetidos a análise, bem como a elaboração dos indicadores que orientarão a interpretação e a preparação formal do material.

Posteriormente, a fase de exploração refere-se à codificação dos dados por categorias e subcategorias e, consequentemente, juntam-se as unidades de registo semântico. O tratamento dos resultados remete à escolha das unidades de registo e à escolha de categorias. Posteriormente, os resultados são analisados e interpretados de acordo com a teoria já existente. Assim, procuraram-se ideias pertinentes dentro das respostas dos participantes, tentando compreender os sistemas cognitivos que lhes permitiram chegar a conclusões singulares (Silva, 2010).

Segue o quadro descritivo das categorias de análise de conteúdo.

Quadro 1 – Apresentação e descrição das categorias de análise de conteúdo

| Categoria | Definição |
|--|---|
| Ser jovem e viver a juventude na contemporaneidade | Esta categoria procura perceber o significado que a juventude tem dela própria. |
| Subcategoria | |
| <ul style="list-style-type: none"> - Ser jovem e a juventude hoje em Portugal em termos mais globais; - Expectativas sociais sobre os/as jovens e desafios que hoje são colocados às juventudes | |
| Questões Orientadoras | |
| <ul style="list-style-type: none"> - Expectativas e exigências da sociedade sobre as juventudes; O que acha que os jovens podem esperar da sociedade; o que pode esta fazer pelas suas juventudes? Especificamente o que o campo da educação, do trabalho tem feito pelas pessoas jovens? Que repto lançaria a políticos/as e outros/as líderes no sentido de chamar a atenção para necessidades específicas das pessoas jovens? Que lugares considera que a sociedade tem para as pessoas jovens? Há espaços de participação? Quais os desafios de hoje para as juventudes? Há diferentes desafios para rapazes e raparigas? | |

| Categoria | Definição |
|---|---|
| Ser jovem rapaz e ser homem | Nesta categoria o objetivo prende-se com a procura de significados atribuídos às transformações sociais do séc. XX e séc. XXI. Entender de que forma as expectativas são percebidas nos diferentes géneros e como as transformações da masculinidade afetaram a vida do homem e da mulher |
| Subcategoria | |
| <p>As transformações de hoje afetaram a socialização e a educação de rapazes e raparigas; Existem expectativas sociais diferentes para o ser mulher e ser homem; Transformações na vivência do ser homem, nas masculinidades hoje.</p> | |
| Questões Orientadoras | |
| <p>Como descreveria essa socialização e educação nas suas diferenças e semelhanças.; - Posicionamento sobre os diferentes papéis sociais do ser homem e do ser mulher.; - Como caracterizaria o ser homem hoje? E o ser mulher? Quais os papéis sociais que associamos ao ser homem e ser mulher? Quais as principais semelhanças, quais as grandes diferenças?</p> | |

| Categoria | Definição |
|---|--|
| Ser homem, ser mulher e parentalidade | Nesta categoria o objetivo é perceber quais as expectativas dos jovens sobre a parentalidade e quais os fatores que os levam à mesma |
| Subcategoria | |
| O conceito de ser homem e ser mulher aparece, muitas das vezes, associado à parentalidade: o ser pai e o ser mãe. | |
| Questões Orientadoras | |
| O que considera que está em jogo na tomada de decisão? Quais as perspetivas e expectativas pessoais sobre ser pai? Quais as principais razões pessoais para essa decisão? O que o faria mudar de opinião? Que mudanças sociais precisariam de ocorrer? | |
| Categoria | Definição |
| Ser pai e paternidade | De que forma os jovens percecionam a parentalidade dos seus pais. |
| Subcategoria | |
| As características dos pais e mães dos jovens são abordadas de forma a perceber quais os modelos que os jovens pretendem assumir quando forem pais/mães. | |
| Questões Orientadoras | |
| O que é ser um “bom pai”? O que é ser uma “boa mãe”? Como se veria a ser pai? Como seria se fosse pai de rapazes e de raparigas? Que semelhanças e diferenças? | |
| Categoria | Definição |
| Parentalidade e a gestão constrangimentos e contextos | Esta categoria prende-se à forma como os participantes encaram os constrangimentos da parentalidade em interface com as questões do emprego e a conciliação do trabalho-família. |
| Subcategoria | |
| A vivência da parentalidade, e mesmo a tomada de decisão de ser pai ou mãe, é, muitas vezes, condicionada pelas questões do emprego e da conciliação família-trabalho; As transformações atuais no mundo do trabalho fazem com que se torne cada vez mais difícil as pessoas conciliarem o mundo do trabalho com a vida privada.; Que impacto pode ter nas carreiras profissionais e progressão, a maternidade e a paternidade. | |

| Questões Orientadoras | |
|--|---|
| <p>Como considera que estas dimensões afetam as decisões sobre ser pai e mãe e as suas em particular? Que dilemas se colocam a pais e mães nestas questões de conciliação? Como se veria com o/a seu/sua companheiro/a na gestão de alguns destes constrangimentos (licenças, etc.)? Se fosse um empregador, e tivesse essa possibilidade, que condições criaria para facilitar a conciliação entre o trabalho e a vida privada, nomeadamente a vida familiar? Considera que deveriam ser as mesmas para os homens e as mulheres? Para pessoas com filhos/as e sem filhos/as? Faz sentido pensar na promoção da igualdade nesta matéria?</p> | |
| Categoria | Definição |
| Questões finais | As questões finais pretendem entender quais as previsões dos jovens no que se refere ao seu futuro próximo e a um futuro mais distante. |
| Subcategoria | |
| Antevisão de um futuro próximo e de um futuro mais longínquo. | |
| Questões Orientadoras | |
| <p>Como descreveria o seu futuro próximo em termos de carreira, família, etc.? Como se vê daqui a 10 anos? Se pudesse concretizar três desejos o que escolheria?</p> | |

RESULTADOS

1. Ser jovem e a vivência da juventude hoje em Portugal

Tal como em outros contextos ocidentais a juventude cada vez mais incerta e não linear prolonga-se no tempo. Esta realidade afeta o modo como é experienciada e, por esse motivo, pareceu-nos fundamental perceber de que forma é que os participantes deste estudo, sendo eles também jovens, percebem a juventude na contemporaneidade e se o conceito de transição juvenil ainda faz sentido.

Indo um pouco ao encontro do que era esperado confirmou-se no discurso dos/as participantes a ideia ainda atual de que o tempo da juventude é um tempo de espera e que estão a passar por uma *fase de transição* nas suas vidas. Tanto rapazes como raparigas transmitem essa ideia:

8.F.- “Então, estão a acabar um ciclo escolar/ académico, estão se calhar a iniciar uma vida amorosa, querer se juntar, início de carreira, começam a construir ideais, não é? Que querem para si...” (...) “Sim, começa-se a formar uma identidade mais... mais própria, mais adulta, começam a ter mais responsabilidades...”;

11.M.- “Depois *chega-se ali a uma fase de indecisão que é quando se acaba de estudar, arranjar um emprego*. Uma pessoa tem sempre aquela visão de arranjar um emprego na área, que muitas vezes não se consegue responder à realidade, depende das áreas claro, que cada um estudar ehhh neste momento considero-me assim um bocadinho na fase de indecisão, assim um bocadinho...”;

12.F.- “Olha, eu acho que a juventude está numa situação extremamente complicada, precisamente por causa da instabilidade que se tem a nível de emprego.”; 16.F.- “Ah, e também as questões de emprego, também acho que não é uma questão fácil de lidar. Não sei.”;

17.M.- “É assim (riso) é assim, para muitos é complicado, em termos de emprego e de oportunidades pelas escolhas às vezes profissionais que fizeram, eu se pudesse voltar atrás se calhar fazia outras....acho que toda a gente se deve dedicar aquilo que gosta, mas pronto, há muitas áreas que em Portugal há muito desemprego, muitas faltas de oportunidade, muita exploração, que é principalmente para os jovens que acabam os estudos e começam a trabalhar em Portugal deve ser pronto um problema muito grande que é a exploração...”;

26.M.- “...mas sinto também que hoje em dia as pessoas *quando acabam os estudos tentam recorrer à procura de emprego* e acho que os empregos hoje em dia também nos roubam muito tempo e faz com que então as pessoas que estão a estudar ainda têm tempo para usufruir... acho que a pressão hoje em dia acaba por ser maior e a nível de stress e então acho que as pessoas tendem a focar-se um bocado mais no trabalho pronto e quando têm tempo é basicamente estar com os amigos e aproveitar um bocado...”.

Os/as participantes enfatizaram, de modo mais acentuado, nesta fase de transição a importância dos momentos de *lazer*, dos *amigos* e da presença do mundo digital, nomeadamente das *redes sociais*, *enquanto contexto de sociabilidade*:

4.M.- “Sim, *tem muito a ver com o facebook e com as redes sociais*, a maior parte das nossas conversas, que nós temos, passam muito por isso. Já não há tanta conversa face to face, assim cara à cara, mas há mais ou menos maior integridade dentro do que, das redes sociais.”;

5.M. - “A maior diferença é realmente nos... na tecnologia, neste caso, eehhh antigamente as pessoas saíam e conversavam e iam a cafés, etc, hoje em dia também vão a cafés, também vão a bares, também conversam, *mas cinge-se mais com a presença das tecnologias*, pode-se ir ao cinema, pode-se ir ver um filme, pode-se ir, mesmo que as pessoas estejam em bares vão obviamente ver os telemóveis a todo o tempo...”; 8.M. - “Hoje em dia acho que os jovens estão

muito parados no que toca a actividade pós-laboral. Acho que estão muito dependentes das tecnologias e esquecem-se um bocado de relações, de se relacionar com outras pessoas, em contrapartida das televisões, dos ipads, dos telemóveis entre outros.”;

15.F.- “Os jovens, pelo que eu vejo, grande parte dos jovens gostam, principalmente os jovens universitários e assim, *gostam muito de sair à noite, vivem muito para os amigos*, menos para a família, acho que dantes dava-se mais importância à família acho que agora menos. As pessoas estão muito viradas também, *é tudo para o social mais, para as redes sociais*, para estar com os amigos, é basicamente isso. Acho que os jovens de hoje em dia vivem muito para o social.”;

20. F. - “*Computador, televisão, tablets, telemóveis*, não ligam a praticamente nada e principalmente os mais novos não sabem o que é brincar na rua como nós fazíamos na nossa idade.”.

No entanto, o papel da *educação (escolar)* aparece igualmente assinalado como fundamental referido de forma frequente, sendo interpretado como um contexto de referência na juventude de cada um/a deles/as:

1.M.- “Eu acho que ser jovem é, na grande parte, acho que talvez seja estudar trabalhar ao mesmo tempo. Acho que passa muito por aí.”;

6.M.- “... acho que os jovens nos dias de hoje, a comparar, por exemplo, se formos a ver há 20 ou 30 anos atrás, *há mais gente na faculdade, há mais gente a tirar cursos superiores*, pelo menos licenciaturas e por aí fora...”;

7.F.- “Eu acho que ser jovem é, é aquela fase da vida em que temos que nos, não é bem aplicar mais, mas esforçarmo-nos mais um bocado porque é onde começa.”;

22.M.- “... ok, pelo que eu via na universidade uns estão a estudar outros estão a jogar às cartas e a beber cerveja no café. Pronto, é basicamente isso.”;

25.M.- “Ora bem, eu acho que existem dois tipos de jovens, *existem aqueles jovens que fizeram o 12º ano* e depois a partir daí *tiraram um curso profissional ou* então foram logo trabalhar e há aquele grupo de jovens que seguiu o ensino e foi logo para a faculdade e fez os 3 anos que tem que fazer e acho que há uma mentalidade diferente entre esses dois grupos. (...) Dá-se muito valor às carreiras, ”tenho de ter uma carreira na minha vida...”;

26.M.- “...porque *os jovens hoje em dia tendem a estudar até mais tarde* e coisa que antes não se fazia...”.

Entre alguns jovens verificou-se ainda que tendem a olhar para a juventude contemporânea como sendo uma fase de uma maior imaturidade acompanhada de uma ambição de *crescer depressa* demais:

17.M.- “... assusta-me um bocado notar que *a malta começa a fazer as coisas cada vez mais cedo*, antigamente... eu tenho uma irmã mais velha, ela começou a sair aos 18 anos à noite, eu já comecei aos 16, e a malta agora começa aos 13 e aos 14 anos. E... acho que é assim, são adultos para umas coisas mais cedo e menos adultos, menos independentes, hãã mais velhos, não é. É assim, a malta desde muito jovem que começa a fazer muitas coisas que são mais de adulto nomeadamente no que toca a festa e em termos de diversão e sair à noite, e depois cada vez mais tarde é independente e consegue sair de casa e levar uma vida independente como realmente um adulto. Acho que é um bocadinho isso.”;

19. F.- “... eu quando olho para miúdos e miúdas assim com 20 anos, não tem nada a ver quando eu tinha 20 anos. *Não sei se são mais infantis ou se são mais avançados*, não sei explicar porque é um bocado... *acho que estão a crescer muito rápido e muitas vezes a mentalidade não acompanha esse crescimento*, eles querem crescer rápido e acho que são um bocado infantis nesse aspecto.”;

21. F. - “A sensação que eu tenho agora, é que acho que a maior parte dos jovens são um bocado mimados e estão habituados a ter tudo que querem.(...) É isso que eu vejo muito, mesmo porque no meu ambiente de trabalho está a entrar muita *gente nova e na qual têm 20,20 e tal e é o 1º emprego e falta-lhes um bocado de maturidade ainda*, de saber estar, de ter aquela responsabilidade de

trabalhar, naquela altura é para trabalhar , quando é para se descontraír é para descontraír. Não sabem muito bem gerir as coisas.”.

1.1. Expetativas sociais sobre os/as jovens e desafios

No que remete às expetativas sociais sobre os jovens e os desafios que lhes são colocados, os participantes foram bastante precisos nas suas afirmações. A sociedade espera, do seu ponto de vista, que obtenham um *elevado grau académico, carreiras de sucesso*, uma grande *capacidade de adaptação* e que sejam pessoas *responsáveis*:

1.M. - “Eu acho que, tem a expectativa de achar que *todos devem ser licenciados e doutores* e assim pessoas com grande cargo. Não, nunca assumem que um jovem pode ser um mero trabalhador numa profissão diferente, não numa profissão tão alta e tão prestigiante.”;

5.M.- “Primeiro, a educação. *A sociedade quer que a juventude seja, no mínimo, licenciada*, e em normal, um mestrado. Isso é em primeiro lugar a educação. Em segundo lugar, *a sociedade espera que eles sejam responsáveis...*”;

7.F.- “... eu acho que *ronda tudo à volta da escolaridade*, não sei porquê. Porque nós, a sociedade espera que nós sejamos alguém tipo, que... reconhecido ou alguém bom no que faz.”;

9.F.- “...pensando até no mercado de trabalho, eu acho que, hoje em dia, tendo em conta muitas coisas que se estão a viver, dos jovens é esperado uma *grande capacidade de adaptação*, acho que é-lhes exigido muita coisa, basta ver nos anúncios, *são sempre exigidos os melhores*.”;

11.M.- “Ok, o que *esperam é que os jovens tenham uma educação melhor*, que estejam mais bem formados, que estejam preparados sei lá para lidar com as novas tecnologias, coisas que não haviam no passado...”;

13.F.- “A sociedade cada vez espera mais que a juventude *seja proactiva* em relação a tudo, trabalho, comunicação, *educação muito educação...*”;

14.F.- “... o que a sociedade *espera é que nós sejamos sempre bem formados*, consigamos ter um emprego de sonho e consigamos pagar as nossas contas e tudo mais. (...) Acho que cada vez mais a sociedade espera um bom grau de formação dos nossos jovens...”;

22.M.- “... se calhar *acham que devem ser todos crânios*, não é. *Devem ser todos mestres logo à partida*. Porque é um bocado essa a noção que eu tenho.”;

24.M. - “Acho que agora *é tudo muito à volta da escola*, o que é bom porque impinge responsabilidades nos jovens... acho que o ponto 1 é a escola...(...) Esperam, na minha opinião, o acabar o curso em termos de faculdade e formar-se. Seja engenheiro, seja médico, mas ter um título digamos.”.

Ainda para além das expetativas a nível académico, alguns participantes também dão relevância ao facto de *as ofertas não estarem ao mesmo nível que as exigências*:

15.F.- “É assim, a sociedade espera que os jovens geralmente até, é, estudem muito, tenham muitos bons cursos, *mas depois não dá as oportunidades devidas* aos mesmos.”;

16.F.- “... estão sempre a exigir que sejamos alguém, que estudemos que tenhamos algum trabalho... alguma coisa, *mas depois também não existem oportunidades para isso*. E... sei lá, eu acho que estão a exigir também um bocado, por exemplo, estão sempre a exigir: “Tens que ser o melhor, tens que ser isto, tens que ser aquilo...””, eu acho que é mais por aí.”;

19.M.- “...acho que se deposita demasiadas expectativas nos jovens e os jovens não estão a dar resposta a essas expectativas, principalmente o que eu sinto na minha geração, a minha geração e a geração dos meus pais, por exemplo, não tem nada a ver. (...) e estamos um bocado habituados a que as coisas nos caíam do céu e então esta questão agora de haver muito desemprego ou termos trabalho e recebermos pouco é uma coisa que nos deixa bastante frustrados e aos nossos pais também porque é uma realidade um bocado estranha, não é, tu estás habituado a ter tudo na casa dos teus

país, de repente tens que lutar por ter uma vida sozinha e de repente ao final do mês chegas e não tens dinheiro para pagar a conta.”;

25.M.- “... acho que usa-se muito os jovens como bodes expiatórios às vezes. De uma forma positiva, mas também de uma forma negativa. (...) Tipo, *acho que às vezes aproveita-se demasiado desse dinamismo dos jovens, explora-se.* (...) Mas também há essa cena de, há muito essa ideia social de ‘não, nós temos que exigir aos jovens o mesmo que exigiram a nós. ‘ Estás a ver? Há muito essa cena de ...portanto, ‘eles também têm de saber o que é a vida!’ e não.”.

1.2. O que as pessoas jovens podem esperar da sociedade

No que diz respeito a esta dimensão de análise, os/as jovens dividem-se nas suas opiniões. Os *apoios à educação, suporte financeiro* e uma *maior igualdade social* estão mais presentes no seu discurso sobre as suas próprias expectativas relativamente à sociedade:

1.M.- “Sendo assim, acho que a sociedade tem é que, os jovens têm de esperar dela é *mais apoio...tanto a nível financeiro como apoio também escolar...*”;

3.M.- “... um bocado romantizar a coisa e vamos então que os jovens então esperam que a sociedade lhes dê as melhores condições para que o objectivo deles seja cumprido. (...) Pronto, *acima de tudo é garantir a educação para todos.* (...) Para não haver aqui esta desigualdade social.”;

4.M.- “...a sociedade tem tido muitos problemas, em termos financeiros, económicos e sociais até (...) Mas é assim, eu quero acreditar que tudo muda e, se de facto as coisas melhorarem, então vamos ter uma vida, uma vida muito boa à nossa frente... (...) ...espero que melhore e que continue a melhorar para nós termos assim maiores aproveitamentos, *maiores condições de trabalho, maiores opções de emprego*, isso seria muito benéfico [benéfico] para nós.”;

5.M.- “*Os jovens esperam que a sociedade* os apoie. Esperam que a sociedade não julgue, esperam que a sociedade se adapte a eles e não eles que se adaptem à sociedade, em muitos casos, não digo que é todos, mas... esperam também que a sociedade esteja de acordo com aquilo que eles precisam.”;

6.M.- “...mas socialmente nós podemos esperar uma educação pública, um serviço de saúde público. (...) ...fora isso, não sei muito bem dizer... mas penso que quer dizer em termos especiais acho que todos podemos considerar, quero dizer, *aqueles limites que temos uma educação pública, um serviço nacional de saúde, isso mantém-se sempre*, acredito eu, acho que...(...) o ensino superior tem, porque pelo menos educa-nos, dá-nos mais qualquer coisa, dá-nos mais alguma garantia, alguma vantagem, agora se calhar a sociedade... (...) *Agora o problema é que depois o país não está preparado para receber tanta gente...*...há muitos cursos que se calhar não têm saída, as pessoas acabam por não trabalhar com aquilo, e *muitos acabam por se formar para ir para fora, trabalhar para fora*, não é, para o estrangeiro. (...)... eu acho que, que um dos grandes desafios é exatamente esse é a falta de emprego e mesmo o emprego que existe é um emprego precário e mal pago.”;

7.F.- “... nós para conseguir-mos chegar ao que a sociedade espera de nós, nós devemos ter meios e acho que a sociedade, não sei bem se é assim, não nos dá. Porque a escolaridade em Portugal não é de borla como dizem, porque gastam-se fortunas.”;

24.M.- “*Talvez que a sociedade os apoie e que os compreenda* nesse percurso até ao título e nas dificuldades que o percurso vai ter, não é.”;

27.F.-” Sim, sim, sim... provavelmente esperariam oportunidades, mais oportunidades. Porque há aquilo que se calhar exigem, poderiam dar mais, ou seja, “*vou- te exigir isso, mas em compensação vais ter isto*”. E eu acho que ainda falta aí uma... é a tal discrepância.”.

Alguns/mas participantes *integram a própria juventude na mudança social*, considerando que *ela também tem de ter um papel ativo*, enfatizando a sua própria responsabilidade em investir na sociedade em que estão integrados:

17.M.- “É assim eu acho que todos nós esperamos o mesmo da sociedade, não é, que seja uma sociedade *justa com uma igualdade de direitos, uma igualdade de oportunidades*... Agora, eu não sei é se as pessoas têm noção que para quererem isso têm que fazer por isso, não é? E é um bocado isso, as pessoas hoje em dia, nomeadamente os jovens eh: ‘Ah, eu tenho direito a isto, eu tenho direito aquilo.’, *mas também há uma falta de procura de cumprir também o dever de cada um.*”;

19.F.- “Mas na verdade a sociedade também é formada por eles e eles também fazem parte da sociedade. E, *se eles querem realmente que a sociedade lhes ofereça algo tem que oferecer algo à sociedade*, isto é uma questão de troca, não é, ou seja, também não podem estar à espera é a tal questão não se pode estar à espera que as coisas apareçam e eles não lutam nada (...) e de repente comesas a pensar: ‘Não. Tenho de fazer eu alguma coisa. *Tenho que oferecer eu alguma coisa à sociedade para a sociedade me dar de volta.*’, (...) Sim, mais proactivos mesmo. (...) Não é só para a sociedade, mas é o meio em que tu estás não te oferece isso, não é, o teu próprio país é muito mais atrasado do que outros, por exemplo, não te abre tantas portas, mas olha se a resposta for sair, saís, podes sair e depois voltar com mais outra cabeça e oferecer ao teu país de novo.”;

21.F. - “É assim, hoje em dia a coisa não está muito fácil, não é, e, portanto *acho que também os jovens têm que fazer por isso*. Não podem esperar que as outras pessoas, mesmo a sociedade em si, façam as coisas por eles. E, portanto, se eles também não se dedicarem e não tiverem objetivos de vida, não há muito que se possa fazer, quero dizer... claro que hoje em dia está complicado de arranjar emprego, em termos de ordenados a coisas não é muito famosa o que leva muitas vezes a jovens a emigrarem e a saírem do país, a procurar algo melhor, hããã, mas lá está, mas também depende de nós, da maneira daquilo que queremos, como queremos, já a pensar num futuro, não é.”;

23. F. “Sim, acho que cada vez mais as pessoas têm que lutar um bocado por si. E muito principalmente, acho que pelo momento um bocado de crise que estamos a passar, acho que os jovens pouco dão ou pouco têm dado ao país. No sentido de, o país cada vez mais obriga, por exemplo, a que os jovens tenham que emigrar para terem um melhor futuro, cada vez mais o país dá poucas oportunidades aos jovens.”; 25.M.- “...acho que não podem ficar muito à espera (riso) estás ver?! (...) Acho que têm que ir ter com ela (...) ...*“Eu não vou ficar aqui parado à espera que algo aconteça, eu é que vou fazer”*.”.

Existe um número de jovens (sete) que se manifesta *desacreditado*, utilizando um *discurso negativo* e pouco *expectante*:

9.F.- “Eu acho que *os jovens esperam da sociedade dificuldade* (...) sabem que, têm... lá está, têm que fazer esta adaptação e têm que ter uma grande capacidade de inovar, de... têm que ser empreendedores também, acima de tudo.”;

10.M.- “Ok, em termos globais, sendo objetivo da minha vida ter uma vida estável, e estabilidade só se consegue através de ter um salário e uma família estável, penso que está difícil para os jovens, uma vez que as oportunidades de emprego são cada vez mais reduzidas e nem todos conseguem essa oportunidade... (...) *...mas não prevejo um futuro nada fácil para os jovens*...por estarmos num país...por termos passado a crise que passamos e a oportunidade de emprego, são cada vez mais escassas e é mais por aí. Não garante estabilidade para o futuro.”;

14.F.- “... os jovens, o que é que podem esperar da sociedade? *Nada*. (risos) Não, a única coisa que neste momento os jovens podem esperar e podem sonhar, entre aspas, podemos falar a nível da empregabilidade, por exemplo, e podemos esperar também que consigamos, como agora já estão a começar a implementar, por exemplo, a nível dos estudos...”;

15.F.- “... a sociedade não dava oportunidades aos jovens. Não dá mesmo, por que cada vez mais se emprega menos e... eu vejo essas oportunidades muito à base do emprego. Pronto, por isso eu estou

a falar mais nessa área, não sei se era suposto ou não, mas... mais nessa área do emprego, **a sociedade não dá valor nenhum nem dá oportunidade nenhuma**. Absolutamente nenhuma.”;

22.M.- “**Eu não espero nada**, eu muito sinceramente quero é viver a minha vida em paz...”;

26.M.- “Acho que a nível social as coisas tendem a melhorar, mas eu acho que também a juventude desistiu um bocado se calhar de acreditar que a sociedade pode fazer algo por nós. Ou que a gente consiga fazer algo pela sociedade. **Acho que está tudo um bocado descrente** daí muitas das vezes eeh procurarem trabalhos noutros países porque acreditam que às vezes, pronto, a nível de sociedade possa às vezes derivado a outros costumes e outros hábitos eeh existir alteração.”;

28.F.- “Eu acho que os jovens da sociedade... acho que eles não estão muito expectantes. E quando pensam a fundo na questão acho que se sentem um bocadinho perdidos, porque eu acho que nós estamos numa crise, fala-se muito em crise económica mas eu acho que nós estamos a passar, acima de tudo, uma crise muito grande de identidade.(...)... aliás, **as nossas grandes apostas não estão cá, vêm-se forçadas a ir para outra sociedade**, viver com outras pessoas que não as nossas, têm que criar raízes noutros sítios, por isso eu **acho que o jovem, que pensa a sério nisso, acaba por ficar um bocadinho triste, desiludido e um bocadinho assustado com o futuro que se avizinha**.”.

Ainda que com menos frequência, pode encontrar-se um discurso que revela jovens à espera de **maior compreensão** por parte da sociedade, uma **maior abertura de mentalidades** para as mudanças que têm vindo a ocorrer em termos de novos estilos de vida e diversidade:

11.M.- “**Eu gostava de esperar uma sociedade que fosse mais aberta em ideias**, se calhar, pelo menos a realidade portuguesa ainda acho que é muito fechada, acima de tudo é isso...”;

12.M.- “Olha, isso é uma boa pergunta (risos). Eu não sei o que é que a gente pode esperar da sociedade, mas se calhar podíamos esperar menos aquela sensação de ‘Ah pois, já tens essa idade e então e não trabalhas? E o que é que estás a fazer?’”, **se calhar era preciso era mudar as mentalidades**. Acho que era o mais importante.”;

13.F.- “... os jovens hoje em dia esperam da sociedade **pessoas mais compreensíveis**, mais, que saibam viver em comunidade, respeitando os outros, por exemplo, também.”;

29.M.- “No geral... Em termos de trabalho é bastante cruel, o jovem tem que “pedalar muito”... Quanto ao resto, a sociedade em si acho que olha o jovem um bocadinho também com desdém. Acham que por ser jovens que são malucos (...) Neste século, há um choque de mentalidades muito grande porque neste momento estamos num ponto de transição completo de mentalidades, em que dantes não se falava de muitos outros temas, que antes eram tabu e que agora não são.”.

1.3. O que é que o campo da educação e do trabalho tem feito pelas pessoas jovens

A grande parte dos/as participantes concorda que a **educação tem vindo a melhorar**, no entanto, no que se refere ao trabalho, o discurso não é tão positivo, acreditando muitos dos participantes na **falta de soluções** e nas **poucas respostas** que o trabalho tem dado ao investimento que é feito na educação:

3.M.- “Pronto, acima de tudo é garantir a educação para todos. (...) Eeh, mas pronto acima de tudo também garantir para todos. Para não haver aqui esta desigualdade social.”;

4.M.- “... mas é assim, eu acho que a **educação tem vindo a melhorar muito**.”;

5.M.- “Têm mandado os jovens para fora do país. **A falta de trabalho tem mandado muitos jovens para fora do país, tal como eu**. (...) Estive à procura bastante tempo e não encontrei trabalho e a mesma coisa acontece com jovens que são licenciados ou até mesmo com mestrado e não encontram trabalho e então são forçados a emigrar.”;

6.M.- “...tem-nos valorizado muito (o ensino), acredito eu. Agora o problema é que depois o país não está preparado para receber tanta gente...há muitos cursos que se calhar não têm saída, as

peessoas acabam por não trabalhar com aquilo, e muitos acabam por se formar para ir para fora, trabalhar para fora, não é, para o estrangeiro.(...) ... o ensino superior tem porque pelo menos educamos, dá-nos mais qualquer coisa,dá-nos mais alguma garantia,alguma vantagem, agora se calhar a sociedade...(...) Emprega...(...) na medida do possível não é, temos uma taxa de desemprego, principalmente para os jovens muito elevada, portanto nesse sentido é um bocado duvidoso, mas sim...A taxa de desemprego jovem é alta... (...) ...eu acho que, que um dos grandes desafios é exactamente esse é a falta de emprego e mesmo o emprego que existe é um emprego precário e mal pago.”;

8.F.- “... eu acho que em Portugal eehh a educação acho que tem um nível ótimo. Não sei, também não estou muito bem informada à cerca de outros países, mas acho que em Portugal o ensino é ótimo. Acho que formam bem as pessoas. (...) É assim, eu acho que existem algumas oportunidades, mas se calhar não em todas as áreas, nas que existem. **Muitos procuram essas oportunidades lá fora, aqui se calhar há alguma escassez, em algumas áreas outras não.**”;

10.M.- “Em termos históricos, antigamente a escolaridade obrigatória era até ao 4º ano, neste momento já contamos com a escolaridade obrigatória até ao 12º. **Acho que está bem patente na sociedade que para ter sucesso ou para ter uma vida estável no futuro é preciso ter educação, é preciso tirar o curso e muitas vezes a licenciatura não basta.**”;

12.F.- “**Eu acho que o que tem feito se calhar é melhorar a nossa formação, agora não sei é se nos dá grandes oportunidades futuras...** (...) Acho que a única coisa que tem feito pelos jovens é dar-lhes oportunidade de fazerem muitos estágios, estamos sempre disponíveis para fazer estágios, estágios, estágios.Mas não nos dão um vínculo, não nos dão uma segurança futura.”;

13.F.- “ A educação melhorou imenso, acho eu, o acesso à educação, o ensino obrigatório aumentou, por exemplo, ou seja, somos pessoas mais formadas com mais conhecimento...(...) Depende, lá está, o trabalho depende da oportunidade também que tu tens ... nem toda a gente tem o emprego desejado conforme os estudos que tem, lá está, há licenciados a trabalhar em postos de emprego mais precários, ou seja, o trabalho não conjuga muito bem com o...”;

16.F.- “Eu acho que acaba por criar mais novas oportunidades, de ensino, de acesso a esses estabelecimentos... mas lá está, depois para arranjar algum...algum emprego,alguma coisa é sempre mais difícil.”;

20.F.- “Em relação à educação de estudos, mesmo que a educação dá, eu acho que está melhor, a nível de programas e de tudo, sinceramente acho que está melhor. (...no trabalho) neste momento não está a fazer grande coisa. (...) Procura-se trabalhos, trabalhos quer seja na área quer não seja, porque na minha área também não é muito fácil de encontrar, mas sempre que eu encontro alguma coisa na minha área pedem com experiência.”;

23.F.- “...na parte da educação, acho que tem havido grandes incentivos para os jovens. (...) o país tem dado pouca oportunidade a jovens formados recentes. **O país cada vez menos dá oportunidades aos jovens.**”.

Ainda que seja claro que todos os jovens considerem que a educação tem vindo a melhorar, quase um terço dos participantes menciona o contrário. Esta amostra refere que **a educação estagnou** e que não acompanha a evolução da sociedade ou até mesmo que tem vindo a baixar, mas é clara na falta de apoio ao trabalho:

17.M.- “... **tenho uma visão muito negativa.** (...) há muito facilitismo, e pronto o nível da educação vai baixando. Isto em relação à educação escolar. (...)... tem sido cada vez mais baixo, pronto, **isto interessa formar gente, não interessa para quê, não interessa se é para ficarem desempregados, mas interessa é formar gente.** (...)... é assim nos últimos anos eu tenho reparado que surgem muitos apoios a jovens empresários, a pessoas que querem abrir um primeiro negócio... são apoios que são extremamente burocráticos e que lá está depois ao fim ao cabo, poucas pessoas têm acesso a esses apoios. (...) ...isto já entrávamos por outro campo que... ia falar aqui no pagamento tardio destes apoios às empresas que eu sei que houve muita gente que teve projectos aprovados e apoiados financeiramente e que até hoje nunca receberam um tostão ao ponto de terem que fechar outra vez.”;

18.M.- “*Eu acho que o campo da educação também infelizmente não tem criado tantas oportunidades para os jovens* e eu digo isto mais ligado à parte profissional, por exemplo, nos estágios o sistema educacional não está a permitir isso aos jovens e felizmente existem tal como a minha associação juvenil que permite aos jovens para desenvolverem estágios nas áreas em que se formaram e que lhes dá uma visão e uma realidade diferente daquilo que será o mercado de trabalho futuramente. (...) ...acho que o mercado de trabalho tem estado cada vez mais selectivo...”;

19.F.- “...sempre tive professores muito bons, mas por exemplo, *na universidade acho que não foi tanto o caso, acho que eles não te preparam minimamente para a vida real, mesmo.* (...) acho que a vida académica...acho que não te prepara para uma vida profissional muito clara, acho que é assim só uma utopia...(...) pronto, esta questão dos estágios profissionais que o estado ajuda, se isto funcionasse como deve ser acho que...pronto, era uma mais valia para os jovens, e tudo, uma inserção muito mais rápida no mundo do trabalho. Agora, não te dão... as empresas aproveitam-se um pouco dessas coisas, não é, e aproveitam-se muito dos jovens, os jovens são máquinas de trabalho, e os jovens estão desesperados, querem trabalhar, querem aprender, querem ganhar currículo, querem ganhar experiência e estão a fazer isso a ganhar muito pouco, a ganhar o ordenado mínimo que se, mas muitos nem se importam, querem é ganhar a experiência e muitas empresas aproveitam-se disso e não são um incentivo. (...) É assim, é claro que dá experiência, não é, e ensina, ensina coisas que tu não aprendeste enquanto estavas a ser estudante, mas, é injusto. Acho que há muitos oportunistas neste mundo do trabalho.”;

25.M.- “*Acho que tem castrado muito a criatividade dos jovens*, acho que tem castrado muito. *Acho que o sistema de ensino não faz sentido*, este sistema de ensino que nós temos, e é uma coisa que só se apercebe depois de estar fora dele... Porque quando estamos lá, miúdos, 10º ano, não pensamos nessas questões. Mas é um sistema que não faz muito sentido. (...) Nós estamos ali 3 anos a levar com teoria pura e depois querem que num mês vamos para uma sala com um miúdo e “Desenrasca-te! Agora faz isso.” , estás a ver? (...) ...mas acho que nós, os putos não saem a saber fazer nada do ensino, e acho que o ensino está muito mal estruturado porque eles põem lá os miúdos e não exploram as potencialidades deles. (...) *O trabalho... ó pá, eu acho que o trabalho, acho que eles abusam muito dos jovens.* Ó pá, pra mim não faz muito sentido eles fazerem estágio e não ser pago por isso. (...) é muito estranho isso. Não se pagar os estágios... e trabalham tantas horas como o pessoal que está lá a ser pago (...) acho que os jovens agora têm mais audácia para começar os seus próprios projetos, isso é verdade, acho que há muitos jovens assim.”;

29.M.- “*Acho que em termos escolares acho que temos muito ainda que evoluir. Temos muita teoria e pouca prática*, enquanto que outros países têm pouca prática e muita teoria e saem melhores preparados que nós. (...) *O campo de trabalho, como te disse, está bastante estrangulado*, o mercado ainda está completamente saturado e também temos pessoas que estão a destruir o mercado em si. (...) Devia haver mudanças (...) mais compreensão por parte das empresas, e alguém tem que apostar nos jovens....”.

1.4. Que repto lançaria a políticos/as e outros/as líderes no sentido de chamar a atenção para necessidades específicas das pessoas jovens

Quando a questão é, qual seria o desafio que os jovens gostariam de lançar a políticos ou líderes, quase 50% dos participantes é unânime no que toca a ***a reestruturação do ensino***, o que vai contra a opinião, também quase da maioria, da questão anterior onde referem que o ensino em Portugal tem vindo a melhorar, ainda assim consideram existir uma necessidade de melhorá-lo. Também o desagrado com o pagamento de ***propinas*** é mencionado, assim como a necessidade de ***mais apoios financeiros e combater o desemprego***:

1.M.- “Ajudá-los a... pronto, vou dizer assim, a soltar-se dos pais e a proporcionar-lhes uma vida melhor a conseguirem seguir os objectivos. (...) *tanto a nível financeiro como apoio também*

escolar de qualquer das formas, visto que têm de trabalhar para sustentar os seus estudos. Eu acho que passa muito por aí.”;

3.M.- “... pronto, um desafio político passa por **uma reestruturação de sistema de ensino**. (...) ...por exemplo, falando e comparando com os outros países vejo que é um bocado absurdo, e isso sim, tem de ser uma coisa a ser mudada, porque é, lá está, **faz com que o ensino seja público mas só para alguns, ou seja, é público mas não está acessível a todos**. E mesmo até chegar ao ensino superior, digamos assim, nem todos conseguem chegar ao ensino superior. Porque é preciso ter boas notas, é preciso tudo, e é assim, sabemos que muitas vezes isso consegue-se com uma ajuda financeira.”;

5.M.- “Um desafio que eu gostaria de impôr já, desde já, é **tentar ao máximo fazer com que as propinas sejam extintas**. (...) ...é o que não se vê em Portugal. (...) O valor das propinas está cada vez mais alto e as pessoas cada vez mais ficam com menos incentivo para ir para a universidade porque as pessoas estão a trabalhar...”;

6.M.- “**O desafio seria concertar o desemprego**.”;

7.F.- “...**mas eles já dizem que são grátis(as propinas). Dizem... na teoria**.”;

13.F.- “Motivar mais, motivar mais os jovens, sei lá, a apostar em novos negócios, por exemplo, negócios próprios, **dar mais apoios, e não incentivar** como até à pouco tempo incentivavam o pessoal a emigrar por exemplo.”;

14.F.- “...**mas uma das coisas que eu mudaria seria a nível do ministério da educação**.”;

15.F.- “...**na área da educação**, por exemplo, que eles arranjassem uma forma de conseguir todos os que realmente desejassem ingressar, por exemplo, na faculdade. Ou... ou noutro tipo de cursos que os jovens queiram, pronto, não precisa de ser só a faculdade. Ou que... é isso, eu acho que a nível da educação está a falhar. (...) Porque é que eu tenho de pagar para estudar se num curso profissional dão-te o dinheiro para tu estudares? Porque é que num curso universitário tens que pagar? **Acho que não faz sentido, devia ser público e de livre acesso**.”;

17.M.- “Eu acho é que **devia era haver uma reestruturação do sistema educacional** que temos, isto é, é preciso saber quais são as necessidades da sociedade em termos de trabalho e adequar a formação das pessoas a isto. (...) E prontos, agora na minha geração praticamente ninguém fica. (...) É por aí. **Não é ajustado a formação educacional que nós temos em Portugal para a necessidade, para a procura do mercado**.”;

18.M.- “Em Viseu, nós temos vários programas de apoios para os jovens para ingressar no mercado de trabalho ou para lhes dar visão da realidade no mercado de trabalho, temos, por exemplo, o orçamento participativo em que dependendo de um budget que oferecemos às escolas, as escolas através dos seus jovens podem apresentar as ideias candidatas, são ideias capazes de transformar e de se inserir na sociedade.”;

19.F.- “... **que dentro do próprio curso em vez de investirem tanto em cadeiras teóricas que se calhar não interessam para nada e insistissem mais numa de um estágio curricular**, nem que fosse 6 meses... só para elas perceberem mesmo como é que aquilo funciona e não ser só uma questão de estudar desenho, de darem-te a ferramenta mas ensinarem-te (...) Acho que deviam dar mais um cheirinho da realidade... em vez de ser só o que é bonito... Nos cursos de saúde existe sempre os estágios... “Mudar um pouco sim, reajustar o método em si.”;

21.F.- “Não sei, acho que as empresas deviam ter qualquer tipo de protocolo e não só contratar pessoas com experiência... de ter pelo menos meio-meio e depois realmente de ver as capacidades das pessoas. **Mas dar oportunidade a quem não tem experiência**, porque há pessoas que realmente até são boas naquilo que fazem, mas têm que ir para fora ganhar experiência para poder ter trabalho cá e acho que isso é errado.”;

23.F.- “Primeiro acho que dar mais incentivos às empresas, porque se as empresas tiverem mais incentivos para empregar...”;

25.M.- “**Reformulem a educação**. Há uma coisa que para mim não faz muito sentido que é, acho que as famílias deviam ter essa opção, se põem os filhos na escola ou não. (...) Que nem sequer é uma opção. Sim, eu acho que o ensino não dá essa liberdade. E depois vêm com aquela treta de “Não, vocês agora a partir da faculdade escolher aquilo que querem.”, e não é isso, nós vamos ter uma escolha super formatada. (...) É assim. Formatados desde pequeninhos, depois vamos ter aquele tipo de escolha, pensamos que a escolha foi nossa e não foi. É uma cena que foi formatada

em nós. E depois vamos descobrindo aos poucos que aquilo afinal não é a nossa cena, que podemos ser muito bons naquilo só que não é aquilo que te realiza... também podes ser bom em várias coisas, não é. Não digo isso. Mas pronto...(.) **Reformular o ensino, reformular o trabalho, ó pá dar mais condições aos jovens.** Pra estagiar, dar mais condições.”;

28.F.- ”... **apostar muito na parte prática, para eles terem uma noção do que é o mercado de trabalho**, da luta, da “selva” que é, da competição também, do que é a busca do seu “lugarzinho ao sol”, não é? Porque eu acho que uma coisa não deve estar dissociada d’outra...(.) **...nomeadamente ao Ministro da Educação**, não é, para apostar um bocadinho nesse sentido e apostar mais nos nossos jovens, porque eu acho que nós temos jovens com muito potencial. Não estão é aqui.”;

30.F.- ” Eu lançaria o desafio de nos equiparar-nos a outros países. Por exemplo, a Suíça, a Holanda têm um nível de educação totalmente diferente e a partir do 9º ano todos os estudantes escolhem uma vertente profissional.”.

Ainda nesta subcategoria, três participantes fazem alusão à **falta de fiscalização** por parte do estado nas empresas e a necessidade de **espaços para expôr anonimamente** os incidentes:

11.M.- “...acho que era interessante, para toda a gente perceber, lançar...**um espaço que tivesse bastante divulgação, por exemplo, as pessoas anonimamente poderem dizer o que se passa no seu ambiente de trabalho.** Pessoas que estão a entrar agora ou que estão a acabar os estudos, de saber também essas incertezas e publicar para as pessoas terem também um bocadinho, às vezes terem noção da realidade ou do ridículo que são às vezes pessoas com cargos superiores ou por aí...”;

26.M.- ” **É assim, eu acho que a nível de estágios e de apoios às empresas acho que as coisas deveriam ser mais fiscalizadas.** (...) ...mas sabemos também que nem todos os jovens depois vão dizer literalmente as coisas como são às vezes por um bocado de receio de consequência que podem ter dentro da empresa e etc.”;

29.M.- ” Primeiramente, devia haver mais incentivos da parte do Estado. Acho que deveriam ter mais controle sobre os recibos verdes que, infelizmente, a sociedade neste momento está a sofrer por isso. **Há muitos recibos falsos, recibos verdes, e os estágios profissionais deveriam ser muito mais controlados do que o que são hoje e facilitados**, ou seja, os estágios profissionais para uma empresa pedir às vezes rondam os 5, 8 meses de espera, até conseguirem estágio. Entretanto a pessoa está por contrato por lavrar com a empresa, a trabalhar na empresa sem ganhar absolutamente nenhum, a sujeitar-se.”.

1.5. Espaços de participação

Os jovens acreditam que **existem espaços** de participação para que ideias sejam trocadas e expostas, ainda que alguns **coloquem em causa** se alguém dê de facto atenção aos mesmos. Quanto à característica dos espaços, estes dividem-se por **organizações partidárias** e pelas **redes sociais**, consideram que a internet é um meio para se fazerem ouvir:

1.M.- “Sim, acho que... **há os partidos políticos** que assumem e têm aquelas, por exemplo, a JSD a juventude socialista, acho que se os jovens se interessarem por isso... (...) **Se dão ouvidos se calhar não, se calhar não.**”;

2.M.- “Sim, **acho que têm espaços de participação**, por exemplo, na política e isso têm, no entanto acho que em Portugal não há assim tantos jovens com interesse nisso como se calhar a sociedade esperaria.”;

6.M.- “**Acho que há alguns, mas acho que são muito poucos.** Mesmo os que existem acho que são poucos.(...)... e acho que mesmo aqueles que existem a opinião dos jovens ainda não é considerada, ainda é algo desvalorizada.”;

12.F.- “**Eu acho que tem. Há lugares.** Não acho é que consigam aderir o público jovem, ter a adesão não conseguem. (...) **Não se fazem muito ouvir.**”.

Para três dos participantes, o **conformismo da população portuguesa** é evidente:

17.M.- “Eu creio que há, agora não vejo muitos jovens também a procurar isso. (...) **e isto também é um defeito cultural, nós somos muito conformistas.** E estamos mal, somos explorados, mas pronto, no dia-a-dia vamos para o trabalho e não pensamos nisso... é o país do deixa andar.”;

25.M.- “...Só que hoje em dia nem que tu vais bocadinho para o facebook e tens voz, tens a tua voz lá,percebes? (...) Acho que chega, acho que as pessoas ouvem. Se fazem alguma coisa com isso, acho que já é diferente.(...) ...agora, ouve-se só. Ficamos todos ali a ouvir e não se faz muito. (...) **Gostamos muito de conversa, estamos sempre a conversar, sempre a conversar só que é filosofia de café. Não leva a lado nenhum.** Estás a ver? Não somos reivindicativos, pá, não somos isso.”;

27.F.- ” Eu acho que sim. O que eu acho que nós, pronto, e passa também por ser um, **acho que nós falamos muito mas fazemos pouco também**, isto é, nós vemos, temos exemplos de outros países qualquer...Nós aqui acabamos por ser mais benevolentes e reclamamos, reclamamos, reclamamos mas, ao fim ao cabo, também não fazemos muito para mudar. Há coisas que não dependem de nós, mas “a união faz a força”.

Ainda que a grande parte acredite que esses espaços existem, há seis jovens que acham o contrário:

7.F.- “Acho que não. **Se não forem os jovens a criar esse espaço, não...**”;

11.M.- “**Não, não acho.**”;

13.F.- “Acho que não. Eu acho que não, na minha opinião, não. **Não mesmo!**”;

15.F.- “...são sempre os velhos a falar...”;

23.F.- “Acho que não.”;

29.M.- ”**Acho que isso é quase inexistente em Portugal.** Existem alguns lugares mas são de tal maneira” pré-selecionados” que a resposta que chega neste caso às pessoas que gerem o nosso país, já é de tal maneira filtrada e pré-selecionada que já basicamente é quase uma censura. Já não é a realidade.”.

1.6. Desafios para os jovens. Juventudes heterogêneas. Diferentes desafios para rapazes e raparigas

Para um terço dos participantes os desafios colocados aos rapazes e raparigas são **idênticos**:

1.M.- “Sim, em Portugal acho que não há assim uma grande diferença, nem por parte de classes, nem se é sexo masculino ou feminino.(...) penso que os desafios na atualidade, **acho que são idênticos**, tanto para uns como para outros!”;

2.M.- “Acho que **sinceramente não vejo diferenças**, acho que já não vivemos naquele mundo onde as mulheres tinham as suas tarefas e os homens, tenho por experiência própria,tenho mulheres que trabalham ao mesmo nível que eu,umas mais acima outras mais abaixo,mas também vejo homens nessas mesmas posições. Não encontro difereças nesse aspeto.”;

4.M.- “... **eu acho que qualquer um tem as mesmas condições**, as mesmas oportunidades que rapazes e raparigas dependendo do sexo.”;

12.F.- “*Acho que já não há aquela separação de géneros...* pelo menos acho que não se nota tanto.”;

15.F.- “Não... *acho que cada vez mais temos igualdade de oportunidades.*”.

Para outro terço, ainda que existam alguns desafios diferentes, consideram ***que tem vindo a melhorar***:

10.M.- “Eeeh continua a haver sim. *Não tão demarcada como antigamente*, mas a questão racial, a questão do sexo continua a ser um entrave para a seleção e para o recrutamento das pessoas a nível empresarial, a nível do trabalho.”;

20.F.- “*Já foi pior, na minha opinião*, acho que já foi pior.”;

26.M.- “Sim. Acredito que... *hoje em dia já não seja tanto quanto antes*.(...) ...mas sinto que, se calhar, ainda há... (...) É assim, acho que isso não deixou de existir, ou seja, essas pequenas barreiras, porque existe, mas sinto que tendem a ser muito menores do que aquilo que eram antes. Acho que, hoje em dia, as pessoas não valorizam tanto o género e as etnias.”;

28.F.- “*Eu acho que se combateu e se tem vindo a combater isso*, desde há muito tempo e que, realmente, agora é muito escasso ou já não se vê tanto isso. Acredito que haja, acredito. Agora, não te sei especificar em quê. Eu acho que nós vivemos ainda numa sociedade muito sexista, só a partir daí, não é, acredito que haja realmente...agora não te consigo enumerar um exemplo, porque vi ou porque sei, neste exemplo e tal. (...) Aliás, a começar até pela... falando da educação, a praxe, para mim, é sexista. (...) Embora já não haja em grande escala ou tão à descarada. A camuflagem é cada vez... eu acho que às vezes nem é extinguir esse tipo de coisas, camufla-se muito bem.”;

29.M.- “Acho que sim, que *está num processo de mudança.*”.

Quase metade dos jovens refere ***haver diferenças*** e alguns especificam que as ***maiores remetem ao mundo do trabalho***:

5.M.- “*Em termos de trabalho para rapazes é mais fácil. Para raparigas por vezes nem tanto.* (...) A sociedade não é igual, nem nunca foi, nem, acho que nunca vai ser. (...) *É mais em termos de trabalho* ... Rapazes têm mais facilidades do que raparigas, raparigas são muitas vezes mal vistas pelas próprias coisas que podem ou não fazer, rapazes que se fazem uma ou duas coisas não são tão mal vistos como as raparigas.”;

6.M.- “Ah, *um dos maiores é o facto de ainda haver muita discriminação da mulher, principalmente no emprego*... E depois o outro, tem a ver com o estar grávida, ter filhos e por aí fora, o facto de haver muitas, não haver muito se calhar muitas empresas que não facilitam ou que não...acho que isso é outro problema...”;

7.F.- “*Ainda há empregos assim. Que fazem a separação de géneros.*”;

8.F.- “Eeh é assim, acho que a sociedade vê os com desafios diferentes...se calhar é dado eehh é dado um papel de muito mais responsabilidade ao homem do que à mulher.”;

11.M.- “...com certeza que há, ainda há muita gente que vive com o ideal do racismo (...) A orientação sexual, por exemplo, ainda impede muita coisa. Coisas pequeníssimas como, por exemplo, sei lá, ter tatuagens é um impeditivo a muita coisa... (...) *As mulheres ainda hoje em dia têm menos oportunidades que os rapazes, vemos isso na diferença salarial*, embora agora quando se começa um trabalho...”;

13.F.- “...claro que nos locais de trabalho há sempre aquela hierarquia de que o homem é o homem, a mulher é a mulher, está num patamar mais abaixo...”;

17.M.- “Sem dúvida, sem dúvida. *A sociedade portuguesa ainda é muito machista, e é claro que isso depois traduz-se no...pronto, a nível profissional.* É assim, em termos de educação se calhar só comecei a notar já essa diferenciação entre mulheres e homens hãã essa discriminação. E nos empregos é igual. Uma mulher tem que trabalhar o dobro para chegar... para evoluir ou para ser depositada confiança numa mulher se calhar numa função qualquer.”;

19.F.- “Sim. Não deveria haver, não é, acho que deveria ser tudo igual, mas claro que existe sempre e, tu basta ires a uma universidade. (...)... **de contratações de trabalho é muito mais fácil contratarem um homem do que uma mulher, mas eu acho que isso tem a ver com a questão da mulher poder engravidar**, em termos de licença, tipo acho que têm um bocado aquele estereótipo de as mulheres vão dar mais trabalho em contratar do que um homem.”.

E, curiosamente, **um participante masculino referiu com desagrado:**

25.M.- “As raparigas têm sempre que lidar com a questão da...de serem raparigas.”.

1.7. Socialização nas suas diferenças e semelhanças

Nesta subcategoria existe uma opinião homogénea entre os participantes. A maior parte está de acordo que hoje em dia a **socialização é mais positiva**, principalmente para as mulheres:

1.M.- “...mais as mulheres neste caso, de prosseguirem os estudos, acho que houve, começou-se a juntar e a terem os dois a mesma oportunidade. (...) Acho que já não há assim aquela diferença de que havia antigamente. Não, acho que isso já acabou.”;

4.M.- “Eu acho que hoje em dia a coisa já mudou completamente... pode a mulher trabalhar e o homem ficar em casa a cuidar dos filhos e isso, mas também há os casos em que fifty-fifty...”;

12.F.- “Olha, eu acho que para os rapazes se calhar não mudou assim tanto, acho que mudou muito mais para as raparigas.”;

14.F.- “As **diferenças que existem, principalmente é a nível de convivência**, posso falar na minha mãe, ela estudava numa escola só de mulheres.”;

17.M.- “...é assim, eu noto nas pessoas da minha idade, eu creio que a maior parte já tem uma visão diferente... **por exemplo em relação também à homossexualidade é mais aceite agora...**”;

18.M.- “Não, **nesse aspeto penso que estamos bastante mais evoluídos**, hoje em dia já se vê bastante socialização e num grupo de amigos em que já se vê pessoas de ambos os sexos, **já não há aquele aspecto de sair só com um grupo de rapazes ou sair só com um grupo de raparigas**, não, mas sim já se sentam todos à mesa.”;

19.F.- “Mas acho que a nível social, estar socialmente com alguém, ter uma conversa com alguém acho que está completamente homogeneizado. **É perfeitamente possível teres um grupo de rapazes e de raparigas bastante misto**, pronto nesse aspecto acho que corre bem.”;

28.F.- “Eu acho que, lá está, a nível dos próprios jovens, eu acho que eles já não sentem tanto... **já não se sentem tão inibidos perante essa guerra dos sexos.**”.

Embora no geral os participantes tenham uma perceção positiva também há participantes que acreditam que apesar de ter havido uma mudança há **preconceitos** e até **expectativas** que se vão manter:

10.M.- “Não sei, tendo em conta o que já foi e o que somos agora, acho que **somos uma sociedade com uma mente muito mais aberta, no entanto continuam a haver casos isolados de racismo, de xenofobia, etc...**”;

22.M.- “Acho que **hoje em dia há uma mente mais aberta e felizmente**, mas ainda assim, ainda se nota um bocado, **as pessoas ainda não se habituaram bem à ideia que somos todos iguais** e acho que é um bocado por aí.”;

24.M.- “Acho que são muito parecidas. **Tanto um rapaz como uma rapariga neste momento cresce em ambientes muito parecidos, mas ainda há umas pequenas diferenças principalmenete em**

termos de expectativas, tanto o que um pai espera de um rapaz e o que um pai ou uma mãe espera de uma rapariga. Acho que esses aspetos são diferentes, mas de resto em termos de crescimento e etc e do ambiente social em que se inserem aho que é bastante parecido.”;

25.M.- ” ... acho que entre as pessoas existe mais igualdade, estás a ver? Já não há aquela cena de eu sou homem tu és a mulher, percebes? Acho que há mais igualdade. Os homens cozinham também, lavam tudo, pegando nesses estereótipos de problemáticas. *Mas em termos de sociedade confesso que essa problemática existe. Percebes? Existe no geral. No global. Só que na relação já não acontece tanto isso.* Na relação direta com outra pessoa já não acontece tanto isso.”;

26.M.- “... *houve uma grande evolução*...hoje em dia, sinto que a diferença de género já está mais equiparável, um com o outro. *Apesar que, vai ser, que vai existir, pelo menos para já*, acredito que isso com o tempo tende a deixar de ser tão notório, mas vai sempre existir um bocado esse preconceito. Tanto é que há muitas coisas que, se forem homens a fazer é visto como um ato heroico, se for uma mulher é visto como algo típico.”.

1.8. Educação nas suas diferenças e semelhanças

Na educação e as suas semelhanças e diferenças, as opiniões dividem-se. Concordando alguns jovens que as *raparigas já são mais valorizadas* atualmente, e outros que vêem a educação mais igualitária:

3.M.- “...a nível de ensino acho que até atualmente as raparigas até acabam por ser mais valorizadas, a nível de, quando falamos em estudos, *eu por exemplo vou sempre pedir ajuda a uma rapariga primeiro do que a um rapaz*...”;

15.F.- ”...*e mais mulheres também a ingressar no ensino superior*. Porque antes era sobretudo os homens que vinham para as universidades estudarem e agora também as mulheres também o fazem.”;

18.M.- ” Ehh nao penso que a educação neste momento é considerada igual para ambos os sexos, nesse aspeto educacional penso que não há nenhuma diferença.”;

24.M.- “Acho que está muito diferente, muito mais evoluída. *Que as pessoas, os professores principalmente, quem educa começa a perceber que somos completamente iguais em termos de direitos*. Eeeeh pronto, as coisas evoluíram e já não é a mesma coisa de o homem é homem a mulher é mulher e pronto... evoluiu muito.”;

25.M.-“ Agora há a área artística o pessoal pode seguir uma via mais artística, pronto, há assim uma cena mais...e isso parecendo que não mas influencia a relação, porque se tu fores para um ensino mais artístico há uma relação diferente entre as pessoas,há mais proximidade,há mais...estás a ver? *E eu digo isto porque eu estive em dois sistemas de ensino diferentes, num que era psicologia e outro que era artes. Nas artes há muito mais cumplicidade entre as pessoas, muito mais ligação. Até que nós tratamos os professores por tu, coisa que não acontece noutros ensinios.* “.

1.9. Posicionamento sobre os diferentes papéis sociais ser homem e ser mulher

Esta subcategoria possui diferentes posicionamentos por parte dos jovens. Todos se colocam *contra os diferentes papéis*, mas afirmam que há quem se posicione de forma diferente perante indivíduos do sexo masculino e do sexo feminino:

5.M.- “... agora isto está a mudar tudo, está a mudar muito mais e já não há tanta diferença entre os dois géneros (educação)... (...)... *na sociedade continua a haver certos estigmas face a raparigas, que não se aplicam tanto a homens ou não se aplicam de todo*...”;

10.M.- “A meu ver, tirando o facto do género ser diferente, *somos todos ser humanos por isso temos todos as mesmas capacidades e devemos ter as mesmas oportunidades*.”;

11.M.- “*Eu discordo que haja diferenças.*”;

17.M.- “*Não existem (riso) por isso...existe dentro da cabeça de muita gente. (...) às vezes sei lá, até o excesso de zelo e de paternalismo é um sinal de machismo, mas lá está às vezes é inconsciente...* para mim as tarefas domésticas não há tarefas para ela e para ele é tudo igual, as coisas são divididas...acho que os jovens casais já começam entre si a viver mais assim embora claro, ainda existem muitos casos de pronto de superioridade em relação ao homem, não é mas não sei, creio que está a mudar.”;

18.M.- “*Eu não faço a diferenciação dos papéis*, para mim não existe diferença nenhuma entre ser mulher ou ser homem.”;

25.M.- “*Não concordo de todo*. Não concordo de todo. Porque...eu acho que simplesmente são dois seres humanos tipo...essa questão do sexo não...*é absurdo até.*”;

26. M.-“É assim, eu, eu, no meu caso, sou uma pessoa que... vê as pessoas, não pelo género, mas sim pela pessoa. Tendo a ser uma pessoa que não tem qualquer tipo de preconceito, seja a nível racial ou a nível de género, até porque também o facto de ser homossexual se calhar também fez-me...() Sim. Sinto que não impõe nada no indivíduo a diferença de género ou a diferença racial, até porque, hoje em dia, temos vários casos, a nível de sucesso, de mulheres, como de seres de outras etnias, que conseguem atingir patamares que muita gente não consegue. Ou seja, acho que isso... () *Acho que isso é uma questão de indivíduo e não de género ou de etnia.*”.

Quando dizem que ambos os sexos já estão *mais equilibrados*, ainda assim, fazem referência à *exceção do trabalho para a mulher*:

2.M.- “Lá está, acho que atualmente são exatamente os mesmos. Depende da profissão...”;

3.M.- “... já existe uma maior igualdade. Uma maior igualdade comportamental, mas, por exemplo, *falando num caso muito próprio em particular no caso salarial, sei perfeitamente que as mulheres ainda têm um desafio, um caminho enorme para percorrer.*”;

6.M.- “...*as mulheres...* pelo menos até no acesso ao ensino superior não existe qualquer tipo de discriminação, pelo menos que eu conheça , *portanto acho que até pelo menos à parte da faculdade não há (...)* *Agora a partir daí é que se calhar a conversa será outra.*”;

28.F.- “*E no que toca ao mercado de trabalho, sim, então principalmente quando a mulher decide iniciar a sua própria família. Vejo que, aí, o homem rapidamente pode ultrapassar uma mulher quando a mulher, por exemplo, no mercado de trabalho...() Não vejo de bom tom, não é? Mexe comigo.* Nunca passei por isso, talvez irei passar, mas já tive amigas minhas que passaram e eu acompanhei-as de perto e é um... uma indignação.”.

A mulher como *cuidadora do lar, o peso da maternidade* a que tem de *mostrar o que vale, a mais sacrificada*:

9.F.- “... *para a mulher há sempre um grande peso ao nível da maternidade... e se calhar um homem nem lhe perguntam isso*, se quer ser pai...e nesse aspeto e a nível de sucesso, espera-se que um homem tenha sucesso, aliás achamos já que um homem um dos objetivos dele é ter sucesso. Uma mulher se tiver sucesso melhor, mas o importante é trabalhar, ter um emprego, também cuidar da casa, eu acho que ainda há muito isso, e ser mãe. Ainda há um grande peso na maternidade na mulher, muito.”;

13.F.- “*A sociedade espera muito mais da mulher, que a mulher mostre do que é capaz do que do homem.*”;

14.F.- “Podemos comparar, por exemplo, a mulher ainda acaba por ser muito vista como o quê? *A pessoa que tem que tomar conta da casa, entre aspas, e o homem, ok, que esteja à vontade...* ainda existe uma recriminação.”;

15.F.- “... *a mulher geralmente ainda é vista como aquela que faz os cuidados de casa e o homem é visto como, não é bem como o sustento...* isto é o que a gente tem ideia geral, cada vez mais o

homem tenta também ajudar em casa e isso, mas realmente ainda há aqui uma diferença. (...) Sim, sente-se. Bastante ainda.”;

21.F.- “... **acho que é um bocado injusto, não é, a mulher não é que tenha que ser sempre sacrificada digamos**, por se calhar as pessoas não verem isso e terem uma mente um bocado fechada, do género, porque é que os homens têm que ser mais valorizados do que as mulheres? Para mim não faz sentido, não, acho que é injusto.”.

É interessante perceber que as respostas a estas subcategorias foram de participantes femininas.

2. Grandes transformações na vivência do ser homem, nas masculinidades hoje

2.1. Como caracterizaria o ser homem hoje

Nesta subcategoria tenta-se perceber como é que os jovens caracterizam os homens no século XXI. É nesta subcategoria que começa a ser mais evidente a sua perceção sobre as transformações na vivência do homem. Destacam-se três grupos de características que lhes são atribuídas.

A primeira remete para o papel do homem enquanto ***ser igual à mulher***:

2.M.- ” Acho que há sessenta anos o homem tinha papel superior e estava num patamar superior. ***Acho que atualmente não, acho que vivemos mais numa sociedade de igualdade***, acho que isso se nota e é bastante óbvio. Não sinto qualquer...não me sinto superior por ser homem nem acho que as mulheres se sentem.”;

3.M.- “o papel do homem na sociedade tornou-se um bocadinho mais complicado. Não só porque acaba por fazer tudo o que fazia antigamente, lá está, como eu digo no século passado, mas atualmente tem que fazer o que fazia e ainda mais. ***Tem que fazer o papel também da mulher, não estou aqui a dizer que a mulher já faz menos que o homem, não. Estou a dizer que os papéis chegaram a um consenso e a um equilíbrio...*** Mas vejo sim o homem a ir trabalhar, a chegar a casa, a ajudar a apoiar a mulher, a mulher também a ir trabalhar, a chegarem os dois a casa, conciliarem a educação do filho, a tratarem os dois de forma igual de uma casa, ***por isso sinto mesmo que os papéis já estão mais deliberados.*** “;

5.M.-“... o homem hoje em dia na maior parte das sociedades já aceita a mulher como o ser igual ,não como um ser abaixo não faz sentido nenhum e é...é igualdade. ***Hoje em dia o homem está igual para a mulher, na maior parte dos casos.***”;

11.M.-“ Ser homem hoje acho que já não é tanto ter essa obsessão de ter tarefas masculinas. ***Uma pessoa consegue fazer o que quer que seja e não se torna mais feminino por causa disso.*** Se calhar até hoje em dia os homens conseguem ter entre eles mais brincadeira que se calhar que no passado indicaria outro tipo de coisas e hoje em dia têm-se e normalmente, por isso não... sim, acho que evoluiu positivamente, o ser homem para mim é... não noto que haja tanta diferença, é ser uma pessoa, ser homem é ser um ser-humano. (...) ser homem é um ser humano como o ser humano também é mulher.”;

14.F.- “Eu considero o homem dos dias de hoje mais evoluído, através do espírito de altruísmo e tudo mais. Por exemplo, já a cozinhar, um dos exemplos, coisa que dantes era completamente impensável. ***Ou fazer as compras, ajudar nas tarefas, dar banho aos filhos o que quer que seja. É um homem que já está mais altruísta e mais evoluído...***”;

15.F.-“...e dá cada vez mais oportunidade à mulher de ter o seu posicionamento na relação.***Antes o homem é que decidia tudo e hoje em dia acho que já não é bem assim.***”; 19.F.-“ ***Acho que os homens têm muito mais noção que o seu papel é igual ao das mulheres.*** (...) acho que não perde masculinidade nenhuma por ser apoiante de...por ajudar a mulher não é, acho que,quer dizer a

mulher faz parte da vida dele, não é. (...) Mais humano se calhar, com mais noção se calhar desta igualdade dos sexos...”;

24.M.- “Acho que o homem agora é capaz de fazer tudo exactamente tal como a mulher é capaz de fazer tudo. *Neste momento um homem é qualificado para qualquer tipo de trabalho. Coisa que antes, teoricamente, não éramos, éramos só para trabalhar, como homens.*”;

26.M.- “Hoje em dia tende a existir uma grande fusão, aaah, mesmo a nível de estilos e de géneros.(...) Ou seja, *acho que as coisas tendem a sofrer uma uniformização e a ser algo mais tratado como indivíduo e não como género.*”;

28.M.- “*E já não tenta estar à frente da mulher, mas sim estar lado a lado e complementar-se.* Aprender com ela e também dar-se a conhecer. Está mais “frágil”, por assim dizer.”;

30.F.- “Antes era muito “eu”, egocentrista. Hoje em dia não. Hoje em dia vivemos num todo, *e o homem também tem que se centrar não só nele, mas sim na família e é mais preocupado com essas questões.*”.

A segunda subcategoria apresenta um homem *menos preconceituoso*, mais *seguro da sua virilidade*:

6.M.- “...acho que existe uma maior, *uma maior liberdade para nós gostarmos das pessoas que gostamos* ou para fazermos aquilo, ou usarmos aquilo que queremos usar e por aí fora. Acho que nesse sentido houve uma grande diferença nos últimos 20 anos. Vinte anos dá para ver de certeza muita diferença. A forma como as pessoas agora lidam com o que é diferente, principalmente os homens, os homens já não têm de corresponder a certos estereótipos podem ter mais liberdade para... eu acho que sim. Não se será ainda suficiente, acho que não, acho que ainda existe muita, ainda não somos, ainda existe muita crítica se calhar, muito olhar de lado, mas melhorou.”;

7.F.- “... são *muito menos preconceituosos do que eram antigamente.*(...) Também vemos o homem a ter muito mais cuidado com ele próprio o que não se via dantes. E a sociedade já aceita isso como algo completamente banal.”;

13.F.- “...também vejo uma grande evolução até a nível de, *em relação a aspecto de se arranjam mais, porque a sociedade também já não questiona tanto a virilidade deles pela forma como se vestem, ou cuidam-se.*...são pessoas que cuidam mais da aparência por exemplo, já não são aqueles homens tão “ogres” como eram antigamente, também pelo facto se calhar de quererem agradar, por aí...”;

14.F.- “... *também por outro lado podemos também considerar que começa também a existir uma parte feminina do homem que antes era completamente impensável*, a parte da metrosexualidade, tipo, o cuidado entre arranjar a barba ou a ruga que está a nascer ou o que quer que seja, ou seja, podemos dizer que o homem está em evolução (...) o homem, ok, pode continuar com o mesmo tipo de empregos, mas se calhar evoluiu na parte feminina que era uma das coisas que lhe faltava há uns anos atrás.”;

16.F.- “*Já se começa a aceitar que se calhar os homens tenham mais sentimentos*, vá, por aí dizer, tenham outro tipo de comportamentos...”;

17.M.- “... hoje em dia o homem atual é...não sei, é mais despreocupado com muitas coisas que antigamente eram regra não é, o homem tem que fazer a barba,tem que se vestir bem e tal...*hoje já há uma variedade maior e a variedade é boa hããã em termos de estilo,em termos de atividades,de...pronto as pessoas são mais, querem viver mais.*”;

18.M.- “*Penso que os homens nos dias de hoje já são considerados um bocado metrosexuais* que já ligam muito às aparências em relação àquilo que havia antigamente, hoje o homem já se preocupa mais com aquilo que veste, com o aspeto do cabelo, com o facto de ir ao ginásio para ter o corpo mais definido, penso que nesse aspeto os homens estão bastante mais preocupados.”;

25.M.- “*Acho que os homens cada vez aceitam mais e lidam melhor com o seu lado feminino que têm, os homens já não têm complexo em chorar ou mostrar afetividade*, estás a ver? Antigamente havia aquela cena que um homem tem que ser não sei quê...Agora acho que há mais essa abertura, o pessoal...ser homem é pronto, aceitar a...ser homem é ser mais sensível (riso) deixar fluir a sua sensibilidade.”;

26.M.-“... *Acho que os homens, mesmo entre eles, não têm problemas em demonstrar afecto*, tanto é que antes não se via tantos homens a cumprimentarem-se com beijos ou abraçarem-se, coisas do género, era algo mais natural nas mulheres, que acontecia mais nas mulheres, amigas de mão dada e coisas do género, e sinto que hoje em dia os homens não têm preconceito de mostrar os seus sentimentos, mostrar as suas fraquezas, e até mesmo demonstrar carinho perante outro homem, sem sentirem que podem ser julgados como “homossexuais” ou que isso vai ser menos “viril” para eles.”;

27.F.- “*E, depois, vejo também que a maior parte é muito sensível agora.* (...) Às vezes, mostrar-se ser mais sensível era porque era... ou, hoje também se fala muito desse assunto, era gay ou porque, pronto, não era digno de ser homem, quando essas coisas... acho que há essa alteração. E, pronto, vejo isso...”.

A terceira característica mais apontada é a ***maior compreensão*** dos homens, homens ***mais respeitadores***:

10.M.-“Sim, sim, sim. São pessoas, seres, ***mais compreensivos***, conseguem perceber o papel da mulher, comparativamente com o antigamente, e acima de tudo são seres mais compreensivo em comparação com o que eram antigamente. Com uma mente mais aberta, não são tão com duas palas nos olhos, conseguem ver para além do que está à sua frente e acho que isso é muito positivo.”;

13.F.- “Hoje em dia os homens são mais proativos, ajudam mais as mulheres, por exemplo, não são tão individualistas como seriam, já ajudam mais em casa... em questão da sociedade...são pessoas mais...eu acho que até são mais preocupados com as mulheres também, ajudam mais, mesmo em postos de trabalho eu vejo isso no meu caso que os homens têm a preocupação de ajudarem no que podem as mulheres...”;

24.M.-“Acho que sim, acho que houve transformações, ***acho que do antigo homem trabalhador passamos para um homem mais faz-tudo, um homem mais sensível, mais presente na sociedade em todos os aspetos, não só em trabalhar, mas em todos os aspetos seja em que matéria for.***”;

28.F.- “Acho que, por exemplo, o ser masculino antes tinha uma conotação mais agressiva, mais machista ou superior. Acho que agora não. (...) ***Acho que o homem hoje é mais respeitador, reconhece a mulher na sociedade e o valor que ela tem, a importância que ela tem, e...***”; 30.F.- “***Mais dedicado à família, mais sensível...*** sim, concordo totalmente. Ele está mais aberto também ao fato da mulher participar em tudo o resto. Trabalhar... aliás, eu acho que hoje em dia os homens também querem que a mulher trabalhe e que participe de forma igual em casa.”.

2.2. Como caracterizaria o ser mulher hoje

Nesta subcategoria verificou-se que os participantes, na sua maioria femininos, caracterizam a mulher como ***mais independente (pessoal e financeiramente)*** e que usufrui de uma ***maior liberdade***:

1.M.-“...mesmo ***assim já conseguem ter uma maior liberdade e um trabalho diferente.*** (...) E já há tanta divisão de tarefas também com o homem na lida de casa e isso, portanto eu acho que...”;

4.M.- “*Sim, é a mesma coisa, eu acho que a mulher tem as mesmas responsabilidades, monetárias, económicas, sociais até...pronto, tem as mesmas características.*”;

7.F.- “***A mulher já é muito mais livre. Tanto a nível de dar opinião como a nível de se vestir,*** e lá está como eu disse no homem, a sociedade já não está tão a apontar o dedo. Já acha as coisas completamente normais porque já toda a gente se está, à vontade para fazer o que quiser.”;

8.F.- “...antigamente se calhar tinha uma posição inferior, não era dada oportunidade de ela dar opinião, ela aceitava aquilo que era destinado, entre aspas...hoje em dia acho que já não é assim, ***acho que as mulheres já dizem, dizem o que pensam e tentam manter-se ao mesmo nível que os homens.***”;

9.F.- "... *a opinião dela se calhar é muito mais tida em conta*, mesmo com dificuldade...às vezes o seu trabalho, às vezes é posto em causa, se calhar um homem toma uma determinada decisão e aquilo nem é posto em causa, na mulher sim. *Mas acho que apesar de tudo a mulher tem tido uma posição cada vez mais forte.*";

12.F.- " Vejo-a uma mulher muito mais ativa, muito mais interessada, mais dinâmica.";

14.F.- "...Porque antes as mulheres, tipo, viviam para estar em casa. Simplesmente. Tarefas de casa e... acabou...E agora, *uma mulher já tem programas culturais, já sai com o homem, o que dantes era quase impensável*, o homem ia para a tasca beber e ela ficava em casa e, agora, o homem e a mulher saiem, ja conseguem fazer espetáculo juntos, *a mulher pode sair com as amigas ou com os amigos que o homem já não se importa e o mesmo acontece com ela e vice-versa.*".

15.F.- " Mais... mais dona de si. Mais livre... mais critica...*a mulher hoje em dia tem mais a sua opinião...pode dar a sua opinião..aliás, deve dar a sua opinião e dá.* Mesmo. Basicamente é isso.";

17.M.- "*As mulheres dos dias de hoje muito mais independentes. Nota-se a olhos vistos...se formos comparar em 20 ou 30 anos então aí a mudança é brutal.* Eeeh em termos de tudo, as mulheres hoje em dia são muito mais independentes o que é ótimo. Tanto a níveis profissionais que hoje já vemos mulheres a fazer todo o tipo de trabalhos que antigamente era considerados para homens não se sabe porquê. *Até a própria visibilidade, a mulher na sociedade, tornando-se independente e fazendo tudo que os homens fazem já tem outro peso na sociedade e outra voz*, não é, começa a ter mais peso. (...) Não sei, mas isso é bom sinal.";

23.F.- " Acho que cada vez mais as mulheres têm demonstrado que são capazes de fazer tão bem ou melhor quanto os homens.";

24.M.- "...a mulher evoluiu também porque neste momento estão, *são capazes de dizer que querem fazer*, que estão dispostas a fazer,mostram a vontade de fazer e como tal estão a ganhar direitos na sociedade. Acho que nesse aspeto mulher evoluiu imenso.";

25.M.- "Tipo,tu cada vez vês mulheres em comparação com outras, cada vez está mais independente... acho que a mulher agora está mais corajosa do que...acho que é uma questão de coragem,mesmo.";

27.F.- "... *já se afirma mais, já...* também vai à luta, nós ainda temos muito para lutar relativamente ao direito das mulheres, houve muitas que, realmente, fizeram um bom trabalho nesse sentido, mas acho que ainda temos muito trabalho também para fazer. Por isso, acho que nós, agora, cada vez mais nos afirmamos mais e, às vezes, até somos mais "brutas" que o homem.";

28.F.- "... *a mulher nos dias de hoje é polivalente.* Eu acho que sim, a mulher tem vindo sempre a, numa luta constante, direitos iguais, recuando muito no tempo, direito a voto, direito ao trabalho, tudo conquistou. Mas não deixa de ser mulher e aquilo que sempre foi: emocional, mãe e esposa. E acho que consegue...";

30.F.- " Eu acho que hoje em dia a mulher se sente muito mais feliz. Muito mais realizada em poder assumir também esse papel, um papel de responsabilidade diferente, que é não só cuidar da casa e dos filhos mas sim também participar de forma ativa na vida pessoal e profissional. *Essa é a parte mais interessante agora em ser mulher também, porque nós temos as nossas coisas, também é mais independente a mulher hoje em dia, não vive tão dependente do homem, não é ele que tem que pagar as contas, ela também participa*,e já se tem um papel mais igual ao do homem na sociedade."

Ainda nesta subcategoria, uma participante, apesar de estar de acordo com os restantes participantes refere que existirá sempre um preconceito:

13.F.- " Sim, evoluiu em questão de posto de trabalho, por exemplo, *já não existe tanto a diferença entre homem e mulher, está mais independente*, já não é vista só como cuidadora de lar e a vida não funciona só em prol dos filhos, por aí (...) *mas acho que quando pensamos em casa, em lides domésticas e assim, associamos logo à mulher*, eu acho que é preconceito geral que acho que isso nunca vai sair daí. A mulher vai estar sempre associada, por exemplo, ao lar, por mais que as coisas evoluam acho que o nosso pensamento remete sempre para aí. *Por mais evoluídos que estejamos...*

eu acho que a mulher está sempre mais associada à educação da criança do que o homem por exemplo.”

2.3.Quais os papéis sociais que associamos ao ser homem e ser mulher? Quais as principais semelhanças, quais as grandes diferenças?

Alguns participantes, mencionam como maior diferença no papel associado ao homem e à mulher o facto de agora ambos terem um *desempenho mais equilibrado* na *divisão de tarefas e responsabilidades financeiras* e também a *mulher desempenhar mais funções que antes eram consideradas para homens*:

5.M.- “...antigamente eu acho que o homem tinha mais responsabilidades porque era o único que trabalhava numa família em que, por exemplo, a mulher ficava em casa, eu acho que aí tinha mais responsabilidades, mas agora eu acho que o homem, eu acho que continua a ter responsabilidades, responsabilidades também acrescidas, mas não tantas como tinha antigamente, *porque antigamente era só ele que trabalhava era só ele que fornecia dinheiro...*”;

10.M.- “...ainda está um pouco presente mas com menos intensidade, *o contrário também já acontece, ser o homem na cozinha ou o homem a limpar.*”;

13.F.- “...*a mulher já não cuida da casa por exemplo sozinha, o homem também partilha agora dessas funções*, mas acho que quando pensamos em casa, em lides domésticas e assim, associamos logo à mulher...Embora o homem também já tenha também hoje em dia um papel importante.”;

16.F.- “...apesar de tudo, estamos a chegar aquela questão da igualdade e da equidade.”;

17.M.- “...*mesmo a nível desportivo começa-se a ver uma mudança, as mulheres já praticam todo o tipo de desportos que antigamente não se via mulheres a praticar desportos quase*, ou era só alguns tipos de desportos. Hoje já se aventuram em tudo. Há um maior respeito pela mulher hoje em dia, em certos aspetos e depois por outro lado há menos cavalheirismo também. Está-se a perder um bocadinho. Se calhar é uma coisa que não fazia muito sentido também, se pensarmos bem.”;

26.M.- “...*tanto a nível do desporto, como a nível das lides de casa, hoje em dia vê-se muitos homens a cozinhar, a passar a ferro, homens a viver sozinhos, coisa que antes era quase impensável porque o homem dependia muito da mulher nas lides domésticas, o homem trabalhava e a mulher é que fazia as lides...*hoje em dia, também há casos de que a mulher é que trabalha e o homem é que está em casa a fazer a lide doméstica. *Tanto a nível da parte pré-natal, acho que hoje em dia os casais têm filhos em parte por o homem já poder tirar licença de maternidade, também mostra que estão a começar a reforçar, cada vez mais, o papel do homem* a não ser tão, aaah, ativo, ou melhor, não que isso faça com que seja menos ativo, mas mostra que não há tanta diferença entre o homem e a mulher, porque começam a ter os mesmos direitos.E sinto isso, como já disse, a vários níveis: desde o desporto, às lides domésticas, à moda, pronto, à sociedade em geral.”;

30.F.- “Apesar que, a nível de papéis em casa já começa a ser parecido. *A responsabilidade acaba por ser dividida pelos dois e não só de um ou outro.*Portanto, agora a mãe tem que ir trabalhar e o pai se tiver de folga, por exemplo, tem que ficar a cuidar do filho.”.

Já para outros participantes a mulher ainda tem um papel muito vincado no que toca a *tarefas domésticas* e a *profissões estereotipadas*:

11.M.- “Ainda há...que eu associe não, mas ainda há.*Rececionista por exemplo, normalmente é uma mulher, nunca é um homem*, lembrei-me agora dessa (riso). (...) No caso contrário eehhh sei lá, estou-me a lembrar, por exemplo, *no caso da prostituição, é um caso que me vem à cabeça logo, por exemplo, a mulher é que é e não o homem... é raro falar-se disso,o homem é dançarino ou qualquer coisa, mas a mulher já não.*”;

18.M.- ” Sim, continua e continuará a existir. Sim, sim, ainda existe muito isso.”;

19.F.- “*Acho que há profissões, por exemplo, e tarefas que normalmente são feitas mais por homens do que por mulheres...* claro que é muito *mais fácil imaginar um homem a ser mecânico do que uma mulher*, por exemplo, e se calhar imaginas mais uma mulher a ser educadora de infância do que um homem...”;

21.F.- ”...*acho que normalmente aqueles cargos mais importantes e isso acho que... pelo menos das pessoas que eu conheço, acho que são dados mais a homens*. Lá está, aquela desigualdade de género, parece que faz... uma pessoa pensa – será que a mulher não tem capacidade para também ter um cargo desse género? – em termos de trabalho eu acho que se nota muito ainda essa diferença. *Os homens são líderes, têm até bons empregos e a mulher acaba por ser um bocado prejudicada nesse aspecto. Em termos de trabalho noto, noto.*”;

24.M.- ”... por exemplo, *em termos de parentalidade ainda há aquela ideia de que a mulher tem que tratar do bebé*, e a mulher tem que mudar as fraldas ao bebé, e a mulher tem que prontos é o normal aquilo que ainda hoje em dia como se vê uma mulher. *O homem acho que termos de papéis sociais não mudou, mudou no sentido de que em que agora as pessoas acreditam que o homem possa fazer, mas ainda não se aplicou, o homem ainda não faz, o homem continua simplesmente a trabalhar*. Mas em termos de mentalidade, prontos está melhor, mas ainda não se aplicou nada.”;

27.F.- ” A sociedade ainda faz. *Nomeadamente o “homem não lava a roupa”, lá está, essas pequenas coisas em casa.* (...) Sim, ainda há muita gente que pensa assim. *Principalmente porque a nossa sociedade é muito envelhecida, por isso, acaba por o pensamento ainda ser um bocadinho “à moda antiga”.*”.

3. Ser homem e ser mulher e parentalidade

3.1. Tomada de decisão

Na subcategoria em que a questão colocada aos jovens consiste no que no ponto de vista deles está em jogo na tomada de decisão de serem pai/mãe, mais de 50% baseou-se na *estabilidade financeira*, nas *condições e na falta de emprego*:

2.M.- ” *Claro que o emprego é um factor importante, há que ponderar isso, há que ponderar o seu espaço na empresa e a sua... no fundo o valor que se traz à empresa.*”;

3.M.- ”Acho que é mesmo a *estabilidade financeira* e a estabilidade, lá está, relação.”;

4.M.- ” *Responsabilidade em termo de despesas*, que temos de tratar com o bebé e também termos de, essencialmente em termos de despesa que os bebés requerem uma maior atenção, uma maior responsabilidade a esse nível e acho que é basicamente isso...”;

6.M.- ”*Eu acho que o maior fator tem a ver com o facto de ter emprego, de ter uma situação económica estável*. Acho que é o maior fator, entre, agora nos jovens acho um bocado geral, universal. Mas nos jovens principalmente.”;

7.F.- ” Sim, eu acho que agora nós jovens e com idade superior à minha, estamos a optar por ter filhos cada vez mais tarde. Porque se nós queremos, *porque nós só pensamos em ter filhos quando temos uma vida estável*. E nós para termos uma vida estável só conseguimos quando acabamos os estudos, que é para aí com quê, 22 anos, e depois disso ainda temos que procurar emprego na nossa área, ou não, e depois disso, da nossa vida estar estável é que pensamos em realmente ter filhos.

11.M.- ”*Salário e tempo, acima de tudo, não é?! Também. Também o tempo que podem disponibilizar com a criança.*”;

13.F.- ” Hoje em dia estamos a verificar que *os jovens colocam em segundo plano o fato de terem filhos por várias opções, trabalho, estudos, economia* — a necessidade de dinheiro para, ou seja, cada vez mais a natalidade está a diminuir, somos pais cada vez mais tarde por essas mesmas questões. (...) *Eu acho que o que pesa mais é a instabilidade financeira.*”;

14.F.- "... mas há uma das coisas que *nós temos de pensar muito que é na parte económica, que acho que sem dúvida que é isso que tem um peso muito grande*, se nós não tivermos uma boa capacidade económica, nós nunca vamos conseguir dar um bom futuro aos nossos filhos... Depois, todos os pais pensam numa boa formação, infelizmente tu para dares uma boa formação ao teu filho precisas de ter dinheiro, se tu não tiveres dinheiro não consegues isso.”;

15.F.- "...e é se tiverem esse objetivo, acho que *cada vez menos eles têm menos esse objetivo. E as causas disso, julgo mesmo ser o dinheiro e a falta de emprego.*”;

16.F.- "... os casais estão a ter filhos cada vez mais tarde, por isso acho que um dos grandes fatores, ponderantes são *as questões financeiras. Questões relacionadas com o laboral...* Acho que uma das questões mais relevantes em que eles pensam são essas questões profissionais e financeiras.”;

17.M.- "... a preocupação dos jovens casais que decidem ter filhos, isto falando dos que são planeados e aqueles que têm vontade de ter um filho, normalmente *a maior preocupação é a estabilidade financeira*. Hoje em dia já não existem trabalhos seguros, não é, empregos seguros, as coisas mudam bastante, as pessoas antigamente trabalhavam anos a fio no mesmo sítio, com pessoas da mesma família, isso hoje em dia já mudou, já não existe... *A estabilidade financeira, acho que é o principal.*”;

18.M.- "...penso eu qualquer pessoa procura a estabilidade antes de pensar nisso, *estabilidade financeira* ... e só depois então irá pensar nesse aspeto da paternidade.”;

20.F.- "Põe-se em jogo se há condições, se não há condições...”;

22.M.- "Talvez a *estabilidade financeira*.”;

23.F.- "Por exemplo, *a nível de desemprego não é, principalmente o desemprego* que é isso que está um pouco...”;

24.M.- "Acho que quando há a tomada de decisão de ser pai e ser mãe acho que quando chega a altura *conta muito primeiro a disponibilidade económica, isso é enorme*. Depois, querer de fato ser pai ou ser mãe, isso é algo que é difícil de perceber, mas acho que também é importante pensar muito sobre isso...”;

25.M.- "...eu acho que *é mesmo a estabilidade financeira*. Acho que é mesmo isso.”;

27.F.- "Acho que, antes de tomar uma decisão de ser mãe ou ser pai, acho que *o primeiro pensamento que ocorre numa pessoa que está prestes a ser ou pensa ser é realmente se tem estabilidade financeira*. Eu sei que há pessoas que também pensam para além disso, se a sociedade... se querem trazer uma criança para esta sociedade e dado a crise que nós estamos a passar e tudo mais, se realmente... que temem pelo futuro dos filhos, não é? Mas depois, posteriormente, à parte disso, acho que é realmente se vão ser uns pais presentes, se vão dar tudo o que podem, a nível de afeto, pronto, de educação, acho que... (...) *Em primeiro lugar, acho que eles pensam no sentido de estabilidade financeira.*”;

29.M.- "Como te disse, o trabalho. O trabalho essencialmente.”;

30.F.- "A *nível financeiro, estabilidade financeira*. Hoje em dia tem um peso enorme em ter filhos.”.

Alguns também acrescentam a *estabilidade emocional* como outro dos fatores a ter na tomada de decisão:

5.M.- "Ser pai e ser mãe implica muita responsabilidade, em primeiro lugar. E se tiverem as *condições financeiras e as condições familiares* também para isso, força, mas... (...) A responsabilidade, *a saúde na relação entre um homem e uma mulher*, porque muitas vezes as relações ficam piores quando têm um filho, não conseguem lidar com isso. A relação com o resto da família, e com os amigos e amigas, com eehh *o trabalho também entra em jogo aqui, o emprego*, porque quando se tem um filho é preciso tirar tempo fora, é preciso ter preocupações extra, portanto é preciso ter tudo isso em jogo ao decidir ter ou não um filho.”;

8.F.- "Ah *estabilidade económica* eehh (silêncio), *encontrar um parceiro...*”;

9.F.- "...lá está, *é preciso uma estabilidade financeira, uma estabilidade emocional*, hoje em dia não sei se é um fenómeno social o facto de muitas relações ou muitos casamentos terminarem,

haverem imensos divórcios...e se calhar quando as pessoas estão numa relação, para além de uma estabilidade emocional se calhar também pensam se aquela pessoa será indicada porque de facto vivemos uma época nesse sentido, a nível de matrimónio assim um bocado estranha diria eu, acho que ninguém já tem paciência uns para os outros e acho que se calhar tudo isso é tido em conta para decidir de facto ser pai ou ser mãe. “;

10.M.- “... é preciso ter uma vida estável, **um bom emprego, um bom relacionamento**, antes de pensar nisso.”;

26.M.- “Eu acho que hoje as pessoas, para terem filhos, sentem que têm que ter **estabilidade financeira e familiar**. Acho que não é de ânimo leve que hoje em dia, continua a existir, mesmo a nível de casos mais jovens, mas acho que hoje em dia as pessoas estruturam muito bem antes, para poderem fazer isso.”.

Duas participantes acreditam que nos dias de hoje o melhor é **não pensar muito na tomada de decisão**, as mesmas consideram que se assim for desiste-se de ser pai/mãe pela falta de condições financeiras:

19.F.- “Como **neste momento a sociedade e o meio em que tu vives não te dá tanta estabilidade assim, tu trocas de trabalho como quem troca de camisa, acaba por ser um pouco uma decisão... muitas vezes é uma decisão um pouco do género: ‘Não vou esperar mais porque vou estar a adiar uma decisão que nunca vai ter uma hora certa. Mais vale ser agora que eu quero.**”. Pronto, e é uma decisão que tem que ser tomada enquanto casal, claro, são os dois pais ,não é. (...) É, acho que sim, acho que muita gente tem vontade de ser pais só estão à espera da hora certa. E na verdade acho que, sim, tens que estar estável, tens que... também é aquela coisa, se estiverem os dois desempregados é assim um bocado complicada a situação, mas também se tiverem numa situação por muito que estejam a receber pouco..pá, chega a um certo ponto da tua vida em que tu precisas, queres!”;

28.F.- “**É os anos que passam, o emprego é precário, já não existem carreiras, é muito difícil formar carreira e ter uma estabilidade a nível profissional, estabilidade financeira às vezes, é nula... e, tudo isso, são pontos a ter em conta para se poder dar início a uma família.** Acho que não há altura certa, ou melhor, não era isso que eu queria dizer. Eu acho que se formos a pensar na altura ideal para ser mãe ou ser pai, **nunca vamos encontrar altura ideal. Isto é tão instável, não é, que devemos... hoje em dia um jovem para não entrar em paranoia tem que fazer os planos a curto, médio prazo. A longo prazo é um bocadinho arriscado, porque corre muito o risco das expectativas irem “por água abaixo” e ter uma grande desilusão nesse sentido.** Mas claro que acho que é preciso ter uma certa estabilidade emocional, financeira e profissional.”.

3.2. Perspetivas e expectativas pessoais sobre ser pai/mãe e principais razões pessoais para essa decisão

Nesta subcategoria 27 participantes afirmam ter como expectativa ser pais, sendo que 15 são do sexo feminino. Quanto às principais razões na maioria prendem-se uma vez mais à instabilidade financeira na qual se encontram:

2.M.- “ **Acho que é a realização de um sonho**, normalmente para todas as pessoas, somos seres humanos, somos no fundo uma raça e intrínseco a isso está o mantermos a nossa, o nosso desenvolvimento se não, não estaríamos cá.”;

3.M.- “Pronto, eu continuo ainda com um bocadinho pensamento tradicional digamos assim, **gostava de ser pai recentemente, eu digo cedo, ainda antes dos 30. Sempre foi uma coisa que eu gostava de ser, antes dos 30, e gostava de ter alguns filhos, quem diz 3,4,5...lá está, isto uma pessoa diz agora, não sabe o que é que vai ser no futuro.** Porque lá está, a exigência tem mudado a exigência e o, a qualidade, uma das coisas também que eu penso que seja factor, por exemplo, **os filhos**

também uma pessoa já pensa ter 1,2 não pensa ter mais porque quer sempre dar o melhor para os filhos, mais. E, lá está, ao ter 3,4 não vou dar de igual forma como daria para 1. Mas aqui também passa pela questão de: “o que é que se calhar é melhor para o filho?”, a parte de ter tudo a nível material ou a nível de...familiar? Pronto, será um pensamento que em conjunto, pai e mãe, devem refletir e pensar.”;

5.M.- “*Quero ser pai quando estiver... Pronto. Financeiramente...* (...) Obviamente *só vou querer ter um filho quando tiver um emprego estável, uma vida estável. Neste momento a minha vida não é estável, é tudo menos estável. Tenho um emprego por 1 ano mínimo*, e.... neste momento não me é possível a mim, tenho que ter muitas coisas em conta. Quando estiver pronto aí saberei se estou pronto ou não.”;

6.M.- “ Sim, eu gostava de ser pai...”;

8.F.- “ *Sim... sim... já pensei nisso, num futuro se calhar ainda um bocadinho longe*, mas já pensei nisso , mas claro, isso vai acontecer se eu realmente tiver *disponibilidade financeira*, e poder fazer com que isso aconteça.”;

9.F.- “...é assim, *eu gostava de ser mãe, obviamente, gostava de ser mãe* eeeh lá está, há quem diga que se calhar essa estabilidade financeira, se estivermos sempre à espera dessa estabilidade financeira se calhar nunca somos pais porque hoje em dia é muito difícil, é muito difícil atingi-la, mas eehh , *mas lá está um relacionamento estável, um emprego estável, ajuda sempre*, para...e espero um dia...”;

10.M.- “ *Eu certamente quero ser pai...* acho que há alturas e alturas para ser pai, *tem que ser uma decisão bem pensada não se pode ser pai só por querer, é preciso ter uma vida estável, um bom emprego, um bom relacionamento*, antes de pensar nisso. “;

11.M.- “ Foi como disse, não pensei muito à partida, se me imagino a ser? *Sim imagino-me. Mas lá está terei de ver como é que, como é que me enquadro a nível da sociedade na altura, como é que estará o meu trabalho, qual é a minha disponibilidade de tempo, se tenho pessoas que me possam ajudar, se não tenho... isso são as principais razões na decisão.*”;

12.F.- “ É assim, *não vou dizer que é uma coisa que eu não gostava*, mas acho que neste momento era impensável. Completamente impensável. E *não sei se nos próximos anos se poderá ser*. Só se for uma coisa muito accidental eeeee seria muito complicado.”;

14.F.- “ Posso falar na minha situação, sou mulher, *adoraria ter um filho sem dúvida, mas há uma das coisas que nós temos de pensar muito que é na parte económica, que acho que sem dúvida que é isso que tem um peso muito grande*, se nós não tivermos uma boa capacidade económica, nós nunca vamos conseguir dar um bom futuro aos nossos filhos...”;

15.F.- “ *Quero, (riso) quero muito ser mãe, e nova de preferência!* Eu acho que tenho... não sou tão parecida aos jovens, a essa ideia que eu pelo menos tenho dos jovens, de quererem ser mães pronto. *Eu ambiciono ser mãe o mais nova que conseguir, mas também tenho essa limitação, esse é o desafio, é ter o dinheiro e ter emprego.*”;

16.F.- “ *Quero. Muito.* (...) Eu sempre quis formar família assim mesmo cedo. Cedo, agora, mais ou menos daqui a 3 anos. Mas sinceramente tendo em conta a situação de Portugal vai ser difícil.”;

17.M.- “ *Pessoalmente tenho vontade de ser pai...* um dia espero ser pai, como também estou numa relação recente não penso nisso para já. Como é óbvio. *Porque não só a estabilidade financeira, a estabilidade emocional é super importante.* Hoje em dia também, é coisa que cada vez, não sei, é um bocado mais volátil, parece.”;

18.M.- “ *Quero ser pai sim*, terei muito orgulho em ver a minha próxima geração e é como digo, *prefiro primeiro procurar a minha estabilidade quer a nível profissional ter algo certo e depois a estabilidade financeira* e então só depois pensar em nesse aspecto de ser pai.”;

19.F.- “ É assim, *eu quero muito ser mãe, não agora. Não agora, mesmo.* Mas...sim, quero muito ser mãe e pronto namoro com o meu namorado e ele também quer muito ser pai e ele é mais velho que eu, claro, *mas eu quero ser mãe numa altura em que eu esteja confortável*...que é, isto de estar confortável não é que eu esteja a receber muito dinheiro, porque eu não sei isso...é mais a questão se saio ou não do país, se a minha vida vai mudar de uma hora para a outra. Porque na verdade eu tenho 26 anos, eu trabalho há um ano e meio, não juntei ainda dinheiro, não tenho casa própria,

ainda não estou nessa posição de sequer de pensar nisso, não é, mas sim, pensarei porque quero muito ser mãe, quero, mas lá está não está para já, não está para já nos meus planos.”;

20.F.- ” **Quero.** (...) Primeiro (riso) **arranjar um emprego estável para já e... não, só para aí daqui a 5 anos.**”;

21.F.- ” **É uma coisa que eu quero muito.** Quero mesmo muito e às vezes uma pessoa fala assim no café e isso de ser mãe e eu **se pudesse e se tivesse estabilidade financeira neste momento era mãe e tinha e pelo menos 3/4 filhos e gostava de ter...**mas há coisas que nos impedem um bocado disso... (...) É, para mim ter um filho é uma coisa que eu penso e que quero muito e que é uma coisa, pronto, que eu tenho programada para o meu futuro. Mas **preciso de encontrar um bom companheiro, preciso de encontrar estabilidade financeira**, uma coisa que me dê descanso e que saiba que posso sustentar os filhos que possa vir a ter...”;

22.M.- ”Tão cedo não. (riso) Tão cedo não. (...) **Sim, talvez.**”;

23.F.- ”**Sim, gostava de ser.**”;

24.M.- ” Se eu quero ser pai, esse é o ponto 1, **aliás se pudesse gostava de ser pai de dois filhos**, inclusive 1 se pudesse adóptá-lo, pronto por uma questão de...já que vou ter um filho porque não adoptar? E pronto, em termos de quando é que gostava de fazer isto, num futuro próximo, talvez sei lá, uns 5 anos depois de acabar a faculdade **quando tiver uma vida saudável, estável**, era essa a minha opinião, decisão para quando ser pai ou se quero ser pai ou não.”;

27.F.- ”Bem, eu acho que, p’ra já ainda sou muito nova. Mas, sim, acho que lá está, também pensava nesse sentido porque, infelizmente, sem dinheiro, não é, **precisava de ser mais a nível financeiro, ter estabilidade, e depois também emocional.** (...) Isso, inclusive, já disse à minha mãe que, se não tivesse, se não arranjasse ninguém para... não me importaria nada de ser mãe solteira, mas quero ser mãe, independentemente de ser mãe solteira ou não. **Quero ser mãe, sim.**”;

28.F.- ”**Eu quero muito ser mãe.** E eu acho que só vou saber o que é dedicar 100% a alguma coisa quando for mãe. Porque, até aí, sinto que dei o máximo de mim em nada! **Eu sinto que a minha missão é ser mãe.** Mas tenho muito medo. Porque, para ser mãe, eu tenho que reunir essas tais condições. Pelo menos eu quero, **a minha consciência diz-me para eu o fazer, que é ter estabilidade profissional e emocional**, também ter um companheiro que sabe o que é ser pai, foi pai... isso ajuda-me muito a perceber as coisas e a perceber que às vezes pensar demais enlouquece. Mas, neste momento, não seria mãe. Teria muito receio em ser mãe porque não reúno essas condições, não tenho estabilidade para poder...(...)A financeira ainda não...”;

29.M.- ” Ui... Isso está muito longe. (...) **Espero um dia, sim. Concretizar e ser feliz.** E trazer felicidade ao mundo.”;

30.F.- ”Só daqui a uns anos!...**Sim, gostava de ser...** Eu já pensei sobre isso, até 5 anos, daqui a 5 anos talvez, nos 30.

Na mesma subcategoria apenas 3 participantes masculinos e 1 feminino **não mostraram tanto entusiasmo ou certeza na vontade da parentalidade:**

1.M.- ”Atualmente as minhas expectativas são... não, não quero ser pai. Para já não quero ser, nem tenho ideia disso. Não tenho ideia de ser.”;

13.F.- ” É assim, **eu penso que não vou ser mãe, mas se for será uma coisa tardia. Preciso de uma estabilidade muito grande.**”;

25.M.- ” Eu sinceramente neste momento não tenho assim muitas perspetivas, **às vezes penso nisso como, como é que eu seria pai, se seria um bom pai**, se...mas **neste momento não tenho expectativas porque não faz parte dos meus planos.** Mas também não sou daquelas pessoas que diz... pá, **se calhar pode nunca fazer parte dos meus planos.**”;

26.M.- ” É assim, pronto, isso é um bocado... relativo, porque **eu já estive numa fase que, se calhar, senti que era algo que queria e não que tenha deixado de querer**, mas pronto, **na parte de ser homossexual, se calhar vai ser um bocado mais difícil tê-lo, não que nos dias seja impossível porque tende a vir a ser possível, mas se calhar um bocado mais difícil que no caso heterossexual.** E, depois, **a aposta no mundo profissional, faz com que eu pondere um bocadinho** mais, se calhar

não vou querer, não diria desperdiçar, não é um desperdício quando se dedica tempo a um filho, mas partilhar o meu tempo na dedicação e na construção de outro ser, porque sinto que ainda há muita coisa que quero fazer e que não sei se me vai ser possível conciliar os meus sonhos com, desde o meu trabalho, viagens e etc., com o poder estar fixo e ter um filho, até porque eu entrei para o mundo do trabalho, entre aspas, “há pouco tempo” e sinto que não há estabilidade neste momento para poder ter, pronto, uma criança, e dar-lhe a educação devida.”.

3.3. O que o faria mudar de opinião, no caso de dizer não; que mudanças sociais precisariam de ocorrer?

Os participantes mencionam a diminuição da *carga horária de trabalho, o emprego, os apoios da família alargada*, visto que grande parte conta com esse apoio, *e um apoio do estado mais efetivo ao nível de jardins de infância* como as mudanças que teriam de ocorrer para que a tomada de decisão de serem pais estivesse mais facilitada:

1.M.. ”Ter um trabalho, neste caso, pesado que me ocupa muito tempo, *passaria por uma diminuição de carga de trabalho, horas de trabalho, passava muito por aí!*...o problema mesmo é que não há tempo para isso. E uma pessoa chega cansada a casa... (...) Sim... *julgo que os jardins de infância, mesmo para bebés, para cuidar de bebés, acho que não há assim um grande apoio, acho que não há uma coisa tão pública que, não há um apoio tão público do estado.* Há mais, há claro há os privados só que esses aí para a maior parte das pessoas é muito dinheiro, para pôr lá as crianças. *Acho que havia de haver talvez um apoio por parte do estado.* (...) Sei que os meus pais têm, acho que têm disponibilidade para isso, julgo que sim e sei que certamente me ajudariam e sim, era uma dos factores que me faria mudar, sim.”;

5.M.- ”...normalmente nesses casos uma pessoa tem de trabalhar o dia inteiro e a mãe só pode estar com o filho até... *a mãe e o pai, só pode estar com o filho até certa altura e obviamente que ATL, jardins de infância vai ter de entrar na decisão, porque tendo um trabalho, ambos os pais tendo um trabalho fica difícil tomar conta do filho.*”;

6.M.- ”Não preciso de ter uma casa, não preciso de comprar uma casa, não. (...) *Não só da família, mas também do Estado! Porque eu tenho, eu também estou na Dinamarca se quiser ter filhos por lá a situação a comparar com a situação portuguesa é outra. E o apoio que o estado tem é fundamental!* E acho que sem dúvida que isso é um dos pontos a ver, *a forma como o estado pode ajudar ou a influenciar essa tomada de decisão.* E em termos, aos infantários e por aí fora eu não tenho uma opinião muito formada neste momento porque nunca procurei, nunca pensei muito nessa parte, a ser muito honesto. (...) Mas contaria com isso como é óbvio, claro! Tem que haver sempre esse suporte, é um fator claro.”;

7.F.- ”*Acho que o infantário ajuda mais o desenvolvimento de uma criança do que uma avó.*”;

8.F.- ”Sim. E também porque *estou num sítio longe da minha família e a partir do momento em que a criança nasça vou ser eu a tomar conta dela, eu não tenho um familiar que me apoie.* (...) Pois, lá está, mas para eu, *para eu colocar o meu filho no jardim de infância eu tenho de ter dinheiro, não é?* Temos que pensar nestas coisas todas antes de ter um filho.”;

11.M.- ” Família próxima ajuda sempre, família em que confies claro, *família próxima ajuda sempre, tu sabes que à partida podes contar com eles e que a criança está segura* e uma pessoa sente-se à vontade. (...) Exactamente, há mais tempo, *mas também há a flexibilidade dos horários de trabalho, dependendo da entidade patronal se pode flexibilizar mais ou menos.* (...) Sim, consegue-se encontrar nas proximidades, *os públicos acho que são escassos, por isso...* e muitas vezes, eu associo ainda, eu estive em dois tipos de instituição, privada e pública, e no privado pelo menos da experiência que eu tive têm mais cuidado com as pessoas do que no público, e então, *as pessoas muitas vezes até pensam, antes de mandar sequer para um jardim de infância público.* E precisam de ter dinheiro para mandar para um jardim de infância privado, isso é outra das coisas que pesa. *É relacionado com o trabalho e o salário claro.*”;

12.F.- "... Por exemplo, *os meus pais ainda são profissionalmente ativos... não tinha com quem deixar...* (...) Também pesa claro. *Também pesa. Porque eu acho que custa um bocado ter um filho e aos 4 meses estar a enfiá-lo num infantário. Ainda é demasiado pequenino...* a não ser que da parte do pai tivesse avós disponíveis, aí era diferente. Mas com os meus pais não podia contar neste momento. Era impensável. (...) Eu não acho que os infantários sejam maus, não são. Mas acho que me ia fazer imensa confusão deixar uma criança de meses no infantário, uma coisa que me ia custar, acho que me ia custar imenso.”;

13.F.- "...é assim, *os pais não vão estar lá para nos apoiar sempre...depois é aquele facto de ser contratada e não efetiva*, ou seja, a questão da vida estar sempre dependente disso, ou seja, *lá está passa tudo pelo lado financeiro, eu acho que se não tiver um lado financeiro bom nunca na vida vou colocar uma criança no mundo onde não tenha condições para lhe dar uma boa educação*, onde possa colocar num bom sítio para ter um bom estudo. ‘Ns’ de coisas, mas acho que passa muito por aí, pelo financeiro.”;

14.F.- "Sim, claro que penso. *Porque obrigatoriamente será necessário, para conseguir ter um emprego, eu não quero que os meus pais estejam a tomar conta da criança e estar a sobrecarregá-los com isso*. Se tiver um emprego sim, vai ser necessário colocá-lo num jardim de infância, *mas uma das coisas que é necessária pensar é o tempo que a criança passa lá. E também temos que pensar no tempo que a criança tem de passar com os pais*. Eu acho que para as crianças serem sãs, entre aspas, necessitam de ter educação com os pais, precisam de ganhar carinho aos pais, afeto e dedicação também.(...) Logo, os pais não conseguem ver os filhos a crescerem nem conseguem se aperceber de quais são os problemas deles e acabam por perder se calhar a fase mais bonita da vida deles. Se tu não conheces o teu filho quando ele é jovem, não o vais conseguir conhecer quando ele é adulto.”;

15.F.- "Quando penso em ter filhos, em ser mãe. *Penso muito no local onde os ter e que, quais vão ser os meus suportes nesses locais*. Sim, penso muito nisso. (...) Por exemplo, *eu penso muito se posso estar ao pé da minha mãe*. Ou seja, da avó, ou penso... basicamente é ao pé da minha mãe (riso) que eu queria estar. É isso... os jardins de infância, pronto, não penso tanto nisso, penso mais é nas redes de apoio, nas redes de suporte que posso ter. (...) Não... não porque...nunca pensei nisso porque o pai está sempre muito menos tempo do que a mãe. Não pode estar tanto tempo quanto a mãe de licença. *Eu acho isso um bocado mau, eu acho que os dois deviam ter a mesma licença, os dois deviam estar em casa o mesmo tempo com o filho, a cuidar do filho. Eu acho que nesse sentido não deveria haver diferenças*. Portanto, nunca pensei nisso, na parte da legislação. Só no sentido que é tão pouco tempo que não tem que...”;

16.F.- "Penso principalmente naquela questão de criar família, finalmente ser... viver toda essa experiência *e penso na minha mãe que vai estar aqui para me ajudar, espero eu*. Penso nessas questões principalmente.”; 18.M.- "*Está em jogo porque pelo que se vê hoje em dia o sistema educacional está cada vez mais caro*, não existe tanto aquela chamada ama que existia antigamente que hoje em dia são preços absurdos que pedem para tomar conta e aquelas que tomam conta provavelmente não irão dar aquela educação que se dava antigamente e depois *chegando então aos jardins de infância, escolas primárias, estamos a falar de preços absurdos para deixar o nosso filho na mão de alguém*, provavelmente irá dar-lhe a educação que nós pretendemos e que acaba por não o fazer. (...) Deve haver, *o nosso governo deve pensar seriamente nisso porque está em causa a educação de pessoas e não se pode falar de preços assim tão altos quando se trata da educação*, principalmente a nível de material escolar, a falar de livros, se uma pessoa quiser comprar um livro tem que ser um livro novo porque os livros estão a mudar de ano para ano o que não se entende porquê, porque se se dá uma matéria no 5º ano não se percebe porque é que os próximos que vão entrar no 5º ano não podem ter aquele mesmo livro e terá que ser um livro completamente diferente quando a educação que se vai dar nesse ano será a mesma.”;

19.F.- "Sim, acho que sim, acho que foi uma grande decisão, claro que devia ser ainda mais tempo, não é, para a mãe principalmente neste caso porque sei lá, *acho que ainda é muito pouco tempo em termos de licença de maternidade, lá está, pode ser que aos poucos isso vá mudando, porque não tem nada a ver com os outros países, não é, por exemplo, vais ao Luxemburgo ou à Suíça tens licenças de maternidade em que tu consegues acompanhar uma criança sem ter que mandá-la*

para uma creche nos primeiros tempos quando ainda estás pelo menos a dar de mamar. Acho que... pronto, o nosso país ainda é um pouco atrasado nesse aspecto e é pouco solidário ainda com as mães.”;

20.F.- “Ajuda, ajuda sempre. *Ter os pais para poder apoiar, tanto os meus como o do namorado ou marido ajuda sempre um bocadinho, ter uma estabilidade financeira ajuda bastante*, ter estabilidade a nível emocional ainda mais do que propriamente a financeira, acho que tudo influencia um bocadinho e eu para mim, eu penso sempre nesse tipo de situações.”;

21.F.- “Penso, penso porque sei que se neste momento tivesse um filho seria programado não seria se calhar do caso, aconteceu... e *teria de certeza a ajuda da parte dos meus pais para me ajudar...*mas acho que isso acontecia comigo só se eu tivesse mesmo estabilidade...”;

30.F.- “*Eu já pensei nisso também. Possivelmente, se existir a possibilidade, eles ficam nos pais do meu namorado.*(...) Nos avós, sim. Até, pelo menos, aos 3 anos. Se não existir essa possibilidade, colocamos no infantário e não tenho quaisquer receios. (...)Concordo totalmente e acho que deveria até ser prolongado, que o pai deveria ter direito a mais (tempo de licença de paternidade)...”.

4. Ser pai e paternidade - Papéis relacionados com a paternidade (alterações)

4.1. Descrever o pai em termos de paternidade

Nesta subcategoria os participantes descreveram os seus pais no que respeita ao exercício da paternidade com *satisfação em geral*. Um grupo de participantes caracteriza o pai como o *sustento económico* de apoio ao crescimento:

1.M.- “... acho que é considerado *um bom pai, trabalhou, esteve comigo quando era preciso, deu-me o apoio, deu-me tudo, tudo que eu queria não, claro, mas deu-me tudo que é preciso para uma criança crescer*, ajudou-me também nos estudos, acho que sim.”;

15.F.- “ O meu pai teve alterações. Por exemplo, quando eu era mais pequena, até antes da minha adolescência, o meu pai foi de uma forma, a partir daí, foi de outra forma...até à minha adolescência, o meu pai era muito... o tipo de envolvimento dele era mais em jogo. Era tudo na parte do jogo, nas brincadeiras, de lazer. Agora nos outros tipos de... claro que ele se preocupava comigo e tudo mais, mas no sentido de ter responsabilidade sobre mim, não tinha tanta. Tinha... *mas ele era mais o suporte financeiro da casa*. A partir da minha adolescência, eu quase que... sei que ele se preocupava comigo, sei que ele tinha preocupação e tinha responsabilidade sobre mim, mas ao mesmo tempo, fora isso ele não tinha qualquer tipo de envolvimento.”;

16.F.- “*Olha nunca me faltou nada a nível instrumental, mas ele tendo em conta as suas características, a nível emocional falta um bocado*. Mas tenho noção que sempre que eu precisei estava lá e sempre... nesse sentido nunca me faltou nada.”;

19.F.- “... *o meu curso não ficou barato e depois também fiz erasmus durante um ano e ele aí também se chegou à frente, deu-me carro*, foi...mimou-me muito ele e a minha mãe.”; 25.M.- “ Pá, *o meu pai em termos de paternidade é daqueles pais que dá tudo aos filhos, que dá tudo em termos financeiros, não tem problema nenhum em chegar à tua beira e dar-te uma nota de 100€*, mas por outro lado em termos de emoções é muito... pronto, é fechado. Portanto, é um pai que nunca...foi tipo mais, nunca faltou dinheiro mas em termos de pessoa...(...) de afecto é muito ausente. Ele tipo, gosta muito dos filhos e faz tudo pelos filhos, dá tudo aos filhos, mas as cenas que ele dá é mais notas do que...aliás, os sentimentos dele, porque aquilo são sentimentos, *mas o carinho dele é muito material*. (...) Sim, é um bocado assim. *É mais materialista ele. Temos uma relação mais materialista.*”;

27.F.- “ O meu pai? Então, *o meu pai nunca me faltou com nada*, mas em termos de afeto, por exemplo, já ficou um bocadinho mais aquém. Lá está, *sempre foi mais distante, devido ao trabalho também que teve* mas, provavelmente, por ter falhado nessa altura quando era mais pequenina, essa

proximidade agora reflete-se um bocadinho no sentido de, às vezes, pronto, estarmos na mesma casa e, não é não falar, mas estamos na mesma casa, está um num canto, está outro noutro e não interagimos muito.”;

28.F.- ” Estabilidade financeira, emocional e afins... e, ***em prol dessa estabilidade financeira, para ter uma boa estabilidade financeira teve... tive um pai ausente, na minha infância.*** Ele era vendedor, caixeiro-viajante, e então só vinha mesmo aos fins de semana. Aliás, houve uma altura em que eu questioneei a minha mãe se estaria separada do meu pai porque, realmente, só o via a vir aos fins de semana, e nada disso. Simplesmente ele estava em trabalho. ***Não considero que seja um mau pai... mas perdeu muita coisa, em prol do trabalho, sim. Perdeu muita coisa.***”

Outros descrevem o pai como a pessoa que impôs ***limites e regras*** como alguém ***mais rígido*** na educação:

6.M.- “...descrevia como um bom pai apesar de , claro, vivemos tempos completamente diferentes, acho que agora existe uma maior proximidade para ser muito honesto, entre os pais e os filhos. E acho que até há poucos anos se calhar a proximidade não era tanta havia mais aquela posição do pai e a posição do filho. Agora acho que há mais uma homogeneidade na relação. (...), acho que o pai, agora acho que isso não é tanto, mas até há uns anos, eu tenho 24, acredito que havia uma, ***o homem tinha que manter uma outra posição tinha que ser mais educador, ou pelo menos mais , tinha que ter uma posição mais forte, sim tinha de ter aquela imagem mais forte da pessoa que manda e por aí fora...*** e acho que agora já não é assim tanto.”;

8.F.- ”...***uma pessoa séria, se calhar um bocadinho rígida***, carinhoso, preocupado, respeitador...”;

17.M.- ”...***o meu pai sempre foi uma pessoa exigente e autoritário*** hãã pronto, se calhar foi o ponto mais negativo, mas pronto, nunca me faltou nada desde que o merecesse. Se não merecia também não tinha, mas... (...) A parte do meu pai ser autoritário é negativa mas também é positiva porque também é preciso alguma rigidez na educação,não é.”;

20.F.- ”Sim, ***o meu pai é um bocado sério (riso) sim, sério***, atencioso, carinhoso, muito responsável acima de tudo muito responsável a todos os níveis.”;

21.F.- ”...é assim, ***eu e o meu pai nunca tivemos assim uma boa relação hãã porque sempre uma educação assim um bocado rígida hãã e houve sempre aquele medo/respeito entre isso.*** (...) E, portanto, o que foi bom é que ao longo dos anos, crescendo e com maturidade, uma pessoa vai sabendo lidar com isso. E a gente dá-se bem, dá-se bem, mas não tenho a mesma relação que tenho com a minha mãe. Não tem nada a ver. (...) eu para o meu pai falo normalmente, obviamente, se tiver de lhe pedir alguma coisa falo, mas se for um assunto mais delicado eu sou capaz de dizer à minha mãe – “Dá o toque ao pai” ou “Não será que não podias dizer ao pai que...” – porque temos uma boa relação, mas não há um à vontade para certos assuntos. Não há.”.

Também existe um grupo que caracteriza o pai como sendo ***cuidador***, alguém que dá ***apoio emocional***, que dá ***afeto***:

5.M.- ”Foi bom, foi um bom pai, foi... deu-me tudo o que eu precisava, apoiou-me em tudo até eu chegar a esta idade que já sou mais autónomo eeehh ***sempre me apoiou, sempre me ajudou, sempre fez tudo comigo quando pode, sempre me ajudou.***”;

7.F.- ”***O meu pai é uma pessoa muito presente. A todos os níveis.*** E acho que isso... mesmo atualmente, é um bocado difícil. (...) ***Sim, o meu pai é muito preocupado comigo, pergunta-me sempre tudo, por exemplo, o meu pai não falta a uma reunião da minha escola.*** O interesse dele em mim faz com que ele seja um bom pai.”;

9.F.- ”... portanto eu nasci numa altura em que ele se calhar já não estava a contar ter filhos eeeh e se calhar de certa forma isso fez-lhe bem, digo eu, lá está, ***sempre foi um pai carinhoso, muito participativo na minha vida e tenho uma relação super à vontade com o meu pai.***”;

12.F.- "Ah, foi ótimo. *Foi ótimo, até porque, por exemplo, o meu pai sempre colaborou imenso com a minha mãe, sempre houve imensa divisão de tarefas, portanto nesse aspecto acho que o meu pai até já estava um bocadinho à frente da geração dele.* Nesse aspecto sim.”;

13.M.- "Acho que foi um, é, *uma pessoa fundamental na minha educação. O meu pai é muito participativo desde sempre, na educação...*era sempre ele que me ia levar à escola, buscar, era sempre ele que ia às reuniões, *neste caso era a minha mãe mais que trabalhava e o meu pai que tomava mais conta de nós, ainda assim hoje acontece, é muito mais preocupado, gostam...é o que eu digo muitas vezes a ele, gostam os dois da mesma maneira mas o meu pai é muito mais preocupado* do que a minha mãe e foi um pilar muito importante na minha educação.”;

24.M.- "A nível emocional é... também é um modelo. Porque prontos sinto que, acima de... não é acima,*mas além de pai é uma pessoa com quem eu posso desabafar imenso e posso falar à vontade porque ele vai ter sempre um conselho* e isso também faz dele um pai modelo.”.

Para outros o pai para além da pessoa que cuida também é visto como a pessoa *que brinca*:

11.M.- "Lá está, lembro-me que ele trabalhava mais horas, por exemplo, portanto à partida trabalhava... mas a minha mãe trabalhava as mesmas horas por isso o tempo que conseguia estar com eles era à noite e...exato, depois acho que ainda existia muito a coisa de dividir os papéis, acho eu sim, a coisa dos sei lá, exacto, a mãe chateia mais não é, naquela boa educação “não se come assim ou faz assado”, *o pai se calhar é mais para a brincadeira e assim.*”;

14.F.- "O meu pai, lembro-me perfeitamente de coisas normais, enquanto a minha mãe cozinhava ou algo do género ele ia-me dar banho, vestir-me, dar-me na cabeça quando tinha que me dar, reclamar comigo, *brincar comigo até ir pintar as paredes todas da sala (risos), depois outras das coisas, ir jogar comigo à bola, visto que eu gostava de bola* e não gostava de bonecas.”.

Ainda nesta subcategoria, alguns jovens descrevem o pai e a mãe como alguém que sempre permitiu bastante *liberdade*:

2.M.- "Tive bastante independência, até se calhar comparativamente a outros colegas, andava sozinho desde cedo, andava de bicicleta, essas coisas. Acho que no fundo isso traz independência à pessoa, acho que agora somos exageradamente protetores, antigamente não eramos tanto, acho que não é preciso dramatizar, acho que não há assim tantos raptos e roubos e essas coisas e eu enquanto pequeno vivi isso e estou aqui. Acho que há espaço para todos e não podemos superproteger o nosso filho por ser nosso. *Acho que devemos dar mais liberdade, foi o que eu tive, não tive outra experiência.* Liberdade, no entanto a existir sempre o acompanhamento claro, das funções básicas de um jovem, como ir à escola e isso.”;

3.M.- "...os meus pais são relativamente novos, a minha mãe teve-me aos 21, por isso é um pouco diferente a nossa relação, do que os pais tradicionais. Por isso acho que tínhamos uma relação bastante mais próxima. Porém, eu não vou dizer que isso é uma vantagem, porque eu sinto que às vezes faltava ali um bocadinho de exigência da parte deles, ou às vezes até mesmo pela minha personalidade ou personalidade deles, *sempre senti que fui muito independente dos meus pais e isso, se calhar era coisa que não se via antigamente,* por esse sentido acho que devia de ter havido ali um maior, eu não vou dizer controlo, mas uma relação mais de pai e filho, mãe e filho em vez de ser...os...amigos,lá está! E acho que isso aí, os amigos entre pais, mães e filhos não devia resultar. Não é uma coisa que resulte muito bem. (...) Mas também aquele pai restrito e aquela mãe restrita em que não deixam fazer nada e depois quando largam os filhos no mundo, dá o que dá, também não é a fórmula.”;

10.M.- "O meu pai, ora, o meu pai foi uma pessoa que sempre me deixou fazer tudo o que eu queria o que nem sempre é bom porque muitas vezes é necessário alguém pôr um travão... mas sempre me deixou fazer tudo o que eu queria, *sempre me deu a liberdade que eu precisava eehh nem sempre me apoiou, mas nos momentos mais importantes estava presente, portanto considero que foi um bom pai.*”;

18.M.- ” Felizmente posso dizer que sempre fui educado da melhor maneira e *sempre tive a liberdade ao mesmo tempo da responsabilidade e foi essa liberdade que me fez realmente ter noção da realidade de enfrentar os problemas* e nesse aspeto só posso estar contente com a educação que ele me deu, não mudaria nada que... ou não me arrependo de nada que ele tenha feito. Até aos dias de hoje.”.

4.2. Descrever a mãe em termos de maternidade

Relativamente às características apontadas à mãe, muitos participantes referem que são as mesmas apontadas ao pai, ou seja, *não apontam quaisquer diferenças nas características parentais*:

1.M.- ” *Acho que é a mesma coisa, assim como o meu pai também tiveram os dois sempre muito, sempre juntos e sempre a apoiar.* Nunca houve assim diferença, nem um que fazia mais que o outro, acho que estiveram os dois.”;

5.M.- ” *É igual também... (ao pai)*”;

9.F.- ” Sim, a minha mãe já é mais nova eeehhh a minha mãe deixou de trabalhar quando eu nasci, portanto se calhar tem aquela imagem da muito tradicional mulher, de estar em casa, passei muito tempo com ela, tenho uma relação muito próxima com a minha mãe, temos as coisas normais, que é aquelas discussões normais, mas eeehhh lá está, sempre passou também uma imagem muito familiar eeh também tem uma mente aberta, se calhar até o meu pai tem mais ainda do que a minha mãe, apesar de ele ser mais velho... *mas acho que apesar de tudo há um equilíbrio muito grande na educação que um me dá e o outro dá, mas assenta sempre nos mesmos valores e nos mesmos princípios.*“;

20.F.- ” *A minha mãe é muito como o meu pai*, ok, há aquelas discussões, mas são as discussões típicas entre pais e filhos e é normal, a minha mãe é uma chata porque a minha mãe está sempre a reclamar com isto, eu não digo o contrário porque se calhar eu também irei fazer o mesmo, não é. Primeiro porque o meu feitio é muito mais parecido com o do meu pai mas também choco um bocado com a minha mãe, mas sim, eu também vejo a minha mãe muito como o meu pai.”;

22.M.- ” Ainda mais liberal que o meu pai (riso).”;

12.F.- ” *Também foi ótima, acho que também teve sempre imenso cuidado*, apesar de ser enfermeira, como trabalhava por turnos, tinha sempre disponibilidade para me acompanhar, ou senão também ficava muito com os meus avós maternos, tive sempre esse acompanhamento.”;

18.M.- ” *De igual forma (ao pai).*”.

Um participante, *ainda que considere que as características da mãe são as mesmas que as do pai menciona que*:

6.M.- ” Ah, exactamente, *exactamente igual*. Tenho uma maior aproximação com a minha mãe do que com o meu pai, há sempre, o pai tem uma posição mais... (...) *Há uma maior, há uma maior, as mães é mais fácil...*”.

Outros participantes descrevem a mãe como *companheira*, a *melhor amiga*, a pessoa com quem podem sempre contar:

21.F.- ” A minha mãe é uma pessoa em que eu digo tudo. *Falo de tudo e mais alguma coisa, a gente não tem qualquer assunto que não fale.*”;

24.M.- ” ...porque *sempre foi uma melhor amiga e isso também faz com que seja um modelo de mãe na minha opinião... sempre esteve muito presente*, prontos, vivi com ela também por causa disso porporciona isso.”;

28.F.- "A minha mãe... é a melhor mãe do mundo e... é profissão a tempo inteiro. *Ela é melhor amiga, companheira, chata, resmungona, está sempre lá, em todas e qualquer ocasião. É uma super mãe.* Admiro-a muito e tenho noção que não vou ser tão boa mãe quanto ela."

Alguns referem-se à mãe como a *cuidadora*, a pessoa que *dá apoio*, apontam-lhe a característica *de amor inato de mãe*:

7.F.- "... é mãe, e *tem aquele toquezinho de me conhecer muito bem.* (...) Como eu disse o meu pai tem interesse, pergunta, procura saber. *Mas a minha mãe parece que, que já sabe... sempre* (riso).";

15.F.- "...mas, por exemplo, a nível da educação, do nível de escola, de ajudar nos trabalhos de casa, de cuidados, dos interesses e tudo mais, acho que a mãe, a minha mãe teve sempre, acho não, tenho a certeza, teve sempre envolvida até aos dias de hoje. Sempre, sempre, sempre. *Todos os dias a minha mãe tem responsabilidade sobre mim, cuida e participa nas atividades que eu apresento e necessito de que sejam resolvidas.*";

16.F.- "...eu acho que ela é daquelas que aconteça o que acontecer ela vai estar lá. Ela é mesmo... excelente acho eu. Na minha opinião, a nível emocional então nunca me faltou nada da parte dela.";

26.M.- "...descrevo como uma mãe que se dedicou sempre bastante à família e, pronto, principalmente aos filhos, que sempre lutou para que a gente conseguisse ter tudo aquilo que precisamos, desde a nível de educação, a nível familiar, *por isso sinto que sempre foi uma mãe extremamente dedicada e que sempre apostou, tanto na educação, na minha como da minha irmã,* por isso, acho que não tenho sequer nada a apontar...";

27.F.- "A minha mãe é espetacular. Eu, por exemplo... o meu pai, por exemplo, ia uma semana ou duas para fora, se calhar não sentiria tanto. Com a minha mãe já iria sentir saudades, ia ter aquela do "eu preciso da minha mãe, *porque sem a minha mãe eu não faço aquilo*", *pronto, aquele mimo, não é? Por exemplo, a minha mãe, nesta fase que eu estou a passar, é a minha enfermeira,* acaba por...";

29.M.- "Exatamente iguais. *Claro que temos sempre mais afeição à mãe, não é,* a "mãezinha"...".

Outros vêem a mãe como quem dá *afeto, amor, carinho*:

8.F.- "...dedicada, *afetuosa*, responsável, amável, carinhosa...";

17.M.- "Totalmente (diferente do pai). *A minha mãe é permissiva e carinhosa,* pronto, muito mais que o meu pai...não, há uma diferença,uma diferença clara... (...) ...e pronto, a parte da minha mãe ser mais permissiva e mais carinhosa pronto também tem as suas partes positivas como é óbvio, mas também tem a sua parte negativa, nós começamos a sentir que estamos sempre protegidos e encobertos e pronto, há sempre ali alguém que vai apoiar incondicionalmente e às vezes isso também não é bom.";

19.F.- "Também é uma mãe espetacular só que é... é um pouco diferente do meu pai *porque a minha mãe é muito... física, é...e muito social, fala muito, abraça muito,é muito mimalha* e não sei quê, mas é super modernaça,sempre tudo para a frente, super divertida...";

25.M.- "Ai a minha mãe em termos de maternidade é o contrário. É, também nunca faltou a nada, sempre deu,percebes, *mas também deu outras coisas mais emocionais, mais de afeto,mais de...pronto, é mais afetuosa.* Eu sou mais ligado à minha mãe do que ao meu pai. Porque também ela esteve mais presente, sim."

Mas, também existem três participantes que descrevem a mãe como a pessoa que *impõe mais regras*:

11.M.- "... exato, *a mãe chateia mais não é, naquela boa educação "não se come assim ou faz assado"*... (...) No início acho que à partida se é mais ligado à mãe, lá está, porque também se passa mais tempo. (...) No global, sinceramente, hoje em dia não vejo diferenças.";

14.F.- "...a *minha mãe era aquela que tentava pôr os pontos nos "is",* não é...";

23.F.- "A minha mãe sempre fez um pouco de pai e de mãe. Isto é, *porque lá em casa é a minha mãe que manda e a minha mãe é que fazia sempre a parte chata* de... *Era a aque me dava mais na cabeça, era a que discutia comigo, que me impunha mais regras.* O meu pai não."

4.3. Relação pais com irmãos/ãs

Os participantes vêem, no geral, a relação dos pais com os irmãos *de forma igual* à sua:

5.M.- "*Eu acho que foi, a maior parte foi igual eeh talvez um bocadinho diferente no tempo que puderam passar com ele*, se calhar na minha altura trabalhavam menos, mas com o meu irmão começaram a trabalhar mais e o sistema de emprego mudou, os trabalhos mudaram, os horários também mudaram, e... há diferenças, houve diferenças, *mas em forma geral foi a mesma coisa.*";

9.F.- "Com certeza que a maneira que o meu pai lida comigo teve influência na forma como ele viveu a educação da minha irmã, das minhas duas irmãs... *Mas acho que os princípios e os valores sempre foram os mesmos, nisso nós somos muito parecidas...mas mesmo com a minha irmã mais velha, eu acho que a confiança e a liberdade de se poderem expressar, isso foi exatamente igual, e com a minha outra irmã também, sim.*";

18.M.- "Não, não. *De igual forma, sim.*";

20.F.- "Não, nada (diferente). De todo. Daí também a minha perspetiva ser um bocado diferente de alguns jovens.";

22.M.- "Foram iguais. (...) Não, não. *Não fizeram distinção nenhuma e fizeram sempre questão de nunca o fazer.*";

25.M.- "*Não, acho que nunca houve assim essa distinção.* (...) ... depende, quando era miúda puseram-na, ela ainda hoje pratica ballet, a mim nunca me puseram no ballet. Mas se calhar na cabeça deles não fazia sentido eu ir para o ballet, por exemplo. (...) Sim, sim, nessas coisas mais pequenas, só que são coisas quero dizer, eles nem se quer pensaram nisso. Porque é que eu não ponho o meu filho no ballet? São cenas que têm a ver com a educação deles, acho que não houve muita diferença em termo de coisas, só houve diferença em termos de roupas, de... sim, houve algumas, mas eram coisas muito gerais, tipo, ela tem que ter bonecas ele tem que ter bonecos... coisas assim consideradas..."

Outros referem que a alteração na relação se deve à *diferença de idades* entre irmãos:

2.M.- "*Acho que era exatamente a mesma.* Fomos criados, temos mais ou menos as mesmas idades e acho que... *Claro que o último filho, é sempre o filho, sem..., claro que o ultimo filho é sempre o mais novo* e no fundo essa característica irá ficar para sempre enquanto não vier um mais novo e claro que um mais novo, *claro que o mais novo teve um tratamento se calhar diferente, se calhar foi menos exposto às responsabilidades*, mas acho que isso não afetou em nada as oportunidades que teve.";

6.M.- "Eu com a minha irmã mais velha não sei, porque eu nunca vivi com a minha irmã mais velha... *Para a minha irmã mais nova acho que houve uma diferença bastante significativa. E o meu pai quando a educou a ela, educou de uma forma muito mais próxima.* (...) ... não sei se pelo facto de ser rapariga, poderá ter sido por causa disso, ou se poderá ter sido pelo facto de já ter tido outro filho e as coisas mudarem, *eu acho que foi mais pelo facto de ter tido outro filho, acho que as pessoas acabam por, e o meu pai também era uma pessoa mais velha, apesar de tudo quando teve a minha irmã e acho que isso também conta.* A forma como ele trata os meus primos e por aí fora, é de uma forma diferente de quando eu nasci, tenho essa noção. Acho que com a evolução da idade também dele, ficou mais... Ficou diferente.";

8.F.- "Eu acho que, é assim, como nós temos idades um bocado diferentes, eu quando era pequena, *dois dos meus irmãos já eram mais velhos, já eram adultos quase, ou seja, o que eles eram comigo não podiam ser o mesmo que com os meus irmãos. Em termos de valores acho que foi, foi exatamente, foi exatamente igual*, eu como tinha uma idade muito próxima do meu irmão que está exatamente antes de mim, como tinha uma idade muito próxima dele eu sentia que havia tipo, eeh não sei, havia...eles tiravam mais partido por mim se calhar por ser rapariga do que tiravam por ele. Quando tínhamos brigas, se calhar mais depressa protegiam-me a mim que era "a menina" do que a ele.";

11.M.- "Acho que isso não tem tanto a ver com o sexo, *acho que tem a ver com o espaço temporal, por ela ser a primeira e eu ser o segundo. Sim, trataram-me de maneira diferente. Ela foi quase pioneira, não é, no início é normal os pais terem alguns medos e por aí fora, sei lá, nessas coisas não fui tanto porque já era o segundo e já tive uma irmã que passou por aquilo*. Agora de resto não.";

15.F.- " Foi, mas *no sentido de que eu vim um tempo mais tarde que os meus irmãos, eu tenho grande diferença de idade dos meus irmãos. Da mais nova tenho 8 e da mais velha tenho 17. Por isso faz assim uma diferença de alguns anos*. Diferenças, para rapazes e raparigas... os meus pais davam-me mais liberdade a mim do que deram aos meus irmãos...dantes era tudo muito mais controlado. O meu irmão comparado com as minhas irmãs e comigo, o meu irmão é o típico eehh como é que eu hei-de explicar, é o típico rapaz como a gente costuma a dizer que não faz nada. As raparigas é que tinham de fazer tudo, o rapaz não faz nada. *Sim, há diferença, há bastante diferença na... mesmo no, no tempo histórico, por eu ser mais nova, mas também entre ser rapaz e rapariga*.";

19.F.- " *Por ser mais novo. E por ser rapaz, claro que sim. Também, claro que tem as suas diferenças, nas questões de sair à noite claro que foi muito mais fácil para o meu irmão sair à noite do que para mim*. Mas lá está, porque eu também era a primeira filha a sair à noite, não é, e era rapariga. Ou seja, houve sempre aquela coisa do...mais cuidado,não é, *o primeiro é sempre de vidro, não é, portanto comigo era sempre aquela coisa de...* (...) Com a minha mãe sim, com a minha mãe sim porque ela preparou-me muito mais para tomar conta de uma casa, por exemplo, do que o meu irmão. O meu irmão não sabe cozinhar, o meu irmão não sabe limpar eehh pronto, aquelas coisas, porque, porque aparecia tudo feito, porque as mulheres da casa tratam disso. A minha mãe tem um pouco essa mentalidade, mas o meu pai não, não tem nada a ver, mas a minha mãe ainda tem um pouco isso e pronto e é o menino. Mãe é aquela coisa, nós estamos sempre a gozar lá em casa que é "Vem o menino dela." , porque pronto, lá está, acho que foi um pouco diferente, não é a questão de gostarem mais de um do que outro,é...pronto, são carinhos diferentes. Nunca há um preferido, mas... (...)a minha mãe algumas coisas é do género: "Susana, uma menina não faz isso.", - "Uma menina e um rapaz, não? O rapaz também não deve fazer isto. ", - "Ah sim, um rapaz também... ", mas saiu-lhe assim, percebes? E é um bocado esquisito, é do género, sou capaz de dizer um palavrão à mesa o meu pai é logo "Cuidado com o vocabulário. " a minha mãe até se ri e tal, o meu irmão diz um palavrão à mesa o meu pai é capaz de deixar passar. Eu fico assim a olhar... ele disse um palavrão,porque é que não o corriges a ele também? Não sei, parece que fica mais feio a uma menina, percebes? Mas não é a questão dos direitos, é uma questão do que parece bem e que parece mal, estás a ver? Pronto..." ;

27.F.- "*Que determinados erros, que às vezes permitiram na minha irmã, se calhar nunca permitiram a mim porque é a tal questão do "primeiro filho nunca sabemos, mas o segundo já sabemos como é que a coisa funciona" então já vamos...* (...) Senti. Mas não senti muito... não foi de me sentir injustiçada, simplesmente, pronto, compreendi também, que acho que... também foi numa idade que, se senti isso, foi numa idade que já conseguia compreender isso. Em termos de brincadeiras e tudo mais... (...) Há uma diferença, uma coisa que eu reparo, por exemplo: a minha irmã tem muitas fotografias em bebé e eu não tenho tantas. Mas, lá está, é a tal questão: foi o primeiro filho, a "novidade", não é? Pronto, mas, de todo, não me sinto injustiçada relativamente a isso."

Por fim, alguns referiam o facto do *género ser diferente e às diferentes personalidades*:

7.F.- *”Foi igual. Só que, eu acho que pelo facto de ele ser rapaz é um bocado diferente. (...) ... Não da parte dos meus pais para com ele, mas dele para com os meus pais.”*

10.M.- *”Pronto, é assim, vou aqui desmistificar aqui o mito do filho do meio. Quando se diz que o filho do meio é o preterido, é verdade. Porque é assim, o primeiro filho quer seja rapaz quer seja rapariga é o primeiro filho. O do meio é o que vem a seguir, mas o primeiro vai ter tudo de novo. Ou seja, vai ter mais atenção. Entretanto, nasce a última que é a mais novinha e então vai ter mais atenção, portanto o filho do meio é sempre o preterido. Em relação ao ser rapaz ou ser rapariga, é normal o pai proteger sempre mais a rapariga, no meu caso acontece muito mais...o meu pai em termos de...não sei, sente um...tem um sentido de proteção maior pela minha irmã, não sei, por ser rapariga e ter menos capacidade de se defender eeh do que comigo e com o meu irmão. (...) Em termos de possíveis perigos que possam acontecer, como maus tratos, de ser abordada na rua... tudo o que envolve a força humana é óbvio que uma rapariga tem muito menos capacidade de se defender do que um homem. (...) Não, é uma relação diferente, porque ela já passou pelo mesmo por ser rapariga eehh portanto, dá um bocado mais liberdade, não tenta tanto defender também se calhar para contrariar o pai para tentar arranjar um meio termo (mãe).”*

13.F.- *”Sim, existe uma diferença, existe mais uma liberdade em relação a ele do que entre mim e a minha irmã que eram mais protetores, mais cuidadores, até o meu irmão connosco era mais, é mais protetor do que se, por exemplo, fôssemos dois rapazes. (...) Sim, ainda hoje existe muito essa diferença, de os pais quererem proteger mais as meninas do que os meninos dão mais liberdade aos rapazes do que...principalmente o pai, o pai faz muita diferença entre género.”*

16.F.- *”É pelas duas coisas, por ser rapaz e pela idade. Porque se calhar, o meu pai tem uma relação muito mais próxima com ele, a minha mãe também, mas o meu pai em comparação comigo, tem uma relação muito mais próxima com ele e por ser mais novo, deixa sempre passar, vai sempre andando, vai... existe mais proteção...”*

17.M.- *”Não, vejo diferente, também se calhar pelo passar dos tempos, não é, que também a sociedade foi mudando. Mas eu noto que pronto, como homem fui adquirindo alguns direitos mais cedo do que a minha irmã. Agora não sei se isso foi também pelo tempo em que se estava a viver, mas creio que também foi muito por ela ser rapariga e eu ser rapaz. (...)Sim, claramente. Claramente (diferença na relação).É assim em termos de educação não, eu dava muitos mais problemas aos meus pais do que a minha irmã também, mas em termos de educação não houve assim grandes diferenças.”*

21.F.- *”É. É diferente. É diferente a educação foi diferente, o meu irmão é mais novo e, no entanto tem uma ótima relação com o meu pai. Não sei se foi por ser rapaz... mas foi muito mais liberal a educação dele. Apesar de que o meu irmão nunca saiu assim fora dos eixos. Mas tem uma relação com o meu pai que é quase como a relação que eu tenho com a minha mãe. Apesar de o meu irmão também se dar muito bem com a minha mãe...mas é diferente, foi diferente a educação de um e a educação de outro. O meu irmão teve uma educação mais mimada que eu. Eu não sei se foi por ser rapariga, primeira filha em que as coisas eram ali muito certinhas, não saíam dali, como meu irmão a coisa foi mais alargada e há coisas que o meu irmão, há atitudes que o meu irmão tem com o meu pai que para mim eram impensáveis. Para mim aquilo não era possível sequer. Mas pronto, acredito que também as coisas com o tempo, as coisas vão mudando e os pais também sejam mais liberais um bocado e, portanto daí haja essa diferença.”*

26.M.- *”Sim. Sinto que, pronto, o meu pai se calhar é “mais chegado” à minha irmã, também devido ao facto de ela ser rapariga e os pais tendem a ser um bocado mais protetores, aaah, e se calhar também o facto, pronto, de ele ter convivido mais com ela na altura, que a minha irmã já era mais velha que eu quando eles se separaram mas, apesar de tudo, não sinto que faça uma grande diferenciação de um para o outro.”*

Dois participantes mencionam a sua própria personalidade menos responsável como factor de diferenciação:

24.M.- *”É assim, eu acho que eles foram diferentes comigo porque eu sou muito mais irresponsável... mas em todos os outros aspetos não, acho que foi igual. (...) Acho que sim. Em termos de rapaz ou rapariga foi exatamente igual não houve diferenças. Foi idêntico, não houve diferenças nenhuma!”*;

28.F.- *”A relação com a minha irmã, se foi diferente, Joana, foi porque a minha irmã, de pequenina, já se notava uma autonomia muito grande e era mais desprendida a nível afetivo, ou seja, a minha mãe descansou um bocadinho, não descurando de tudo aquilo, todo o carinho, nada disso, mas eu consumi muito mais os meus pais enquanto filha pequenina dependente, a minha irmã já tinha muita autonomia em relação a mim. Por isso, foi uma educação muito igual mas notava-se comportamentos diferentes simplesmente porque a minha irmã assim o ditava. Então, teve muito mais espaço para ela desenvolver outras coisas, porque tiveram que puxar muito mais por mim.”*.

4.4. O que é ser um “bom pai”?

Quando é perguntado aos participantes o que é ser um bom pai na sua perspetiva, muitos deles mencionam que se é ser tal como o pai deles, características como o *companheirismo, cuidar, apoiar emocionalmente, dar amor, dar carinho*:

4.M.-*”... tem que um pai que está lá para ele, que está a cuidar dele, que sabe exatamente os problemas que o filho passa, exatamente aquilo que ele passa, porque ele também já passou por aquilo, portanto pode não se lembrar exatamente como é mas ele sabe qual é aquela, a dor, o pânico, seja o que for. Por isso eu acho que para ser um bom pai, ele, é preciso ser bastante cuidadoso e bastante atento também ao que o filho está a passar e é preciso também ter um elevado grau de paciência. (...) É a mesma coisa que o pai, o pai claro, tem aquela... muitas vezes nós temos aquela associação de o pai ser bastante mais assertivo, mais rigoroso nas regras e nas estipulações a ter nas regras de casa, por exemplo.”*;

6.M.-*” É uma pessoa que se preocupa. Que educa. Que está lá quando é necessário. Que tem uma preocupação com o filho. Que vai, que vê, não é uma pessoa que se deixe estar, é uma pessoa que se preocupe, que fale com ele todos os dias, que esteja lá quando ele necessita, seja para os trabalhos de casa para tudo, que dê amor, carinho, que é fundamental. E que por outro lado, claro também que consiga suportar o filho de forma financeira e por aí fora. Mas que alguém basicamente que crie um sistema estável, familiar estável para que a criança se possa desenvolver.”*;

7.F.-*” Sobretudo estar presente, dar amor também...”*;

12.F.-*”Olha, é ter disponibilidade, é ser companheiro, é alinhar nas brincadeiras todas e ser aquela pessoa que nos dá também um bocadinho a cobertura, para fazer alguns disparates, mas depois estar muito presente e acompanhar-nos sempre.”*;

15.F.-*” Ser um bom pai e uma boa mãe é, estar presente nos bons e nos maus momentos, eu acho que a presença deles e eles estarem acessíveis para nós eu acho que isso é mesmo muito importante...”*;

16.F.-*” Olha claro que a nível instrumental a nível financeiro faz diferença, mesmo para as oportunidades que tu possas ter ao longo do... principalmente dos estudos vá, mais por aí. Mas acho que acima de tu é suporte, suporte emocional, saber que qualquer coisa vai estar lá... acho que é mais por aí. (...) Sim, educação, não rígida nem demasiado benevolente, é mesmo...”*;

22.M.-*”Sinceramente é estar presente. Quando nós mais precisamos e apoiar-nos nas nossas decisões quer sejam boas ou más que estejam lá para isso.”*;

25.M.-"...um bom pai,pá... tem que ser alguém tipo...não é o melhor amigo, como dizem, estás a ver, não, há o melhor amigo e há o pai. Pronto e nesse sentido, pronto, tem um bocado disso, tem que chamar a atenção, chama, quando tem que apoiar apoia. Venha o que vier! Estás a ver? (...) **Acho que é muito importante essa cena do apoio tipo**, não estou a dizer...e colocar os limites quando tem que colocar os limites."

26.M.-"Para mim, **ser um bom pai, eu diria que é ser talvez um pai dedicado, um pai presente**. Não digo isto só a nível de nos poder potenciar a nível financeiro, acho que isso não reflete nada porque muitos pais, se calhar, têm poder económico suficiente para "estragar" os filhos e isso, para mim, não significa que sejam bons pais, até porque como eu digo, às vezes o poder económico faz com que se estrague e não que se construa.**Eu acho que um bom pai é aquele pai que se preocupa com a educação do filho e com os caminhos que o mesmo toma...**";

27.F.-"Ser um bom pai é, principalmente, não falhar com nada, não falo só em termos de dinheiro, monetários, não é só isso porque isso não é o mais importante. De facto, quando um filho precisa, **o pai estar lá, dar os conselhos que realmente...** e, depois, acho que não deve proteger demais, também deve deixar a criança, ou filho ou filha, ir, nem que seja para "bater com a cabeça", voltar e depois dar razão. ... ou seja, **ser um pai presente e compreensivo**.";

28.F.-" Ok. Um bom pai é ser o nosso primeiro amor. É ser o primeiro amor do filho ou da filha. É aquela pessoa que tem... que tem que se fazer conhecer, uma vez que já há uma ligação surreal entre mãe e filho, vem desde o ventre, pelo cordão umbilical, o pai acho que só sente aquele amor pleno quando vê o filho e o filho vai ver o pai. **E eu acho que o pai tem que ser muito presente, tem que ajudar, não é... na partilha do amor, tem que partilhar do amor, na partilha tudo aquilo que um bebé dependente implica e eu acho que, na partilha dessas tarefas, o amor está ali implícito**.Eu acho que ser um bom pai é ser presente."

30.F.-" Ser um bom pai é estar presente. **Estar presente é estar presente na tua vida, nas tuas decisões, em ajudar-te... é cuidar de ti.É o dia a dia... o teu dia a dia**, um pai que esteja presente é um pai preocupado que, imagina, leva-te à escola, que traz da escola, que está preocupado se fizeste os deveres de casa... ao longo da tua vida, está sempre ativo nela."

Outros acreditam que ser um bom pai é transmitir bons valores, dar **liberdade com responsabilidade, ser alguém consciencializador e é ser acessível**:

3.M.-" **Eu acho que é preocupar-se com o filho, querer o bom para o filho**, mas não sendo melhor amigo. O melhor amigo não é o pai nem a mãe. Nem podem ser. Porque nem é, nem, eu não acho que, por exemplo, o meu filho há coisas que eu não gostava até que ele partilhasse comigo, deixasse para ele ou deixasse com outros, não é comigo que ele tem de partilhar e acho que isso aí faz a diferença, mas falando no meu caso, os meus pais também me deram muita independência, mas uma independência muito controlada. Ou seja, **davam-me asas para fazer o que eu quisesse, mas também controlado, e sim acho que foi a parte que eu mais gostei da educação dos meus pais. E a parte que tentarei sempre manter para a educação dos meus filhos**."

5.M.-" Ser um bom pai/mãe é prestar atenção ao filho, **corrigi-lo quando deve corrigir apoiá-lo quando deve apoiar não lhe dar tudo**, mas compensá-lo com certas coisas ou... dar-lhe prendas quando ele achas que merece, criticá-lo quando acha que deve criticá-lo, metê-lo na linha quando acha que deve metê-lo na linha, **ensiná-lo, ensinar basicamente!**";

8.F.-" Sim, tem que ter, **tem que ser aberto ao diálogo, tem que ser compreensivo, tem que ser consciencializador**, e claro tem que ser responsável, e etc, etc...";

9.F.-"Mas **acho que apesar de tudo ser bom pai é dar a oportunidade de tu poderes conversar sobre tudo...**é também, **é de facto ensinar que tens de pensar sobre as decisões que tomas e como és responsável pelas decisões que tomas**, mas ao mesmo tempo também te dá liberdade para tomares as decisões erradas. E dares com a cabeça, também faz parte, é assim que nós crescemos. Mas, lá está, dar-te este espaço, mas ao mesmo tempo, ensinar-te a aproveitar a vida e usufruirmos da vida e cresceres também e aproveitares também as oportunidades e as tuas capacidades."

10.M.-”*Ser um bom pai é apoiar sempre os seus filhos nos momentos mais importantes, dar-lhes a liberdade de escolher o que eles quiserem, no entanto sempre tentando orientá-los da melhor forma*, até porque eles já viveram uma vida e sabem como é que o mundo funciona e a opinião dos pais quer queiramos quer não, há-de ser sempre uma opinião sensata e educá-los à sua maneira, não como foram educados ou como querem ou como desejavam ter sido educados, mas com os valores e educação que acham melhor. Mas nunca impondo os seus... ou seja, nunca escolhendo aquilo que não foram nos seus filhos.”;

11.M.-” É um pai que... na altura é que se consegue falar... *é um pai que se consegue falar de tudo*, não que seja um pai muito rigoroso. Por exemplo, que não tenha assuntos tabus, que... eu que me imagino a ser pai é exatamente isso, *quero que os meus filhos tenham à vontade para falar comigo o que quer que seja e que eu os possa ajudar*, ajudar ou não, de acordo com o que eu decidir nesses aspetos. Isso acho que é o principal nesse aspeto em ser pai. E que consiga fazer a gestão do tempo, portanto com algum tempo disponível.”;

13.F.-”Uma pessoa que *transmite bons valores ao filho, faz um bom acompanhamento em questão de educação, comportamento, dá liberdade mas ao mesmo tempo restringe a criança a que faça...ou seja...*”;

18.M.-” Ser um bom pai é tal como disse primeiro de tudo saber educar e esse saber educar não vai à base de chapadas e de colheres de pau nas costas que isso hoje em dia não resolve nada, aliás pelo contrário torna as crianças e os jovens cada vez mais ofensivos e a procurarem o mais rápido possível sair de casa. O que se tem vindo a observar muito nos dias de hoje, o abandono de casa, as crianças a fugir, *portanto para mim ser um bom pai é saber dar a educação com a tal liberdade ao mesmo tempo que a responsabilidade.*”;

23.F.-” Acho que no fundo é preparar um filho para a sociedade. Dar uma boa educação, *dar-lhes bons exemplos...acho que no fundo dar exemplos em vários sentidos.*”;

24.M.-” Claro que é difícil de descrever, *mas acho que é estar presente acima de tudo*. Acho que uma parte muito importante de ser pai, de ser um bom pai é não impingir, *mas tentar guiar o filho acho que isso é importante, não impingir, mas tentar guiar*. Acho que sim, acho que é importante e acima de tudo estar presente, foi o que eu disse inicialmente, mas com tudo aquilo que se possa estar presente, *disponibilizar-se a estar perante o filho e a educar o filho* e a participar nos custos do filho inclusive com aquilo que o pai puder não é, não é com tudo, mas com o que o pai puder. Acho que isso é ser um bom pai, na minha opinião.”.

O pai enquanto pessoa que *impõe limites* também foi mencionado pelos participantes:

21.F.-” *É um pai que saiba dizer não. Acima de tudo*. Porque as pessoas não podem ter tudo o que querem. As pessoas têm que saber dar valor até porque a vida dá muitas voltas e um dia uma pessoa está bem como está mal e tem que saber ter capacidade para gerir isso. *E ter educação e respeito, acho que são as coisas fundamentais para ter um bom relacionamento, para ser um bom pai.*”;

29.M.-” Um bom pai... Ora, primeiro, a presença dele, não é, a presença e ter...A presença. E, essencialmente, também, *acompanhar durante todos os momentos, não só os momentos felizes mas também os momentos menos felizes da tua vida*. E ser ali um símbolo, ou seja, não é só... não é bem um símbolo, como é que eu hei de explicar... é diferente. Enquanto que a mãe é a parte mais apaziguadora, o pai não é a parte mais... é apaziguador, sim, *mas é a linha que divide, é a que toma ali a decisão às vezes final e que tem que haver, muitas vezes*. Pessoas que, infelizmente, não têm pai, nota-se que falta esse pedaço de... assim como quem não tem pai e não tem mãe, falta a afetividade. Como digo, os casais complementam-se e assim é que tem que ser, não é? Cada um traz algo que o outro não tem. Daí a complementar e daí é que formam um casal.”.

4.5. O que é ser uma “boa mãe”?

Um considerável número de participantes afirma que *ser uma boa mãe é exatamente igual ao ser um bom pai*, não fazem qualquer distinção:

5.M.-” *Ser um bom pai/mãe é prestar atenção ao filho, corrigi-lo quando deve corrigir apoiá-lo quando deve apoiar, não lhe dar tudo*, mas compensá-lo com certas coisas ou... dar-lhe prendas quando ele achas que merece, criticá-lo quando acha que deve criticá-lo, *metê-lo na linha quando acha que deve metê-lo na linha, ensiná-lo, ensinar basicamente!*”;

6.M.-” *Exatamente o mesmo (que o pai).*”;

7.F.-” *Igual, acho que tu como filha exigis, entre aspas, o mesmo dos dois.*”;

8.F.-” *Sim, é idêntico e com as mesmas características que referi agora para o pai. Ou seja, ter um nível de abertura, de diálogo...*”;

10.M.-” *Eech de igual forma (ao pai).*”;

11.M.-” *Um bocadinho a mesma definição. Não quero estar a repetir (riso).*”;

13.F.-” *Eu acho que passa exatamente pelo mesmo sentido. (...) Não faço distinção entre uma boa mãe e um bom pai, acho que têm os dois o mesmo peso na educação etc.*”;

15.F.-” *É estar presente e estar acessível para o filho. Pode estar presente e não estar acessível, eu estou a falar dos dois, estar presente e estar acessível. (...) Haver diferenças há, mas acho que não deveria haver. Acho que para mim devia ser os dois iguais. Os dois dão suporte, os dois estão acessíveis... mas basicamente, olha até posso acrescentar á outra, é dar suporte também. Estar acessível e dar suporte ao filho. É isso...*”;

22.M.-” *A mesma coisa (riso). (...) Deve ser igual, completamente.*”;

23.F.-” *... Acho que tem que ser um papel que tem de ser desempenhado pelos dois e não por um só.*”;

24.M.-” *Passa pelo mesmo. É exatamente a mesma coisa. É estar presente pro filho, guiar o filho da mesma forma, acho que não muda ser pai e ser mãe.*”;

25.M.-” *Pronto, o pai é isso sim, essencialmente os dois é..pronto, é isso é...é o apoio e estarem presentes mas ao mesmo tempo conseguirem tipo regular as energias, tipo, há momentos em que eles têm que estar presentes mas há outros momentos em que eles têm que saber que não têm que estar presentes, estás a ver? Conseguir gerir isso.*”;

26.M.-” *Não... porque, como eu digo, acho que e principalmente (?) tanto o pai como a mãe têm um papel muito semelhante...apesar de termos sempre a imagem que o pai tem que ser a pessoa que dá as “ordens” de forma mais ríspida e a mãe é o nosso porto de abrigo, a pessoa que nos acolhe quando mais precisamos e nos dá o colo. Mas eu acho que, hoje em dia, as coisas tendem a ser cada vez mais gerais e acho que, tanto um pai como uma mãe podem tomar ambos o mesmo papel.*”;

27.F.-” *À semelhança do pai, também, tem que ser compreensivo e assim, pronto, acho que... (...) Não, acho que... claro que o elo de ligação é sempre diferente mas, acho que, não, pelo menos não deveria haver. (...) Por isso é que dizia que existem muitos pais que são mães e vice-versa, há muitas mãe que são pais também.*”.

Um número menor, além de concordar que ser bom pai e mãe é semelhante acredita que ser boa mãe é ser *mais carinhosa, a pessoa que dá colo, o porto de abrigo, vêem como algo intrínseco à mulher*:

9.F.- ”Uma boa mãe. *Claro que a mãe, as mães têm sempre aquele lado mais carinhoso, mais...mas acho que uma mãe e principalmente se tem um filho, tem uma filha, uma boa mãe, que se calhar é isso que eu espero, é uma mãe que, por exemplo, que trabalhe, que é forte, que também passa uma boa...a minha mãe também passou essa imagem, mesmo não trabalhando, mas acho que uma mãe que passe lá está, esta autoconfiança, o sentido de independência de autonomia também a uma filha também é importante.*”;

16.F.-” *Exatamente a mesma coisa. Só que associamos sempre a mãe, não é proteção, mas é... mais ao colinho, mais nesse sentido.*”;

19.F.-”Não. Não vejo muita diferença. Lá está numa fase inicial obviamente que uma mãe acaba por ser mais presente porque lá está, acaba por ser mais presente com os filhos porque está mais tempo com eles numa fase inicial. E também porque esta questão de dar de mamar e tudo também cria ali um laço que o pai acaba por não o ter, não é...mas acho que a educação ao nível do crescimento da criança é tal e qual da mesma maneira, tanto do pai como da mãe. Simplesmente a mãe pode... sei lá, ensinar umas coisas e o pai ensinar outras se calhar que esteja mais dentro do assunto, não é.”;

28.F.-” *Ser uma boa mãe é tratar o filho como se do coração dela se tratasse. É, além de dar a vida, é fazer com que a vida seja fantástica para aquela criança e fazer com que a criança olhe sempre para a mãe e saiba que ali está um porto seguro.* Para o bem e para o mal. (...) Eu acho que ser mãe... dizem que é um amor inexplicável. Mas... (...) Porque, eu acho que há más mães e há maus pais. Há excelentes pais de filhos que têm uma péssima mãe. E os pais vão cumprir o papel de “pai e mãe”. Por isso, eu acho que tem a haver com a educação... (...) *...tem mais semelhanças do que diferenças! Tem mais semelhanças que diferenças, sim.*”.

29.M.- ” A mãe... *Acho que a mãe está mais ligada à parte afetiva, não é, obviamente.* Mas também tem os seus limites. Tem que impor os seus limites mas, em si... estou a repetir-me agora, mas é mais ligada à parte afetiva, sim.”;

30.F.-” É igual. Sim. Mãe, *em termos de gestão, porque é a tua mãe que gere, acaba por ter um papel diferente. Mas é parecido.* Existe o papel de ser mãe e pai e eu penso que seja parecido a nível de cuidar. Os dois têm a obrigação de cuidar de ti da mesma forma. E têm que assumir os dois...Acho que tem que ser partilhado. Mas o pai tem sempre aquela, *se calhar o pai consegue ter aquele poder de dizer “Faz isto e aquilo” e tu obedeces e a mãe de ser mais carinhosa, porque nós mulheres somos mais assim. “Carinhosa” e desabafas mais com a tua mãe...*”.

Também a *imposição de regras ou de alguns limites* é mencionada por alguns dos jovens:

12.F.- ”As mesmas coisas. (...) Sim. Se calhar vejo a mãe *um bocado mais refilona*, mais quem dá... *zanga-se mais, dá mais raspanetes*, mas que no fundo está sempre, está sempre disponível.”;

21.F.- ” Ser companheira, ser mãe e *também saber ter regras e saber dizer – “ Não, hoje não vais.* ” - mas ao mesmo tempo fazer transparecer que está ali para tudo, como uma amiga também, não só como mãe. (...) Não, eu vejo semelhanças, eu vejo semelhanças porque acho que todos os pais querem o melhor para os filhos e, portanto apesar de darem educações se calhar um bocadito diferentes, de maneira diferente...”.

4.6. Como se veria a ser pai/mãe

Nesta subcategoria os participantes voltam a mencionar que desejariam ser *parecidos com os próprios pais no que respeita à parentalidade*, contudo frisam que em *alguns aspetos tentariam melhorar*. Nos participantes do sexo masculino pode verificar-se a vontade de ter um papel mais de *cuidador* do que o que receberam e até proporcionar um *apoio emocional mais efetivo*:

1.M.- ”... porque lá está, *as mentalidades mudam*, as pessoas mudam e talvez não faria, sei lá, dando o exemplo do meu pai que nunca me ajudou, sei lá, digamos a vestir ou a escolher uma peça de roupa ou por aí fora, isso era mais trabalho da minha mãe, acho que se fosse comigo, se fosse eu, acho que já também fazia essa parte. Não tanto de ajudar, sei lá, arranjar uma bicicleta ou o que fosse, *mas também a nível mais emocional*, sim, sim, era mais ou menos assim, julgo que sim!”; 2.M.- ” Sim, *acho que faria no fundo o que os meus pais fizeram*, se calhar não fui, não estou a dizer que

fui não acompanhado na educação, *se calhar acompanharia mais no aspecto de, por exemplo, de decisão de trabalho futuro.*”;

6.M.- ” Sim, e *ter uma relação igual entre, bem, entre aspas, mas o mais próximo possível, sim.*”;

7.F.- ” Acho *que tentaria ser igual à minha.* Acho que sim.”;

15.F.- ”Eu acho que quanto modelo, *eu assumiria muito o modelo da minha mãe*, não de todo o do meu pai. *Porque a gente tem modelos na nossa vida e consegue depois, algumas pessoas conseguem, perceber o que é que está bem e o que é que foi bom para nós, e o que é que está mal* e o que é que está mal para nós. E eu seguiria, por exemplo, muito o modelo da minha mãe. Muito mais o lado dos afectos, da compreensão, de ouvir, de estar acessível, de participar, a minha mãe é isto tudo, mesmo! A minha mãe nunca falhou uma única vez! O meu pai já...”;

17.M.- ”Lá está, *eu se for tão bom pai como o meu pai foi não me queixo. Agora, vou tentar corrigir os aspectos que eu achava menos bons como é óbvio...* se conseguirei fazê-lo com êxito, não sei, mas...() ...lá está as coisas que eu menos gostava que vou tentar não cometer os mesmos erros,mas lá está convém também...e isto depende do teu filho não é, porque há miúdos que têm uma personalidade mais calma, há outros que têm uma personalidade mais rebelde e o nível de autoritarismo às vezes vai depender disso. Mas...vou tentar se calhar, *tentar ouvir mais os meus filhos, do que se calhar os meus pais ouviram. O meu pai, o meu pai neste caso.*”;

19.F.- ” *...eu acho que vou ser uma mãe muito parecida com a minha, o que nalgumas coisas é bom e noutras é um bocado mau.* Não é que a minha mãe seja má mãe, mas é do género, tem coisas que às vezes não lembram ao diabo não é, e acho que tenho também um bocado disso dela. (...) sei lá, eu acho que vou...sou capaz de ferver mesmo em pouca água.”;

22.M.- ” Ia ser um bocadinho mais rígido, mas ia ser quase tão liberal. *Apenas ia mudar naquilo que eu sinto falta hoje em dia, de uma mão firme. De resto ia ser igual.*”;

26.M.- ”...E então eu acho que consigo ser um misto dos dois, *que é ser rígido quando assim eu tenho que ser e, ao mesmo tempo, ter o outro lado protetor e de dar o colo quando as pessoas assim o precisam.*”.

Outros vêem-se como alguém que vai estar *mais ligado ao jogo e às brincadeiras*:

5.M.- ”*Eu penso que seria o mais brincalhão.* Penso que seria entre eu e a minha namorada, *penso que seria eu o mais brincalhão com os filhos, seria eu quem mais brincaria com eles, era eu quem mais queria ter a atenção deles*, mas depende claro do meu trabalho na altura. Mas, obviamente que gostaria de, obviamente que gostaria de dar-lhes toda a atenção, que possa dar-lhes tudo no mundo só que não é possível e também não lhes posso dar tudo, não é? Não é lógico até porque não quero ter filhos mimados, quero ter filhos pelo menos que cresçam como eu cresci, sinceramente.”;

25.M.- ”... provavelmente seria aquele que,não sei, aquele que ele zangava-se com a mãe e depois eu dizia ‘ó pá...deixa lá pá...” acho que ia ter uma postura muito de conselheiro, ‘’ então porque é que estás assim?”’, estás a ver? (...) Se calhar, *se calhar seria assim mais, tipo, mais brincalhão ou assim...na, eu provavelmente se for,se for pai acho que vou ter mais as características da minha mãe do que do meu pai, estás a ver?*”.

Outros *um pouco mais rígidos*:

12.F.-” Não sei se *seria a mãe mais compincha de brincadeiras e não sei quê, não sei seria uma mãe mais para o raspanete... não sei. Se calhar ia ter que ser um bocadinho as duas medidas...*”;

23.F.- ” *Acho que seria a mais exigente.* Isto é, fazer aquela parte se calhar mais chata. Mas sempre dentro...considero-me uma pessoa calma e acho que dentro da calma, mas seria uma pessoa exigente. Como mãe, pronto, acho que seria uma pessoa exigente.”.

Alguns pretendem transmitir mais *responsabilidade, apoio e independência*:

3.M.- ”*Manter a independência dos meus filhos*,(...) mas eu veria-me como pai exatamente como eu disse. Dar a independência, controlando sempre, tentando... acho eu , consegue ver o que é que está

ali a correr mal. *É preciso é estar um pouco atento, claro. Mas dar a independência e deixar que ele próprio cresça.*”;

9.F.- “Tendo um filho eu esperava *passar os mesmo princípios e valores*, acho que todos nós pensamos isso, mas pensamos como é que nós vamos fazer isso. Acho que é um dos grandes dilemas, mas lá está, foi o que eu referi anteriormente, tentava... *é necessário responsabilidade e consciência*, mas apesar de tudo mostrar que ele tenha capacidade, que tem imensas capacidades, que se calhar a vida, pronto, nós complicamos às vezes muito e stressamos, e vivemos muito negativamente as situações, *mas tentar ensinar-lhe que se calhar tudo, transformar uma coisa má numa coisa boa, mesmo a nível profissional, e espero que ele consiga aproveitar as coisas mesmo que não tenha muito dinheiro, que consiga aproveitar as coisas da vida e sentir-se feliz com ele mesmo*, acho que isso é o mais importante.”;

16.F.- “A nível da minha figura enquanto mãe, eu acho que vou ser um bocado até, ansiosa demais, mas, *quero principalmente ensinar o que é assim para os desafios diários, para os desafios da vida*, quero estar lá sempre que eles precisarem, para eles sentirem que apesar de tudo, qualquer coisa vou estar lá, não é? Em princípio, vejo-me a ir mais por aí.”.

Duas jovens acreditam que vão ser “*mães-galinha*”:

14.F.- “Ia ser uma *mãe galinha completamente*, estou mesmo a ver o filme. Iria ser uma mãe completamente presente, tenho a perfeita noção que se calhar não iria concordar com muitas atitudes, porquê? Porque eu quando penso uma coisa, penso, se calhar *posso dizer que apesar de querer dividir tarefas eu acho que iria viver muito focada para a criaturinha*, entre aspas...”;

30.F.- “Eu penso que sim... *Ia ser mais cuidadosa, mais preocupada* “como é que está a vida da minha filha pessoal?”, como é que ela se sentia... *Mais “galinha”*.”.

4.7. Que modelos assumiria? Como se veria na relação com o/a companheiro na distribuição de papéis e responsabilidades?

Nesta subcategoria 90% dos participantes deste estudo não fazem uma distribuição de papéis distinta, *os jovens concordam que todos devem exercer a parentalidade da mesma forma* sem que haja uma distribuição de papéis definida para o pai e para a mãe. Ambos devem ter a mesma responsabilidade:

1.M.- “...*Conforme fossem as necessidades da criança cada um faria*, quem tivesse disponibilidade, nem que fosse sei lá, levar à escola ou fazer qualquer coisa, *tanto podia ser eu como a minha namorada, como fazer o almoço ou o jantar, tanto podia ser eu como ser ela...* (...) Não, julgo que não, como antigamente, não, julgo que não havia essa diferença.”;

2.M.- “Não, *acho que o papel é semelhante*, por exemplo, vejo-me no fundo a ir a reuniões de pais que se fazem no fundo trimestralmente nas escolas, *mas também vejo a futura companheira a fazer isso e fazer isso se calhar alternadamente*. Mas a acompanhar sempre e a haver comunicação entre ambos.”;

3.M.- “...a nível de companheira, eu lá está, é um bocado complicado, eu gostaria que também pensasse assim, espero que pense assim, *lá está por isso irei procurar sempre uma companheira que seja mais ou menos de, com o mesmo feitio (para dividir tarefas). Lá está, é outra coisa que tem vindo a mudar...*”;

6.M.- “Acho que deve ser distribuído de forma igual. O homem tem, *tem que estar presente o pai como tem que estar presente mãe*. Claro que, isto não é sempre possível, não é sempre, existe, não é sempre assim que as coisas acontecem e uma coisa é uma situação idílica outra coisa é o que realmente acontece na prática. Mas eu acho que deve ser assim, acho que deve haver.. (...) *Sim, e ter uma relação igual entre, bem, entre aspas, mas o mais próximo possível, sim.* (...) E equilibrada possível.”;

7.F.-"Sim. Acho que vamos ter, é como eu disse temos que ser... *o meu filho tem que exigir o mesmo dos dois, logo nós temos que ser os dois o máximo*, como é que eu hei-de explicar? Pronto, *temos que assumir as mesmas responsabilidades para com ele. (...) Somos os dois pais.*";

9.F.- "*Ah, a distribuição de papéis, acho que seria muito igual.* Se calhar antes não era tanto assim, a mulher tinha mais funções ou determinado tipo de funções e o homem outras, mas hoje em dia acho que está muito equilibrado.";

12.F.-"Sim, eu acho que pronto, *se tivesse um companheiro também disponível para isso iria ser muito dividido.* (...)Sim, sim, para dividir..";

14.F.-" *Claro,claro que faria (partilha de tarefas).*";

15.F.-"Não sei se seria fácil ou não, *mas eu ia fazer de tudo para que fosse o máximo igual.* Que o filho apostasse, por exemplo, nos jogos, para os dois, na educação para os dois, na responsabilidade para os dois, por exemplo, "Quero ir ao médico." não ia perguntar à mãe, também pode perguntar ao pai se quer ir ao médico. Eu ia tentar que fosse o máximo possível iguais um ao outro. *Que os filhos percebessem que os dois são iguais, igualmente importantes, assumem os dois os mesmos papeis e por isso estão os dois presentes da mesma forma na vida do filho. Pode contar com os dois da mesma forma.*";

16.F.- " Olha eu acho que *essas tarefas parentais a educação e assim, tem que ser sempre coerente entre os dois e consistente principalmente, que isso faz toda a diferença. Distribuição de tarefas ao máximo, claro que sempre que algum não puder vai lá outro e assim que tenta compensar.*";

17.M.- " Não. Eu acho que é assim, em relação à educação que eu tive, se o meu pai me dissesse alguma coisa a minha mãe não podia intervir, é quase como, não tinha direito à opinião, porque o meu pai falou e acabou. Hã eu não acho isto correcto, *eu acho que mesmo nas decisões, por exemplo, de castigo, acho que essas coisas devem ser decididas em conjunto... em termos de educação duas cabeças a pensar pensam sempre melhor que uma. É indiscutível. E acho que essas coisas devem ser muito debatidas entre os pais e as decisões que cada um toma em relação aos filhos... e lá está, as pessoas também têm que ser muito...têm que se identificar uma com a outra não é, em termos de pensamento e valores para poderem transmitir o mesmo ao filho,não é.*";

20.F.- " Não, *acho que vai ser um bocadinho a dividir pelos dois.* É assim, eu pelo menos falo por mim, para ser mãe vai ter de ser uma decisão mútua, não vai ser uma decisão só por mim. Ou seja, vai ser uma coisa que vai ser discutida vai ser uma coisa que vamos ter que pensar bastante *e não vai ser só – eu faço isto, tu fazes aquilo, não, fazemos os dois* – porque foi isso que os meus pais fizeram e se pudermos inculcar isso para os nossos filhos melhor ainda.*Porque estamos unidos para aquilo, foi para isto que nós pensamos em ter filhos, se pensamos unidos vamos criá-los unidos e tentar fazer...*";

21.F.- "Acho que sim, *acho que ia haver uma distribuição porque acho que tem que ser assim...*";

22.M.- "... eu espero que seja bastante parecido com ela, que partilhe os mesmos ideais, não é, mas logo se vê.";

25.M.- "... *acho que ia ser igual.*";

26.M.-"... Mas eu acho que isso, hoje em dia, *podemos ser tanto como pais como seres na sociedade. Acho que as pessoas não tem que tomar o papel*, acho que as pessoas não têm que ter só um rótulo. Acho que podemos ser mais diversos do que aquilo que somos e, se calhar, ter um equilíbrio, apesar de que hoje em dia é muito difícil as pessoas às vezes manterem um equilíbrio e... mas terem um equilíbrio de ambas as coisas.";

27.F.-"Ah, sim, vejo...lá está, é como tu dizes, *é uma divisão das responsabilidades porque ter um filho...* porque a tendência normalmente, já quando é um casal, é sempre "um bebé chora a mãe vai". Pronto, mas acho que também houve essa alteração: antes era mesmo só a mãe que ia, hoje acho que já há essa divisão. Acho que isso também é importante, porque em termos de cansaço e, ou seja, a pessoa descansa, já tem mais paciência, não é? E, pronto, em questões de ter que levar o filho à escola ou ajudar, por exemplo, *enquanto que a mãe cozinha ou estar a fazer alguma coisa ou o pai a cozinhar, vice-versa, também ajudar a criança com os trabalhos de casa, na escola, pronto.Acho que sim, é importante ter essa divisão.*";

28.F.- "Eu acho que as coisas têm que ser, sim... *se o pai quer ser pai à partida vai ter um papel. Logo vão haver tarefas divididas ou então se "um dia a esta hora faço eu", eu estou a trabalhar portanto faço o pai assumir esse papel.* Acho que não tem que partir de mim, de ser eu a ditar, o que é que vai ser feito por ele, o que vai ser feito por mim "quando" e "porquê". *Acho que se o filho é dos dois, os dois têm igual importância e papel na vida da criança.* (...) Equilibradas.”;

29.M.- "O que eu disse à pouco é que não há papéis distribuídos. Ou seja, *"ela é afetuosa, ele..."*, ambos são afetuosos, ambos se complementam, como eu costumo dizer.”;

30.F.- "Eu sei que é diferente, *mas eu comparo a minha vida pessoal neste momento com ele, em que nós dividimos as tarefas domésticas. Por exemplo, eu cozinho e ele lava a loiça... acho que ia ser igual. Era "eu hoje mudo as fraldas e tu dás o biberão"...*".

4.8.Como seria se fosse pai/mãe de rapazes e de raparigas

Quando questionados como seriam se fossem pais de um rapaz ou uma rapariga, os participantes mostram-se divididos. Ainda que *mais de metade* tenha respondido *querer ser igual*:

3.M.-"...os valores da sociedade defendo os atuais, *claramente, e acho que educaria os dois da mesma maneira, nesse aspeto.* “;

6.M.-"Sim, claro, eu ver- me- ia a tentar, mas, por exemplo, eu vejo que, existe, *normalmente há mais proximidade entre as irmãs, entre as filhas e os pais e entre os filhos e as mães. Mas tentaria claro que fosse igual, claro.*”;

7.F.-"Não, *acho que ia ser exatamente igual.*”;

8.F.-"Ia educar da mesma forma.”;

11.M.- "Sim, sim, *será igual.*”;

13.F.-"...*iria ser exatamente igual.*”;

15.F.- "Ai, *se eu for mãe de rapaz e de rapariga, vai, não vai haver diferença nenhuma (riso). Isso eu garanto, porque eu tenho um modelo em casa que eu não quero que seja esse modelo assim de todo...*não fazia distinção. Os dois ajudam, os dois são completamente iguais mesmo!”;

17.M.-"...ia ser semelhante...tentarei nunca o fazer.”;

20.F.-" Não, claro que se visse alguma coisa que não estava a achar ou que não tivesse correcta tanto de um como de outro claro que iria falar,mas sim, *acho que a educação iria ser a mesma.*”;

21.F.-" Não. Não, não. *E digo-te porquê. Porque eu notei essa diferença na minha educação. E, portanto, acho que o pior que pode existir é um filho notar diferença na educação...* E, portanto acho que a educação tem que ser igual para os dois.”;

22.M.- " Não. (não haveria diferenças)”;

24.M.- " *Acho que é exactamente uma questão de estar de cada um,não faria diferença entre um rapaz e uma rapariga*, isso para mim, acho que em termos de pai era exatamente a mesma coisa.”;

25.M.- "... Portanto acho que não, não havia diferença.”;

28.F.- "Acho que ia ser igual, pois o próprio género iria... eu iria aprender com a diferença do... as crianças iriam me ensinar. ”.

Alguns participantes (igual número de ambos os sexos) consideram que *seriam diferentes* no caso de serem pais de um rapaz ou de uma rapariga. Na maioria, mencionam o facto de virem a *ser mais protetores com a rapariga* outros por recluir *não saber lidar com o facto de ser menino/menina*:

1.M.- " Não! Acho que..agia de maneira diferente porque lá está, se fosse um rapaz eu cresci, sou um rapaz,sou um homem, sei o que,pronto como é que o rapaz cresce,o que é que precisa. Agora sendo uma rapariga, talvez não saberia cuidar tão bem como acho que saberia cuidar um rapaz. Acho que uma rapariga tem mais necessidades que um rapaz ao crescer, julgo eu. (...) Sim,haveria

poucas porque *eventualmente iria aprender e ia voltar a haver semelhanças*, neste caso falando com a minha namorada iam conseguir conciliar e também aprender, e ia conseguir fazer as mesmas coisas. Mas acho que ao princípio sim, seria diferente e *teria de talvez uma maior dificuldade se fosse uma rapariga do que se fosse uma rapaz.*”;

5.M.- “Seria talvez diferente. Rapazes normalmente exigem menos cuidados, não sei.(...) Também por causa da sociedade em si como está e também por causa de outros aspetos biológicos.”;

10.M.- “...*eu acho que ia haver diferenças, mas eu acho que é normal*, porque tal como eu referi anteriormente, tal como o meu pai faz com a minha irmã, *temos sempre um sentido mais protetor com as filhas do que com os filhos*... pelo que referi anteriormente, somente por não terem a mesma capacidade de se defender, não em termos de ficar á quem ou por ser tímida ou, não, mesmo em termos de força perante situações de perigo. Acho que cria um instinto mais protetor com a minha filha do que com o meu filho.”; 12.F.- “Se calhar era igual, mas era capaz de haver *um bocadinho mais aquele instinto mais protetor se fosse rapariga*. (...) Acho que o pai se calhar seria pior (risos). Ainda mais protector. Não sei. Mas nos rapazes também tem de se ser obviamente, mas não sei, *nas meninas há sempre aquela proteção extra.*”;

14.F.- “*Se fosse mãe de uma rapariga tenho a perfeita noção que iria ser muito mais protetora*, sem dúvida. Com todo o mundo que nós estamos a viver acredito que seria muito mais protectora, porquê? Porque com os medos com tudo o que possa acontecer, porque ainda existe muito estereótipos e se calhar podes pensar assim, se calhar é mais fácil uma rapariga ser violada do que um rapaz, quando se calhar na realidade não é bem assim, mas seria muito mais protectora em relação a isso, se calhar teria muito mais cuidado, a nível de companhias, consumos de drogas e tudo mais, cada vez está mais presente na nossa sociedade...”;

16.F.- “(Riso) Lá está, *eu acho que inevitavelmente vai haver diferenças. Porque a menina, é menina, é preciso proteger é isto e aquilo*, se calhar o rapaz é... vai ser, não é atirado aos lobos mas tem aquele... é as questões das crenças... mas claro que ao máximo tentaria dar a mesma, ter a mesma atitude perante os dois.”;

18.M.- “Acho que isso é algo natural, *é algo que faz parte do ser humano em que as próprias crianças sentem muito mais à vontade para falar de certos assuntos, respectivamente ou com o pai ou com a mãe.*”;

19.F.- “*Sim, ia ser diferente. Ia ser igual nos valores que lhes ia incutir não é, mas acabava por ser diferente noutras coisas.*”;

26.M.- “É assim... eu acredito que as pessoas não o devam fazer, até porque eu aposto na igualdade de género e acho que... mas é aquela “velha história”, em que nós com uma rapariga tendemos a ser um bocado mais protectores, porque achamos que são seres mais frágeis, que podem... facilmente são mais expostas, sei lá, aos rapazes, e há uma maior preocupação... há sempre algo em mim que tem as raízes da sociedade e a educação que levei. Como é lógico, iria tentar ser igual, seja rapaz seja rapariga, *mas se calhar iria ser um bocado mais protetor com uma rapariga do que com um rapaz*, inconscientemente.”.

5. Parentalidade e a gestão constrangimentos e contextos

5.1. Conciliação família-trabalho - Como considera que estas dimensões afetam as decisões sobre ser pai e mãe e as suas em particular

Quase 100% dos participantes consideram que a as dimensões conciliação trabalho-família afetam na decisão de serem pais. Uns pela *falta de tempo* que terão para estar com os filhos, outros pelas *questões financeiras* e outros pela incerteza das *condições que o Estado oferece*:

1.M.- "Sim, o trabalho afeta muito essa decisão...quanto a mim e da maneira que eu penso, não teria hipótese de cuidar de uma criança, teria sempre que pedir ajuda alguém para o fazer, porque a minha disponibilidade é muito pouca, tenho poucas horas livres.”;

3.M.- "*Sim, afecta logo à partida no número de filhos. Se eu for uma pessoa muito ocupada, claramente que não vou ter muitos filhos.* E pronto, isso aí logo à partida já é uma coisa que afeta bastante.”;

5.M.- "*É uma coisa que importa e mesmo em termos de trabalho, em termos de ordenado, etc, que tipo de ordenado vamos ter? Que tipo de trabalho vamos ter? Será que vai ser suficiente para nos aguentar-mos a nós os dois mais um filho?* Tendo em conta também os gastos que vai ter e que tipo de sociedade é que estamos a viver, *que tipo de país é que estamos a viver, que tipo de cuidados é que a sociedade, nossa, tem com os filhos?* Tipo serviços, *se os serviços são caros, se os serviços são acessíveis e por aí em diante. Eu é que não quero deixar o meu filho a tempo inteiro num jardim de infancia sem lhe dar atenção e ele só vem para casa comer e dormir, isso não faz sentido nenhum.*”;

6.M.- "Ah, *afecta o ter o que se chama estável, o poder dar uma vida confortável aos meus filhos,* não me preocupa tanto a carreira, não, não, preocupa-me é o poder ter um mínimo para lhes poder dar, acho que isso é a parte mais importante.”; 8.F.- "Por vezes é complicado porque nem todas as pessoas têm um horário que seja possível conciliar as duas coisas.”;

9.F.- "*Pronto, afecta imenso eu acho que sim e hoje em dia cada vez mais afecta* porque...se um funcionário...tiver que faltar muitas vezes porque o filho está doente ou porque tem que sair por motivos relacionados com o filho, o emprego pode ser posto em causa, ou seja, há uma série de coisas que uma pessoa tem que pensar e ponderar, é isso.”;

10.M.- "Não é fácil... *há quem trabalhe 12 horas por dia o que não deixa quase tempo para...para se relacionarem com os filhos. É muito normal a abordagem agora ser diferente, há muitos filhos e pais que têm uma relação muito distante e essa distância muitas vezes é criada pelas horas que os pais passam no trabalho,* pelas horas que os filhos passam na escola também são imensas, acho que pode criar uma certa distância que não é positiva para o relacionamento de pai e filho.”;

13.F.- "*Em particular é o que afecta mais na opção de ter ou não ter...*”;

17.M.- "Eu por exemplo, no meu caso eu tenho *o meu tempo extremamente limitado, isto é, em casa, não é, passo muito poucas horas em casa e a maior parte delas é a dormir... por muito dinheiro que eu tivesse neste momento, não ia ter um filho porque não tenho tempo para o educar... a parte financeira também não ajuda muito* mas também...este facto também é muito importante.”;

19.F.- "*É uma questão do emprego, uma questão de dinheiro e uma questão de tempo, acho que sim. Porque neste momento o que uma pessoa faz é que trabalha muito e ganha muito pouco e isso não são pontos positivos para quem está a criar uma família...*”;

25.M.- "Sim, sim, acho que influencia.”.

30.M.- "Afeta muito a parte financeira... Eu acho que é o que se sente mais na sociedade, é isso. A nível financeiro e faz com que adie a decisão de ser pais.”.

5.2.Dilemas na conciliação, gestão de alguns destes constrangimentos (licenças, etc.)

Tal como na subcategoria anterior, um dos maiores dilemas colocados na gestão dos constrangimentos é a falta de tempo para estar com a família. Os *horários alargados*, a *pouca flexibilidade de horários* e as *licenças parentais* são os maiores dilemas que os participantes apontam:

3.M.- "...atualmente *nós primeiro vivemos para o trabalho e depois vivemos para a família, para as mulheres para tudo e é assim...* (...) Mas não sei até que ponto seria possível, lá está, *com a licença também ganharia na mesma, mas a realidade é sempre bem diferente do que o que a teoria diz, não é?* Por isso não sei se possível, teríamos que adaptar, ver a realidade”;

5.M.- "E havendo licença de paternidade também haverá mais tempo entre os dois,é trabalho de equipa, haverá mais tempo entre os dois conciliarem o que têm de fazer e as possibilidades que eles têm...";

9.F.- "Aliás, muitas vezes pergunta-se em entrevista se é mãe se é pai, se está a contar ter filhos ou não e a pessoa ou a mulher vai ser contratada ou não, porque se está de facto com essa perspetiva, e às vezes as pessoas são obrigadas a mentir o que é muito triste.";

11.M.- "... *as entidades patronais muitas vezes não flexibilizam o horário* que... porque senão põem lá outra pessoa com mais disponibilidade, que não é pai ou...que tenha mais disponibilidade de horários. *Na gestão, de contar muito com a família...* o facto de não ter tempo, tens que arranjar entretenimentos para a criança e...mas se calhar preferias passar esse tempo com a criança e a criança tem que estar numa aula de música...pronto, está a aprender qualquer coisa que é sempre importante, mas se calhar uma vez por semana gostavas de ter o tempo da aula de música para estar com ela. E é isso que se calhar não tens...É complicado.";

12.F.- "... *a gente por muito que não queira trazer o trabalho para dentro de portas* às vezes ele vem e vice-versa, se calhar *essa parte é mais difícil de conciliar*.";

15.F.- "Cada vez mais difícil por causa das oportunidades de emprego... e... *e mesmo da distancia física que muitas vezes isso provoca. E vai provocar cada vez mais*. Portanto vai ser difícil, muito difícil.";

26.M.- "*Eu acho que o dilema dos dias de hoje é um bocado o tempo. É conseguir fazer uma boa gestão do tempo, porque eu sinto que hoje em dia os trabalhos "sugam" muito o tempo que as pessoas têm*. E nem sempre há tempo suficiente para haver um acompanhamento e uma dedicação a nível familiar. E, então, sinto que hoje em dia há muitos pais que não conseguem gerir bem esse tempo e serem, não que não sejam dedicados, porque é um bocado...não é uma questão de querer mas uma questão de ser assim. *E incumbido ao trabalho, hoje em dia a maior problemática para mim é mesmo a gestão de tempo*.";

27.F.- "*Principalmente o tempo. Acho que é isso que... uma pessoa trabalha demasiado*.";

28.F.- "...*será mesmo o tempo família-trabalho*... dedicar-se ou não falhar nem num campo nem noutro.";

29.M.- " Os dilemas, basicamente, tornou os avôs, digamos, baby-sitters, não é, *porque não há tempo para estar com as crianças ou para saber onde é que a vamos deixar*. Muitas vezes os avós assumem aí o papel de pai e de mãe. E infelizmente, no nosso dia a dia, temos os filhos mais tarde..."

5.3. Colocar-se no papel de empregador: imaginar condições para facilitar a conciliação entre o trabalho e a vida privada

Os participantes voltam a ir ao encontro das questões anteriores. Nesta subcategoria 80% dos jovens sugere que a *flexibilidade no horário*, a *compreensão*, *trabalho por objetivos* e *horários legais* seriam opções a adoptar se fossem empregadores:

1.M.- "...*passa muito pela disponibilidade e tentar talvez dar mais tempo de,mais tempo de... (...)* *Mais flexibilidade, sim*. Mais tempo para as pessoas, neste caso os trabalhadores para poderem estar com a família.";

3.M.- "Ora bem, acho que uma das maiores preocupações dos pais na educação de um filho, *acaba por ser o tempo que despende e as horas, porque acaba por ser só basicamente só chegar a casa e o dia todo não passa com o filho, isso aí poderia ser mudado, se, por exemplo, o número de horas de trabalho fosse mais reduzido...a produtividade não tem nada a ver com o número de horas de trabalho*, e até eu próprio já estive a trabalhar e sei que havia horas que estava a olhar para o teto e isso aí, acho que tem de *haver uma maior flexibilidade no horário de trabalho*. E também poderia haver um horário não fixo. Ou seja, mas também se os trabalhadores têm a noção do trabalho que é preciso ser feito, eles próprios saberão quando é que irão trabalhar e a que horas é que iriam

trabalhar. E isso sim, poderia facilitar a relação familiar e de pais. (...) Pronto, mas aí já são questões muito mais políticas do que um simples empregador poderá fazer, mas eu vejo uma questão muito geral, não é?!...a nível da educação também é uma preocupação também, outra vez, não é a nível de empregador mas é a nível de país, *a parte de cresce, a parte de escolas e infantários e tudo, está bastante escasso no nosso país. Deveria ser sim um assunto a... algo a investir...* algo a investir e acessível a todos. Cresces e infantários há muitas, mas não estão acessíveis a todos, pronto penso que é isso.”;

5.M.- “...E *em caso de emergência obviamente que não daria nenhum prejuízo ao empregado se tivesse que ir ter com um filho de emergência ou uma coisa parecida, não haveria problema nenhum...*...e muitas vezes há problemas e é esse uma grande...uma situação problemática.”;

6.M.- “No que pudesse facilitar com certeza, acho que é fundamental e acho que, *acho que uma das coisas mais importantes é ter um horário de entrada e um de saída que seja digno e que respeite o total... a legalidade.* (...) Sim, quero dizer, se o horário está definido é esse horário que tinha de ser respeitado, quero dizer, e as pessoas têm que... (...) *Total disponibilidade, quero dizer, as pessoas ficam doentes e os miúdos ficam doentes não existe..todos somos pais ou quer dizer, muitos de nós somos, como é óbvio. Se fosse ao contrário eu gostaria que alguém me permitisse isso.*”;

13.F.- “(Silêncio) Horários mais flexíveis, por exemplo, eu acho que passava muito por aí.”;

15.F.- “...O filho pode estar doente mais tempo. Porque é que só podem tirar aquele tempo de licença, ou seja, *daria mais oportunidade nesse sentido, ou seja, quando o filho em situação de doença, os pais poderem estar mais presentes.*”;

16.F.- “Muita compreensão, também está relacionado com isso...*Eu acho que principalmente flexibilidade e compreensão.*”;

17.M.- “...eu acho que em Portugal nós temos a tradição do horário, que por vezes é um bocado parvo porque há pessoas que por muitas horas que trabalhem não vão ser mais ou menos rentáveis eeh e às vezes também depende muito dos trabalhos, mas *nós somos muito presos ao horário eu penso. Eu acho que como empregador eu trabalharia por objetivos, se tivesse neste caso um empregado que fosse pai recentemente, pronto ia ter em consideração o nível de trabalho e os objetivos que ia esperar dele, não é, e iria deixar em termos cronológicos no seu critério,* “Até X data tenho de ter estes objetivos cumpridos.”, a forma como a pessoa iria utilizar esse tempo iria-lhe dar talvez uma maior liberdade de gerir o seu horário de trabalho...e hoje em dia há milhares de empregos que o horário fixo não faz qualquer sentido.”;

29.M.- “... *acho que os horários deveriam ser flexíveis, deveria haver objetivos, objetivos traçados a mês, e que a pessoa teria que cumprir. Se está em casa, se está no trabalho, se está na praia, não interessava.*”.

5.4. As mesmas para os homens e as mulheres?

Nesta subcategoria *100% dos participantes afirma que daria as mesmas condições para homens e mulheres.*

5.5. Pessoas com filhos/as e sem filhos/as

Mais uma vez um número elevado de jovens refere que deveriam ser *as mesmas condições*:

9.F.- “...*porque como nós já ouvimos, há muito a tendência de achar que pessoas que não têm filhos que não têm vida, e às vezes são pessoas que têm vidas muito mais complicadas do que as que têm filhos, porque nós não sabemos como é que é a vida delas, não é?! E acho que sim, acho que apesar de tudo deve-lhes ser dada a oportunidade, é normal que tenham de explicar se calhar ou*

contar a sua história, não é? Obviamente. E não devem ser julgadas nem... *não é por ser solteiro que eu tenho que ficar a trabalhar até às nove da noite. Porque apesar de tudo o compromisso que eu tiver às oito é de ir sair com os meus amigos, está fora do meu horário de trabalho, faz parte da minha vida enquanto ser humano, enquanto pessoa social e de relações, portanto acho que deve ser igual.*”;

15.F.-“Sim, sim, sim, seria igual, sim. *Porque as pessoas podem não ter filhos mas têm à mesma os seus companheiros em casa e têm à mesma outra família lá, portanto sim, seria igual.*”;

26.M.- ” Sim, sim... sem dúvida. (...) *Acho que nós, como indivíduos, temos que ter os mesmos direitos e isso faz com que os direitos fossem iguais a quem tem e não tem filhos.*”.

Ainda que alguns considerem que deveriam, pessoas sem filhos, *justificar o motivo:*

24.M.-” Sem filhos?...acho que não, porque o filho é uma responsabilidade, mas é uma questão, depende das responsabilidades dessa pessoa e daquilo que a pessoa tem de fazer no seu dia a dia eeh há pessoa que podem não ter um filho, mas ter outra responsabilidade grande e por isso precisarem daquele horário flexível. *Acho que é uma questão de discutir, é uma discussão do patrão ter em conta as necessidades do empregado.* (...) Sim, sim, dependendo nas necessidades.”;

30.F.-” Não. Com filhos precisam muitas vezes de estar com eles, quando eles vão ao médico e tudo mais. *Uma pessoa sem filhos, não. Teria que ser tudo justificado.* Neste caso, quem tem filhos precisa mais de tempo despendidos com eles.”

Destes jovens apenas três dizem que *as condições não seriam as mesmas para pessoas sem filhos:*

5.M.” Diria mais para pessoas com filhos, normalmente têm mais responsabilidades do que pessoas sem filhos. As pessoas sem filhos podem ter mais produtividade por causa disso, podem passar mais tempo no escritório eeehh não têm de tomar conta de crianças, mas as pessoas com crianças têm extra responsabilidades e mais complicado do que as pessoas sem filhos. Têm de dar atenção ao filho, têm de tomar conta dele, têm que o ir buscar à escola, têm que o ir buscar ao jardim de infância e dava jeito que não fosse buscá-lo muito tarde, não é?”.

5.6. Que impacto pode ter a maternidade e a paternidade nas carreiras profissionais e progressão? Ainda desigualdades entre homens e mulheres

Para os participantes a maternidade e a paternidade trazem em geral um *impacto negativo nas carreiras profissionais e na sua progressão*, principalmente na maternidade. Foram 21 os que mencionaram que a mulher é mais prejudicada do que o homem. Contudo, muitos referem não concordar com este impacto:

1.M.-”... *acho que um filho não é impedimento para seguir na carreira... lá está, uma pessoa, uma mulher neste caso está desempregada mas está grávida, o mais certo é que enquanto estiver grávida dificilmente vai arranjar emprego,* porque ao fim de não sei quantos meses vai ter a criança, vai ter de passar não sei quanto tempo em casa, de baixa pela maternidade, não é? E o patrão, a pessoa que a contrata não vai querer isso, por isso não, não dificilmente... (...) Julgo que quanto ao pai a diferença será menor porque lá está, a criança nasce da mãe não nasce do pai... (...)”;

6.M.-” Pois, isso é uma grande questão, não é, até *por alguma razão há muita gente que abdica da maternidade por causa disso. Acho que tem algum impacto.* Mas acho que também *depende muito da forma como as pessoas conseguem, e dos países em que se inserem da forma como as*

empresas são inseridas, cá em Portugal acho que é muito limitador. E acho que não existe muita flexibilidade nesse aspecto.”;

9.F.-” Sim, se calhar há mais impacto na carreira de uma mulher do que na carreira de um homem. (...) Acho que no homem não há grande impacto, não posso dizer se é negativo ou positivo. Na mulher, eu acho que poderá haver um impacto negativo.”;

12.F.- “Mais a maternidade, porque ouve-se muitas vezes *casos de pessoas que depois de terem tido um filho querem voltar para trabalhar e não são encaradas da mesma forma. E se calhar não conseguem progredir na carreira... mas vejo isso mais no lado feminino.* (...) Acho que no masculino não se sente tanto isso. Se calhar porque eles não tiram tanto tempo de licença e tudo mais, não é, como tira se calhar as mulheres, isso eu acho que se nota.”; outro...mas acho que pesa muito.”;

22.M.- ”...um bocado. *Há muitas empresas que não contratam sabendo que uma mulher está grávida, etc.Os homens não têm esse tipo de problemas...*”.

5.7. Promoção da igualdade entre homens e mulheres

Nesta subcategoria, apenas três participantes não consideram necessário promover a igualdade, acreditando que já existe. *Todos os outros afirmam ser necessário que haja promoção de igualdade* no sentido de combater estereótipos e para que as mulheres possam a vir a ser menos penalizadas pela maternidade:

17.M.-” Sem dúvida, sem dúvida.”;

22.M.-” Sim, são coisas que acontecem e que não é que seja inesperado, *mas não acho que deva haver diferença. Se uma pessoa é bom naquilo que faz não é por ter um filho pela parte da vida privada*, não é, que impede a vida profissional que deveria de ser penalizada.”;

23.F.-” Sim.Sem dúvida.”.

6. Descrever o futuro próximo

Já no final da entrevista foi pedido aos participantes que tentassem descrever o seu futuro próximo a nível profissional, familiar e social. Alguns dos participantes, na sua maioria masculinos, mostram estar desacreditados *não conseguindo visualizar um futuro próximo*:

5.M. - ” É uma *variável*.”;

6.M.-” *É muito complicado. Quero dizer, é muito complicado. Não sei, não sei bem.* É muito complicado até mesmo a 3 ou 4 anos ou a 10 anos, é muito difícil. Eu gostava de ser pai cedo, nos próximos anos, mas não sei, é muito difícil. *Nem sei, não, é muito, é muito, na altura da minha vida em que estou é muito complicado poder dizer alguma coisa definida.*”;

12.F.-” *Ui muito negro, muito negro!* Muito negro... *não sei em termos profissionais o que é que me espera, não sei em termos de família o que é que me espera, acho que é mesmo ir andando e vai-se vendo.*”;

29.M.-“*Não gosto de traçar planos...* Acho que a vida é viver o momento e não consigo. Acho que a vida, pra mim, *todos os planos que eu traço saem furados, por isso...*”.

Por outro lado, outros/as jovens descrevem o seu futuro próximo como o gostariam de ver ainda que sem qualquer certeza. Focam-se, sobretudo na vida profissional. Tentar *progredir na carreira, arranjar um trabalho na área* e até mesmo tentar procurar

oportunidades de emprego fora de Portugal. Ao nível familiar mostram ***vontade de construir família***, mas ***não para já***:

1.M.- " Nas condições atuais de futuro próximo ***a nível de carreira, acho que estarei ainda no mesmo trabalho, porque não há oportunidades de...há poucas oportunidades de trabalho. A nível de família, acho que também me verei na mesma situação, ainda morar com os meus pais, porque não há, acho que ainda não há condições financeiras para ir morar com a minha namorada***, acho eu. Acho que é por aí.”;

3.M.- " Lá está, ***espero estar a trabalhar cedo, dou 2 anos máximo para estar a trabalhar***. Pá, e lá está, tenho 22, ***segundo os meus ideais gostaria de ser pai aos 27, sempre foi ali a data que eu estipulei, não posso dizer para já se vai acontecer se não vai***, se estou preparado se não estou, tudo vai aconte...eu acho que nesta idade um ano é muita coisa, em um ano muita coisa muda. E ainda numa sociedade atual em que um ano nós nunca sabemos se estamos aqui ou se estamos noutro sítio qualquer, é complicado. ***Mas pronto, se eu fizer um desenho este seria então: 2 anos para ter um emprego e depois de ter um emprego 5 anos para ser pai***.”;

7.F.- "***Eu tenciono fazer uma carreira, tenciono ter uma vida estável***. E, quando isto tiver feito sinto-me realizada.”;

9.F.- " ***Neste momento o meu foco principal é a nível profissional, portanto o que pretendo para este ano se calhar é o crescimento profissional*** e depois o familiar talvez seja num futuro não próximo.”;

10.M.-" Ora, neste momento estou a estagiar, ***provavelmente vou começar a trabalhar , supostamente a minha ideia inicial seria tirar o mestrado coisa que ainda não sei se vou continuar, uma vez que estou a trabalhar e o tempo que tenho é escasso, mas era uma coisa que eu gostaria de conciliar***. A nível de tempo com a família e tempo com os amigos, acho que continuo a ter e só depende de nós aproveitar esse tempo da melhor maneira.”;

11.M.-" ***Em termos de carreira acho que vou ter de trabalhar bastantes horas que no início de carreira ainda existe muito a coisa de provar as qualidades que uma pessoa tem*** porque existe muito a onda dos estágios hoje em dia que a meu ver são extremamente positivos porque a pessoa pode aprender imenso com isso, mas também... às empresas fazer essa rotatividade de estágios infinitamente, ou seja, não precisam de empregar ninguém. A pessoa pode-se esforçar imenso, perder imenso tempo nesse esforço e não acontecer nada. ***A nível de vida social acho que fica mais complicado, quando se faz esta transição do mundo estudantil para o mundo do trabalho fica mais apertado, acho que sim. Não existe tanto tempo para socializar com a família e com amigos...***”;

13.F.-" Eu acho que me vou ***manter no mesmo emprego que estou, vou concluir, tenho como objectivo concluir o meu curso. E um dia mais tarde talvez emigrar para ter uma vida melhor. Porque aqui no nosso país, infelizmente, não tem pernas para andar***, por exemplo, na minha área, Artes Plásticas. Em questão a ***filhos***, será uma questão a ponderar mais tarde. ***Pra já seria impensável***.”;

15.F.-" ***...eu tenho muita fé que tenha um emprego mas muito possivelmente não vou ter emprego...vou,isto é uma visão muito pessimista mas (riso) eu quero é acreditar que sim,que vou ter um emprego, que vou ter oportunidade de viver com o meu companheiro e construir família mais tarde com o meu emprego, como meu companheiro,tudo certinho***. Mas na realidade eu acho que é pouco provável até que isso aconteça. Porque está mesmo cada vez mais difícil. Como eu já expliquei, conciliar o local de trabalho com o companheiro, arranjar emprego, ter dinheiro, essas coisas todas eu acho que acho que... eu acho que não vejo assim uma coisa muito boa.”;

17.M.-" ***... as minhas condições de trabalho não são as melhores, eu espero conseguir melhor. Para já, tenho que me manter neste emprego até conseguir dar outro passo***. Uma pessoa não pode dar um passo no escuro sem antes ter algumas garantias, em termos de contracto, como estou seguro (mais ou menos não é, isto hoje em dia ninguém está seguro, mas...) vou tentar poupar algum dinheiro para já, até também conseguir encontrar outra oportunidade melhor, outro emprego melhor com melhores condições. Pronto, ***até lá o meu plano é manter-me a trabalhar onde estou***. E em

termos de relação e família, pronto, eu creio que também ainda é muito cedo para eu pensar nisso. *Pelo menos para mim, porque é assim, eu já tive noutras relações antes e até já pensei de forma diferente antes, pronto só que lá está como a vida muda, os planos vão mudando e vai-se pondo de lado uns planos, vai-se dando prioridade a outros.*”;

19.F.-” É assim, eu tenho 26 anos, a minha ideia é (silêncio) *trabalhar, não é, eu para já estou a gostar do trabalho que estou a fazer, mas estou a receber pouco, portanto a ideia será ficar aqui mais uns tempos porque estou a gostar e estou a aprender muito e depois quando achar que estou naquele ponto de – preciso avançar, preciso progredir um pouco a nível profissional- aí pensar em mudar e sei lá, às tantas até abrir um espaço meu, não sei. Mudar de país também é uma questão*, e depois lá está, a questão do meu namorado é... nós queremos viver juntos, ele anda à procura de apartamento eu não porque não tenho dinheiro, mas anda ele...”;

20.F.-” O que eu gostava? (risos) *Gostava de arranjar um trabalho na minha área.*”;

22.M.-” Não faço ideia, *espero mudar de área muito sinceramente, estar a trabalhar naquilo que realmente quero*, na área de programação e em relação à *família não faço ideia, não espero nada sinceramente.*”;

26.M.-” Pronto, o meu objetivo, neste momento, *é realmente a aposta profissional. Penso até ir para fora, para experienciar e adquirir cada vez mais conhecimentos, para ter uma estabilidade maior a nível profissional.* A nível familiar, *neste momento dedico-me à família que tenho*, não sei o dia de amanhã, mas se puder construir mais família, como é lógico, vai ser algo que vou querer apostar.”.

Da totalidade das pessoas jovens que participaram neste estudo, apenas *dois participantes um rapaz e uma rapariga ponderam ter filhos num futuro próximo*:

2.M.-” *Se calhar está a chegar a idade de ter filhos*, já passei no fundo esta rampa de lançamento inicial que uma carreira tem, pelo menos na minha área claro. *Do ponto de vista profissional, não sinto qualquer pressão, claro que iria perder oportunidades se o fizesse agora, mas acho que iria ter outras, não iria ser limitado por isso.*”;

28.F.-” Ou seja, a curto e médio prazo, não é? *A nível de família estamos... sim, a nível de família vejo estabilidade familiar. Carreira... não tenho carreira.* Vejo-me futuramente a trabalhar na minha área. Para mim já é muito bom. Mas não vejo carreira, p’ra já, tenho que... eu também vou estando...”.

6.1. Antevendo o futuro daqui a 10 anos

Quando a questão é como se vêem daqui a 10 anos os participantes já mostram estar mais convictos nas suas afirmações. Já se visualizam com *filhos e com uma carreira mais estável*:

1.M.-” Daqui a dez anos, com 35, com 35! Ora bem, *talvez pensando que já tenha mudado de opinião em relação a ter filhos, acho que já me vejo, sim a morar com a minha namorada ou mulher no caso de me casar, não sei, e de em princípio sim, já ter filhos. Acho que sim, vejo-me aí.* (...) Em relação ao trabalho, *espero nesta altura já ter um trabalho e ter outras condições...*”;

3.M.-” Vejo-me pai (riso), já com 3 filhos se possível. Não, pronto, lá está, é um bocado complicado... Mas, ou não, ou se calhar daqui a 10 anos, uma pessoa pensa, daqui a 10 anos isto tem de estar mesmo a acontecer, por isso se calhar até é mais fácil. Por isso acho que *daqui a 10 anos, definitivamente, acho que me vejo mesmo como pai, ser pai, estar a trabalhar, aquela vida mais estabilizada.*”;

7.F.- ”28... *Ainda sem filhos, mas já com, esperemos com uma carreira definida e estável.*”;

8.F.. ”...*a trabalhar, numa família* (silêncio).”;

- 9.F.-” Daqui a 10 anos *espero já ter uma carreira profissional, mesmo que não seja sempre na mesma área ou mesmo que não seja sempre no mesmo sítio, mas que consiga progredir e que me sinta bem naquilo que faço*. E talvez, e pronto, *e se calhar numa relação estável, quero dizer, se calhar daqui a 10 anos tenho 36, portanto a idade já passou um bocadinho, portanto talvez ter 1 ou 2 filhos que era o ideal*, mas não sei, isto é o dia-a-dia.”;
- 10.M.-” Ora daqui a 10 anos, 22+10, 32... 32,não, *já quero ter a minha vida estável, quero sair de casa, quero ter a minha independência eeehh e provavelmente ser pai, gostaria de ser pai novo*.”;
- 11.M.-” Emprego e local. Ou seja, *emprego sim, qualquer local que seja. Mas um emprego estável sim*.”;
- 12.F.-” Não sei muito bem como é que me vejo, sei como é que gostava de me ver. *Gostava de me ver se calhar a ter um companheiro e gostava se calhar de já ter filhos*. Pelo menos um pronto, até porque daqui a 10 anos já terei 37 se calhar já estava em mais que idade de ter pelo menos 1. *E gostava muito de me ver num emprego mais estável, sem ter de estar constantemente a pensar se no final de ‘x’ meses vou ter emprego ou não...ter um bocadinho mais de estabilidade*.”;
- 19.F.-” Bem. *Daqui a 10 anos já terei filhos. 1 ou 2 não sei*. Eu quero 3 mas com 36 acho que vou ter praí 2. E...pronto, *casada ou não isso não interessa, é mais...feliz, acho que sim*. Mas *tenho que estar a receber mais dinheiro, porque o dinheiro para mim é bastante importante, nem é pelo dinheiro, dinheiro, é mesmo pelo conforto*, por ter o meu espaço e por ter as minhas reservas e pronto, para trazer alguém ao mundo eu preciso de ter maneira de suporte, não é.”;
- 26.M.- ” É assim... *no nosso mundo “encantado”, gostaria de estar se calhar muito mais estável do que o que estou a nível profissional, e com uma família construída, ou seja, um companheiro, e...*”;
- 27.F.” *Imagino-me mãe, já... (...)35, sim. E daí, se calhar, poderei, lá está, depois também é a tal parte da estabilidade financeira que me vai limitar, realmente...* mas, sim, imagino-me mãe e já a viver sozinha.”;
- 28.F.-” Muito longo prazo, Joana. *Eu nem quero imaginar... eu não me imagino aos 40! Eu vou fazer 30... por isso, eu não me imagino aos 40. Eu vejo-me daqui a 10 anos mãe. É isso que eu consigo ver. Não consigo ver mais nada.* (...) Sim. Tem que ser. Se não, nunca mais.”.

Alguns jovens, na maioria os que não conseguiram descrever um futuro próximo, ***não se visualizam daqui a 10 anos:***

- 4.M.-” *Ainda não pensei...* porque agora quero, eu estou numa fase de levar tudo muito com calma e só depois se as coisas vierem é que eu penso.”;
- 5.M.-” Daqui a 10 anos? (silêncio) *Nevoeiro. Não me vejo. (...) Não sei (suspiro)*. Novamente variável. Depende de muitas coisas.”;
- 6.M.-” Acho exatamente o mesmo, não sei. *Não consigo responder a isso*.”;
- 13.F.-” Não sei (riso), *nunca pensei nisso*.”;
- 20.F.-” *Não faço a mínima ideia* (riso). (...) Não porque ainda estou muito no impasse. *Estou muito no impasse de – vou para fora outra vez do país ou não, fico cá, se arranjo trabalho cá se não arranjo – portanto ainda estou...*”;
- 22.M.-” *Não penso a tão longo prazo*. Muito sinceramente eu vou um bocadinho com o vento e logo se vê.”;
- 23.F.-”...não sei. (riso) (...) Não, para já não! Não porque também é um bocado do meu feitio. *Não penso muito, não programo muito o futuro*.”;
- 29.M.-” Sim, a curto prazo, e *ando a viver o presente, sim*.”.

A última questão prende-se aos **3 desejos** que os jovens gostariam de pedir. Tendo em conta as respostas obtidas ao longo das entrevistas um dos desejos que se poderia prever seria a questão do **emprego**, que esteve presente mais uma vez pela maioria. Os outros desejos prenderam-se à **saúde**, à **felicidade**, poder **viajar**, o desejo de **ter tempo e formar família**:

1.M.-” ...3 desejos assim, não sei,olha *mudar de emprego era um desejo*, gostava. Sei lá, ter *mais tempo livre* lá está, mas isso passa muito pelo emprego. E mais lazer, talvez poder *viajar* mais e ter mais oportunidades para isso.”;

5.M.- “Neste caso com *o trabalho quero dizer possibilidade de me tornar um bom professor*, a sério.”;

7.F.-” ...isto parece um bocadinho cliché mas se calhar paz, porque acho que nós vivemos um bocadinho naquele impasse de o que é que será que vem, então agora ainda mais.(...) ...se calhar *emprego, para toda a gente, porque com emprego podemos ter dinheiro e aí já podemos organizar as nossas vidas*...olha e saúde porque assim podem trabalhar. (riso)”;

8.F.-” *Ser feliz* (silêncio), ter amigos (silêncio) e *viajar imenso*.”;

11.M.-” Já que estávamos a falar do trabalho, *era um excelente desejo poder escolher a minha profissão, o meu local de trabalho e as pessoas que me rodeiam*. Eram 3 ótimos desejos.”;

12.F.-” ...*emprego...estabilidade...filhos*...”;

14.F.-” 3 desejos? Poder ter a *criação do meu próprio emprego*, sem dúvida, poder ter sucesso nele e *poder sem dúvida ter um filho, que é isso que quero, e poder conseguir ter uma família construída*.”;

16.F.- “... olha que eu e os meus tenhamos sempre *saúde*, acho que isso era o essencial e isso livrava-nos de muita coisa em cima. Termos uma *vida profissional estável e equilibrada com a nossa vida quotidiana e ter uma família*.”;

17.M.-” (risos) (silêncio) é assim: *saúde, amor verdadeiro (isto por parte de toda a gente, amigos, a pessoa que quem estás...)* ... basicamente isso é o mais importante. (...) É isso, *saúde, amor verdadeiro e família, que estejam o mais próximo durante o mais tempo possível*.”;

20.F.-” *Trabalho, saúde para a família* toda e que o meu irmão voltasse para Portugal.”;

22.M.-”...pode parecer igual a todos os outros desejos, mas *estabilidade financeira, saúde e ser feliz*.”;

29.M.-” Neste momento, *saúde e ser feliz*.”

Os *direitos de igualdade* também foram mencionados:

26.M.-” Vou basear-me se calhar também nesta conversa: *os direitos de igualdade*, era uma coisa... (...) Era um desejo que eu gostava, até porque sempre foi uma coisa que eu lutei, poder ter os mesmos direitos que colegas meus heterossexuais. Aaah, e pronto, *realização profissional*, porque sinto que, não só por uma questão de sociedade, mas por uma realização pessoal e, como é lógico, uma *boa realização a nível familiar*.”.

Alguns jovens optaram por não responder a esta pergunta mencionando que nunca tinham pensado em pedir desejos, outros porque não tinham desejos e outros por preferirem deixar para o destino.

DISCUSSÃO

Neste capítulo apresenta-se a discussão dos resultados obtidos que constam no capítulo anterior. Aqui confirmam-se, mas também se complexificam várias reflexões e interpretações, desenvolvidas com base na revisão da literatura, que se apoiam no que é o objeto e o objetivo deste estudo – a representação de jovens sobre a vivência da parentalidade. Ocupa-nos assim a questão sobre ser jovem em tempos de mudança: a representação dos/das jovens sobre a vivência da parentalidade, em particular no que concerne ao envolvimento paterno. Esta discussão de resultados estrutura-se em torno de três tópicos organizadores: (1) percepção dos /das jovens sobre a juventude; (2) a parentalidade; e (3) conciliação trabalho-família.

Percepção dos/as jovens sobre a juventude

O ser humano vai fazendo o seu percurso desenvolvimental de acordo com a cultura e a sociedade que ele próprio integra e coconstrói. Isto faz com que seja visto como um ser histórico, social e cultural, que experiencia o mundo lidando entre estruturas (sociais, de género, étnicas e outras) e agência (Giddens, 2009). De facto, cada trajetória desenvolvimental é um “processo de acomodação progressiva e mútua ao longo do curso da vida entre um organismo biopsicológico muito complexo, ativo e em crescimento (...) e as propriedades em mudança de cenários imediatos que envolvem a pessoa em desenvolvimento, na medida em que esse processo é afetado pelas relações entre cenários e pelos contextos mais vastos em que estes cenários estão inseridos” (Bronfenbrenner, 1993, p.7)

Na realidade, a juventude, é um processo biopsicológico, mas também uma construção sócio-histórica (Pais, 1993), pelo que os resultados apresentados só podem ser entendidos e interpretados nesse plano de entendimento da realidade humana.

Uma das questões importantes deste estudo prende-se com o facto dos/as jovens fazerem referência à juventude de uma forma “linear”. Entre pares, as conversas e debate de experiências são similares, pois todos/as sentem que partilham os mesmos problemas e sentem-se incapazes de encontrarem as soluções ou de modificarem o estado de coisas (Fernandes, Neves, & Gil, 1998).

Neste sentido, os/as jovens perspetivam a juventude de maneira tradicional, ou seja, ainda concebem a juventude enquanto um tempo de moratória e de transição para a vida adulta sendo esta passagem marcada pelo acesso à vida profissional. Este pressuposto

mantém-se ainda que tenham o conhecimento de que esta transição já não é tão direta, garantida e “linear”, sendo cada vez mais um processo individual e ponderado. De resto, nas últimas quatro décadas em Portugal, os/as jovens não acabam a escolaridade e tornam-se independentes através do mundo do trabalho.

A instabilidade faz parte da vida de jovens menos escolarizados bem como passou a ser também vivida pela juventude altamente qualificada (cf. Standing, 2012). A formação superior em que se investia e que outrora era significado de emprego e estabilidade, são hoje reflexo de incerteza (Marques, 2006; Alves, 2007; Gonçalves, 2009).

Os/as jovens participantes deste estudo lamentam esta realidade, sentindo-se impotentes perante algo que não lhes cabe só a eles mudar, ainda que estejam dispostos/dispostas a “sujeitar-se” para que possam ter as mínimas oportunidades. É aqui que se nota o quão difícil se torna a transição para a vida adulta, sendo agora o emprego diplomado, inclusivamente, um problema social e político.

Estes constrangimentos refletem-se assim na transição para a vida adulta visto que a integração no mercado de trabalho num país como Portugal, onde as ajudas do Estado são poucas, é essencial para a saída de casa dos pais e para a parentalidade (Guerreiro e Abrantes, 2007; Marques, 2006, 2007). Tal como alguns participantes referem, é evidente o desajustamento entre o número de pessoas com formação superior e a evolução do mercado de trabalho (Alves, 2007).

Estas problemáticas, tal como os/as jovens referem nas entrevistas, além da instabilidade profissional adiam a possibilidade de exercerem a parentalidade. Na sua maioria, estes jovens pretendem ser pais, embora as condições em que estão inseridos não sejam as mais favoráveis para a concretização desse desejo, acabando este por ser adiado.

Além disso, o facto de tanto o homem como a mulher fazerem hoje parte do mundo do trabalho traz inseguranças acrescidas a esta decisão, tendo em conta que, por exemplo, os horários de trabalho e as licenças parentais (ou a falta delas) são um constrangimento à parentalidade. Em Portugal esta realidade é muito premente sendo que, atualmente, são cerca de 70% o número de mulheres que exercem a sua profissão fora de casa. E tal traz consequências na construção familiar e faz com que surjam outros ajustamentos, tanto ao nível dos cuidados prestados aos filhos como a nível do suporte financeiro familiar (Aboim 2010).

Esta organização vai de encontro às novas formas de pensar dos jovens, tanto masculinos como femininos, visto que referem querer ter uma relação de igualdade enquanto casal e assumirem uma participação ativa na vida familiar.

Os/As jovens pretendem ser pais e mães presentes. Porém, esta mudança evidencia-se mais a nível masculino uma vez que os jovens revelam querer fazer parte das atividades diárias dos seus descendentes e querem ter um papel de envolvimento maior do que o que “receberam” dos próprios pais. No caso das mulheres, esta mudança é menos significativa, pois os modelos conhecidos (através das suas próprias mães) são o que elas pretendem pôr em prática: trabalhadora, esposa e mãe.

Como mencionado acima, este resultado poderá estar relacionado com o facto de ambos os pais trabalharem fora de casa, e como tal o homem reconheceu que as crianças precisavam do apoio de ambos os pais, visto que a mulher já não dispõe da totalidade de tempo para as educar. Os jovens querem ser tão presentes na vida dos seus filhos quanto as mães, tendo a vontade de partilhar a licença parental, cuidar da criança, dar apoio emocional, ajudar na educação e participar nos jogos e estimulação, (contrariando a visão do pai de sustento económico).

A parentalidade

A forma como coconstruímos a “ideia” de parentalidade é, em larga medida, fruto dos processos e dinâmicas transacionais com os nossos pais e familiares. Para Korbag, Vieira e Vieira (2010) a influência da parentalidade pode ser observada tendo em conta as memórias do estilo parental que o indivíduo recebeu e a forma como este exerce esse papel no presente. Foi possível verificar no presente trabalho que os/as jovens apesar de aceitarem a parentalidade que “receberam” dos seus pais têm como seu objetivo praticá-la de forma diferente, tentando corrigir o que menos gostaram de receber.

No que concerne, em particular à paternidade, crê-se que ela, na sua constituição, não é mais do que as representações feitas pelo homem da sua experiência enquanto filho (Abreu, 2006).

Assumindo um estatuto monoparental ou obrigado, por razões exteriores a si próprio, a desempenhar na sua totalidade a paternidade, o pai mostra-se à altura de corresponder às expetativas que dele são esperadas, como participante e educador na vida dos filhos (Lamb, 2010). De acordo com Toste (2013), o papel do pai divide-se, hoje em dia, entre o tradicional e o “novo” pai. Assim, o pai é o disciplinador que impõe regras e limites e que delega o âmbito doméstico para a mãe, mas também passa a preocupar-se com a qualidade de vida dos filhos, em dar apoio emocional e estimulá-los em atividades conjuntas (Lima, 2009). Apesar disto, uma das principais diferenças entre as formas do envolvimento paterno e materno diz respeito ao nível de envolvimento escolar. Com efeito,

Oliveira (2014), reportando-se a jovens adolescentes portugueses refere que em relação ao envolvimento escolar, o papel da mãe é preponderante. Aqui, ou o pai não dá o mesmo relevo ao âmbito escolar, ou não tem disponibilidade para acompanhar a vida escolar dos seus filhos, ou ainda a própria escola não desenvolve um conjunto de mecanismos que propiciem este envolvimento paterno.

Por outro lado, é pertinente mencionar o facto de os pais serem influenciados pelas características das crianças e pela sua própria personalidade (Ferreira, Monteiro, Fernandes, Cardoso, Veríssimo, & Santos, 2013). Os participantes do estudo concordam com o facto do filho, pelas suas características intrínsecas, poder influenciar a forma como os vão educar. No entanto, a personalidade do próprio indivíduo vai afetar a relação mais ou menos próxima e vinculativa que ele criará que ele criará com o seu educando.

Pode concluir-se que para que as crianças possam beneficiar de um desenvolvimento emocional, cognitivo, físico e social saudáveis é necessário que os pais compreendam o modo de ser dos seus filhos/filhas e se adaptem para uma relação positiva (Veríssimo, Pimenta, Borges, Pessoa e Costa, Monteiro, Torres, & Martins, 2013). Tendo em conta o discurso dos jovens do estudo, compreende-se que, quando pensam no seu papel de pais, os rapazes pretendem ser sensíveis, compreensivos e disponíveis com os seus filhos, não só para criar maior intimidade com eles, mas também para libertar a mulher da sobrecarga de papéis associada à noção de “dupla jornada”.

O jovem compreende que se multiplicaram os seus papéis familiares, sendo que já não é só o sustento económico como deve participar na vida ativa e social familiar. Quer ser educador, companheiro de brincadeira e disciplinador. No entanto, ele não descarta o seu papel profissional e social exterior ao âmbito familiar. Deste modo, ele tem de se consciencializar do seu papel efetivo em ambos os polos para não prejudicar qualquer um deles em detrimento do outro (Bronte-Tinkey et al., 2006).

De facto, o homem pressionado social e culturalmente, deve refletir o modo de contrabalançar os diferentes papéis que lhe são inerentes, a nível profissional, marital e paternal (Bandeira & Seidl-de-Moura, 2012).

Conciliação trabalho - família

Na sociedade atual, em que o/a jovem se encontra numa posição fragilizada em relação ao emprego, ele/ela, mesmo inconscientemente, acaba por valorizar mais o seu papel profissional do que o parental.

Com efeito, pelo facto das condições de trabalho serem precárias, estes/estas jovens não conseguem descrever o seu futuro próximo de forma positiva. É mencionado por eles/elas que a educação é fundamental embora não seja sinónimo de emprego. Continuam a debater-se com questões que consideravam já ultrapassadas e que ao tentar ingressar no mundo do trabalho se deparam. Ainda que o trabalho seja crucial na vida do ser humano, verifica-se que o aumento do desemprego e das formas de trabalho precárias nos últimos anos envolvem os jovens não qualificados, mas também com aqueles que obtêm qualificação profissional. Segundo a Pordata (2017), a taxa de desemprego nacional é de 9,2% nos graduados, sendo que o desemprego feminino (total) é de 11,2% e masculino de 11%. Contudo, os dados estatísticos apenas fazem distinção entre empregados e desempregados, ainda que existam, hoje em dia, outras relações de trabalho. Os organismos responsáveis pelas estatísticas do emprego/desemprego não disponibilizam dados concretos sobre as mesmas (Araújo, Jordão, & Castro, 2015).

A nível de empregabilidade os/as jovens afirmam que os empregos precários os obrigam a trabalhar demasiadas horas, o que constrange um maior envolvimento parental parental. Assim, o papel do Estado torna-se essencial nos apoios complementares dados a jovens casais para que eles possam desempenhar o papel familiar em pleno (Brough & O'Driscoll, 2010). Para além do Estado, também o patronato deve adequar os seus sistemas operativos de modo a colaborar com os seus funcionários na plenitude das suas funções. A ligação de interajuda Estado/patronato/empregado permitirá aos jovens casais concretizar o desempenho da sua multiplicidade de papéis, sem sentimento de culpa de terem preterido a família ao emprego (Mendonça & Matos, 2015).

Num futuro próximo, os/as jovens não prevêem grandes alterações no seu modo de vida, quer como filhos quer como pais. A precaridade económica, a crise instalada, o sistema educacional existente e a falta de ajudas, são os grandes entraves a uma constituição familiar em idade jovem. No entanto, embora não prevejam uma mudança significativa proximamente, os/as jovens são otimistas quanto a uma previsão à distância. Daqui a dez anos, os/as jovens vêem-se com empregos estáveis e relações familiares enriquecedoras, nas quais exercerão um papel parental congruente com a sua representação face ao papel paterno e materno.

CONCLUSÃO

O trabalho de investigação aqui apresentado procurou perceber de que forma os/as jovens deste estudo percecionam a juventude, quais os fatores que levam à tomada de decisão de serem pais/mães e os constrangimentos que se colocam na conciliação trabalho-família.

Globalmente este estudo pretende contribuir para um retrato da realidade da juventude portuguesa, que evidencie que os problemas e as potencialidades identificadas pelos próprios jovens.

Uma das principais conclusões deste trabalho, e que se integra na problemática da transição dos/das jovens para a vida adulta, diz respeito ao facto de ser cada vez menos linear essa passagem na vida dos/das jovens na atualidade. Após uma análise crítica dos dados e do confronto com diversos contributos teóricos surgem quatro grandes tópicos: a questão do peso da crise económica e financeira na tomada de decisões; a perceção sobre a juventude e desafios que hoje se colocam a este grupo; as formas de envolvimento parental (em especial no que ao pai diz respeito) e a perspetiva sobre a conciliação entre o trabalho e a vida familiar.

Os resultados obtidos sugerem que, realmente, a sociedade portuguesa encontra-se a passar pelo rescaldo de uma crise económica, mas também por uma crise social. Ou seja, os/as jovens do estudo indicam estar a fazer parte das transformações sociais que têm vindo a ocorrer ao longo dos últimos 30 anos e que decorrem também de novas oportunidades educativas, novas formas de organização do mundo do trabalho e mudanças ao nível da intimidade e vida familiar. Para além disso, toda a transformação em termos dos papéis sociais de género também tem aqui o seu impacto.

Os/As jovens que foram participantes deste estudo têm uma perceção sobre a juventude bastante clássica, ou seja, reconhecem como questões ainda caracterizadoras daquele grupo as questões ligadas à educação, ao lazer, às experiências e às redes sociais são frequentes no seu discurso. A este tempo de transição, os/as jovens associam uma tensão clara entre a necessidade de ter uma qualificação académica, o valor do diploma e a empregabilidade. Acreditam que a sociedade anseia por jovens super qualificados, quase colocando fora de hipótese outro tipo de escolhas. Contudo, quando refletem sobre o assunto, mostram-se pouco positivos, pois ao concluir o ensino superior não lhes são apresentadas saídas profissionais que correspondam ao seu grau académico. Há uma

consciencialização global de que a normalização da precaridade é hoje uma realidade incontornável (Standing, 2012). Muitas vezes, os/as jovens são obrigados a aceitar lugares muito abaixo dos seus conhecimentos e competências. Aliás, a frequência de mestrados e doutoramentos prende-se também com a falta de emprego, ou seja, a frequência de pós-graduações ou outro tipo de formações prolonga o período de moratória a que aludimos numa secção anterior.

Os/As jovens reconhecem que a juventude é uma fase de escolhas e que é aqui que se dá a transição para o mundo do trabalho.

Numa visão tradicional de estilos de vida, pretendem que a passagem da vida escolar para a vida profissional seja rápida e fácil. No entanto, nas entrevistas, mencionam que é quase impossível fazer esta transição sem algum sofrimento e ansiedade. Ou não encontram emprego ou aceitam qualquer um. Ambos os casos contribuem para a frustração de jovens que se vêem obrigados por exemplo, a emigrar em busca de melhores condições de vida.

Embora mesmo com a obtenção de um grau académico superior, os jovens demonstram consciência da dificuldade em arranjar emprego. No entanto, não põem de parte que um grau académico é uma mais-valia para a entrada no mundo do trabalho. Apesar de não concordarem com os modelos educacionais propostos, de viverem em constante tensão consigo próprios, com a família e com a sociedade em geral, eles sentem necessidade de conviver e debater estes assuntos com os seus pares. Assim, os amigos e as redes sociais são a base de desabafo e de troca de ideias que os jovens não encontram noutros contextos. A troca de experiências torna-os ainda mais “negativos”, pois todos passam pelas mesmas dificuldades e problemas.

Neste seu debate de ideias, surge a consciencialização de que a diferenciação de géneros tende a diminuir, mas ainda existem desigualdades e expectativas sociais sobre os papéis de género evidentes a nível nacional. Quando interrogados sobre este assunto, os/as jovens afirmam que já não sentem grande diferenciação de género na procura de emprego e na obtenção de ordenado. No entanto, embora compreendendo a mudança de mentalidades e comportamentos, não deixam de mencionar que as mulheres, pelo seu potencial papel de mãe e esposa, acabam por ser preteridas em relação aos seus pares homens, que apresentam maior disponibilidade de horários.

Quando questionados/as sobre os modelos parentais em que foram educados, os/as jovens aceitam o que lhes foi oferecido pelos próprios pais e mães. O pai era o suporte financeiro da família e a mãe o suporte familiar. Num modelo tradicional, o pai é distante e

não cria empatia com os seus filhos. As crianças são protegidas e educadas pela mãe e é ela a sua confidente e amiga. É com a mãe que os jovens são confidentes e é nela que procuram apoio emocional. O pai é visto como um apoio financeiro. Alguns afirmam que os seus pais, por serem novos ou por terem perdido a oportunidade de proximidade com o primeiro filho, são já mais responsivos e querem ser conselheiros dos seus filhos. É de realçar que jovens com modelos educacionais liberais afirmam ter sentido a falta de maior controlo que os poderia ter direcionado para uma melhor saída profissional. Estes jovens, que fizeram o seu percurso escolar sozinhos, sentem que se tivessem sido acompanhados por ambos os pais teriam feito outras trajetórias educativas.

Além disto, os/as jovens pretendem ser pais e mães mais próximos, mais acessíveis e próativos na educação dos seus filhos, para que estes não cometam os mesmos erros nem sintam as falhas de comunicação que eles sentiram. Eles/elas pensam o papel de pai e mãe numa relação de equilíbrio, com direitos e deveres complementares. Os filhos terão a mesma intimidade com o pai e com a mãe, terão a mesma liberdade que irmãos de diferentes faixas etárias, mas a rapariga tende sempre a ser mais protegida do que o rapaz. Embora as raparigas não concordem com o modelo tradicional em que foram educadas, demonstram que, no papel de mães, agirão de acordo com o modelo que conhecem, ou seja, as filhas serão mais protegidas do que os filhos.

Quanto ao último parâmetro mencionado, os jovens indicam que a falta de dinheiro que permita uma boa qualidade de vida, a falta de segurança no trabalho, devido aos contratos temporários e aos recibos verdes, a dificuldade em obtenção de licenças maternidade/paternidade e o equilíbrio da relação homem/mulher são problemas profundos que afetam a decisão de ser ou não ser pai/mãe. Muitos jovens, já na casa dos 30, ainda vivem na casa dos pais. Embora este aspeto não seja um óbvio impedimento para o casamento e para a parentalidade, é um fator que, com o tempo, causará constrangimentos e conflitos. Os/as jovens sentem necessidade de ter a sua casa para cumprirem a parentalidade em pleno. Claro que a obtenção de casa e de uma boa qualidade de vida para si e para os seus filhos depende em larga medida de um bom ordenado, sendo este o aspeto mais problemático na vida dos jovens. Assim, conclui-se que o dilema da parentalidade está intrinsecamente ligado à dificuldade de obtenção de emprego fixo e estabilidade financeira. Este dilema prolonga no tempo a decisão de serem pais ou, até mesmo, a decisão de não virem a ter filhos, pois desconhecem totalmente o seu futuro profissional.

Aqueles/aquelas jovens que pretendem vir a ser pais apresentam como facilitadores desta decisão, primeiramente o apoio familiar dos futuros avós, a disponibilidade de

horários a obter por parte do empregador e o apoio estatal. Os pais e mães destes jovens serão o suporte base para ter filhos, já que serão eles a cuidar e a educar as crianças nos seus primeiros anos de vida. Estes futuros pais acham que a relação empregador/empregado tem de evoluir para que o empregador compreenda a situação de parentalidade do empregado e para que o empregado compreenda as necessidades do empregador. Assim, alguns/algumas jovens mencionam como soluções para este problema a flexibilidade de horários e o trabalho a partir de casa. Para jovens que não podem contar com a presença dos/as avós, a hipótese de virem a ter filhos passa pelo apoio do Estado, na criação de creches e infantários com horários alargados e preços acessíveis a que os pais possam recorrer. Mas também referem que o apoio estatal é mínimo, há falta de meios e de instalações e que recorrer ao ensino privado é muito limitativo, pois os preços são o maior impedimento.

Chegados às questões finais, quanto ao futuro próximo e a uma projeção a dez anos, os/as jovens apresentam uma evolução na mudança de mentalidade. O problema é que o Estado, as empresas e os modelos educacionais não acompanharam esta mudança de mentalidade. Assim, os/as jovens estão afastados mentalmente da realidade que os circunda e que os limita. Ao chegarem ao mundo do trabalho, vêem-se confrontados com problemas que julgavam já ultrapassados: a dicotomia qualificação/ordenado; a diferenciação de género; a indiferença e desinteresse por parte do patronato em apoiar jovens trabalhadores; a incapacidade do Estado em desenvolver redes de apoio que assegurem estabilidade profissional. Logo, a descrição de um futuro próximo passa por muita instabilidade profissional e por uma incapacidade de contrair matrimónio e de serem pais/mães. Numa projeção a dez anos, os jovens têm uma visão mais positiva da sua vida. Referem empregos mais estáveis e mais bem pagos e a construção de uma vida familiar. Para obter um emprego mais estável, os jovens não se importam de passar por alguns sacrifícios como trabalharem longe de casa ou emigrarem. Caso atinjam este propósito, melhorar a sua condição de vida, o passo seguinte será o casamento e a parentalidade.

A juventude espera que os direitos à igualdade, a realização profissional e o enriquecimento duma vida familiar preenchida sejam os passos para concretizar uma vida plena.

Agora que o trabalho está concluído, observamos que o que começou por ser um estudo sobre a parentalidade acabou por se articular com outros domínios estruturantes

como a juventude e o trabalho. Os vários domínios interrelacionam-se e não existem separadamente.

Pretende-se que o estudo possa alimentar o campo dos estudos juvenis, contribuir para refletir sobre velhas e novas questões da parentalidade e repensar os problemas populacionais. O trabalho demonstra que os papéis parentais estão em mudança, são levados a sério e discutidos pelo casal. Em particular, equacionam-se questões relacionadas com a estabilidade financeira e emocional que permitam concretizar essa dimensão da vida conjugal: serem pais/mães.

Estas e outras questões transcendem, obviamente, o microssistema familiar, pois repercutem-se no próprio desenvolvimento do país (por exemplo, pode recordar-se que Portugal apresenta indicadores de natalidade preocupantes²). De facto, pensar as juventudes implica assumir um conjunto de decisões estratégicas e definir políticas públicas que cruzam as mais diversas áreas.

² 1.36 filhos / filhas por mulher em idade fértil (Pordata, 2017).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aboim, S. (2010). Género, família e mudança em Portugal. In Wall, K., Aboim, S. & Cunha, V. (Eds.). *A Vida Familiar no Masculino: Negociando Velhas e Novas Masculinidades*. Lisboa: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego, p. 39-66.
- Aboim, S. (2010). Conjugalidades no masculino: Renegociando poderes e identidades no quotidiano. In K. Wall, S. Aboim, & V. Cunha (Eds.), *A vida familiar no masculino: Negociando velhas e novas masculinidades* (pp. 159-223). Lisboa: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
- Aboim, S. (2011). Vidas conjugais: do institucionalismo ao elogio da relação. In Almeida, Ana Nunes (Eds.). *História da vida privada em Portugal: os nossos dias*. Lisboa: Círculo de Leitores / Temas e debates, p. 80-111.
- Abreu, J.L.P. (2006). *O Modelo do Psicodrama Moreniano*. Lisboa: Climepsi Editoras.
- Allen, S., & Daly, K. (2007). The effects of father involvement: an updated research summary of the evidence inventory. Father Involvement Research Alliance, University of Guelph.
- Alves, N. (2007). Inserção profissional e formas identitárias: percursos dos licenciados da Universidade de Lisboa, Lisboa, Educa.
- Araújo, P., Jordão, F., & Castro, J. (2015). Impacts of anemployment in higher education Graduates: Intermediate results [Impactos do Inemprego em Graduados do Ensino Superior: Resultados Preliminares]. In C. Ferreira, J. M. Castro & J. Coimbra (Eds.), *Lugares do Trabalho, Espaços de Aprendizagem: A relevância da Formação para o Trabalho* [Places of Work, Learning Environments: The relevance of Training for Work] (pp. 131-142). Porto: IIEFP: Instituto de Emprego e Formação Profissional.
- Bandeira, T., & Seidl-de-Moura, M. (2012). Crenças de Pais e Mães Sobre Investimento Parental. *Paidéia*, 22 (53), 355-363.
- Balancho, L. S. F. (2004). Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica*, 22 (2), 377-386.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Boghossian, C.O., & Minayo, M. C. S. (2009). A systematic review on youth participation in the last 10 years. *Saúde e Sociedade*, 18 (3), 411-423.
- Bronte-Tinkew, J., Carrano, J., & Guzman, L. (2006). Resident fathers' perceptions of their roles and links to involvement with infants. *Fathering*, 4 (3), 254-285.
- Bustamante, V. (2005). Ser pai no subúrbio ferroviário de Salvador: um estudo de caso com homens de camadas populares. *Psicologia em Estudo, Maringá*, 10, (3), 393-40.
- Brough, P., & O'Driscoll, M. P. (2010). Organizational interventions for balancing work and home demands: An overview. *Work & Stress*, 24, 280-297.
- Campos, R. (2010). *Juventude, entre o Real e a Encenação. Porque pintamos a cidade? Uma abordagem etnográfica ao graffiti urbano*. Lisboa: Fim de Século.

- Carvalho, M. (2011). “A persistência das desigualdades remuneratórias de género nas empresas portuguesas: 1988-2008”. Observatório das Desigualdades.
- Connell, Raewyn W. (1995). *Masculinities*. Cambridge: Polity Press.
- Connell, Raewyn W. (2001). Educando a los muchachos: Nuevas investigaciones sobre masculinidad y estrategias de género para las Escuelas. *Nómaditas*, 14, 156-170.
- Dayrell, J. (2002). Jovens no Brasil: Díficeis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo. Comunicação apresentada na 25ª reunião da ANPED, Hotel União, Caxambu.
- Denzin N.K., Lincoln YS (editors). *Hand- book of qualitative research*. Thousand Oaks, Sage, 1994.
- Doucet, A. & Lee, R. (2014). Fathering, Feminism(s), Gender, and Sexualities: Possibilities, Tensions, and New Pathways. *Journal of Family Theory and Review*, 6 (4), 355-373.
- Drago, Á. B. & Menandro, M. C. S. (2014). A paternidade e a maternidade sob o olhar de jovens de classe média e baixa: um estudo em representações sociais. *Revista Colombiana de Psicología*, 23 (2), 311-324.
- Fernandes, D., Neves, A. & Gil, D. (1998). *Reflexões de escolas e de professores*. Lisboa: Departamento do Ensino secundário – Ministério da Educação.
- Ferreira, B., Monteiro, L., Fernandes, C., Cardoso, J., Veríssimo, M., & Santos, A. (2014). Percepção de Competência Parental: Exploração de domínio geral de competência e domínios específicos de auto-eficácia, numa amostra de pais e mães portuguesas. *Análise Psicológica*, 2 (XXXII): 145-156.
- Flacke D. & Wagner A. (2005). A dinâmica familiar e o fenómeno da transgeracionalidade: definições e conceitos in Wagner A. *Como se perpetua a transmissão dos modelos familiares* (pp. 25-44). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Franco, A. & Winqvist, K. (2002)” Women and men reconciling work and family life”. Statistics in focus. Population and social conditions. Luxemburgo: Eurostat.
- Freire, I. (2010). *Amor e sexo no tempo de Salazar*. Lisboa: A esfera dos livros.
- Gaskell, G. (2002). Entrevistas individuais e grupais. In: M. W. Bauer, & G. Gaskell (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp.64-89). Petrópolis: Vozes.
- Gomes, S. M. T. A. (2006). Maternidade e paternidade responsáveis na adolescência. *Adolescência e Saúde*. 3 (3), 11-17.
- Guerreiro, M. & Abrantes, P. (2007). Transições incertas: os jovens perante o trabalho e a família. CITE: Lisboa
- Giddens, A. (2009). *A Constituição da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes
- Jager, M.E. & Dias, A.C. G. (2015). A Paternidade na Percepção de Adolescentes de Classes Populares. Perceptions of Fatherhood Among Low Social Class Adolescents. La Paternidad en la Percepción de Adolescentes de Clases Populares. Universidade Federal de Santa Maria. *Psicologia: ciência e profissão*, 35 (3), 694-710.

- Kobarg A.P.R., Vieira V. & Vieira M.L. (2010). Validação Da Escala De Lembranças Sobre Práticas Parentais (EMBU). *Avaliação Psicológica*, 9 (1), 77-85.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1987). A biosocial perspective on paternal behavior and involvement. In J. B. Lancaster, J. Altmann, A. S. Rossi, & L. R. Sherrod (Eds.), *Parenting across the life span: Biosocial dimensions* (pp. 111-142). New York: Aldine de Gruyter.
- Lamb, M., (2010). How Do Father's Influence Children's Development? Let Me Count The Ways In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development (5rd ed.)* (pp. 1 - 26). New York: Wiley & Sons.
- Leaper. C. (2014). Socialização de gênero dos pais nos filhos. Department of Psychology. University of California, Santa Cruz, EUA.
- Lewis C., & Lamb M.E. (2007). Understanding fatherhood A review of recent research. York: York Publishing Services Ltd.
- Lima, J. A. (2009). O Envolvimento do pai no processo desenvolvimental da criança em idade escolar: formas, factores e consequências. Tese de Doutoramento em Psicologia não publicada. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto.
- Lima, J. A., Serôdio, R. G., & Cruz, O. (2011). Pais responsáveis, filhos satisfeitos: As responsabilidades paternas no quotidiano das crianças em idade escolar. *Análise Psicológica*, 29 (4), 567-578.
- Lopes, S. R., & Paula, S. F. (2011). A importância da figura paterna no processo de escolha profissional: um estudo comparativo entre jovens universitários. *Psicologia: Teoria e Prática*, 165-181.
- Lopes, V. L. S. S. (2014). Os jovens e as políticas de juventude: agenda 2011-2014 [Em linha]. Lisboa: ISCTE-IUL. Dissertação de mestrado.
- Lopes, A.F.M. (2015). A satisfação no trabalho e o conflito trabalho-família: o papel moderador da variável género. Mestrado integrado em psicologia. Secção de psicologia dos recursos humanos, do trabalho e das organizações. Universidade de Lisboa Faculdade de psicologia.
- Marques, A. P. (2007). MeIntegra – Mercados e estratégias de inserção profissional. Licenciados versus empresas da Região Norte, Relatório Final, Coleção DS/CICS, Universidade do Minho.
- Martins, M. (2002). Os pais e os cuidados clínicos ao filho na maternidade: uma reflexão durante o ensino clínico. *Sinais Vitais*, 42, 21-24.
- Martins, C.A. (2013). A transição no exercício da parentalidade durante o primeiro ano de vida da criança: uma teoria explicativa de enfermagem. Doutoramento em enfermagem. Universidade de Lisboa.
- Matias, M. (2007). Vida profissional e familiar: padrões de conflito e facilitação na gestão de múltiplos papéis. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

- Matias, M., Fontaine, A.M., Simão, C., Oliveira, E. & Mendonça, M. (2010). A conciliação trabalho-família em casais de duplo-emprego. Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia Universidade do Minho, Portugal.
- Matias, M. & Fontaine, A.M. (2012). A Conciliação de Papéis Profissionais e Familiares: O Mecanismo Psicológico de Spillover. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28 (2), pp. 235-243. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Meincke, S. M. K., Soares, M. C., Schwartz, E., Zilmmer, J. V., Bueno, M. E. N., Monteiro, R. F. C., Eidam, M., & Lopes, A. C. C. (2011). Redes sociais de apoio à paternidade na adolescência: um estudo multicêntrico. *Revista de Enfermagem e Saúde*, 1 (1), 33-38.
- Mendonça, M. & Matos, P.M. (2015). Conciliação família-trabalho vivida a dois: Um estudo qualitativo com casais com filhos pequenos. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. *Análise Psicológica*, 3 (XXXIII): 317-334
- Messing, K. (2000). Compreender o trabalho das mulheres para o transformar: uma investigação/ acção realizada pela Universidade e pelas organizações sindicais do Quebec. In K. Messing (Ed.) *Compreender o trabalho das mulheres para o transformar* (pp. 51-160). Lisboa: CITE.
- Moreira, L. E. & Toneli, M. J. F. (2013). Paternidade responsável: problematizando a responsabilização paterna. *Psicologia & Sociedade*, 25 (2), 388-398.
- Neves, A. M.C., (2013). Visitação Domiciliária no Pós-Parto: Expectativas e necessidades de ambos os pais na transição para a parentalidade. Curso de mestrado em enfermagem de saúde materna e obstetrícia. Coimbra.
- Novaes, R. (2007). Juventude e sociedade: Jogos de espelhos. Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. *Sociologia Especial: Ciência e Vida*, 1 (2), 6-15.
- Nunes, M.B.A. (2015). Juventude e trabalho: uma análise da implementação do programa projovem trabalhador no município de Manaus. Universidade Federal do Amazonas Instituto de Ciências Humanas e Letras Programa de pós-graduação em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia.
- Oliveira, R. (2014). A Assunção de Responsabilidades dos Pais Com Filhos Adolescentes. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Pais, J. M. (1993). *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Parke, R. (1996). *Fatherhood*. Cambridge: Harvard University Press.
- Parke, R. D. (2002). Fathers and families. In M. H. Bornstein (Eds.), *The handbook of parenting: Vol. 3. Status and social conditions of parenting* (2nd ed., pp. 27- 73). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Peralva, A.(1997). O jovem como modelo cultural. *Revista Brasileira de Educação*, 5-6, 15-24.

- Pereira, L.K. (2014). “Ser pai...” O que trago, o que levo e quanto sou capaz: envolvimento paterno, memórias, estilo, e satisfação parental. Mestrado integrado em psicologia. Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica.
- Perista, H. (2002). Género e trabalho não pago: os tempos das mulheres e os tempos dos homens. *Análise Social*, XXXVII (163), 447-474.
- Prévost J. & Messing, K. (2001). Stratégies de conciliation d’un horaire de travail variable avec des responsabilités familiales. *Le Travail Humain*, 64 (2), 119-143.
- Pordata (2017). Desemprego por nível de escolaridade completo. Acedido em setembro, 03, 2017, em <http://www.pordata.pt>
- Pordata (2017). População do sexo feminino empregada. Acedido em setembro, 03, 2017, em <http://www.pordata.pt>
- Pordata (2017). Taxa bruta de natalidade . Acedido em outubro, 05, 2017, em <http://www.pordata.pt>
- Ramalho, A. C. F. N. P. (2015). Relação do envolvimento paterno com Variáveis do pai, da criança, da família de Origem e da relação conjugal. Faculdade de psicologia Mestrado integrado em psicologia. Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica. Universidade de Lisboa.
- Ribeiro, A. (2005). Afinal a diáde é tríade? A evolução do conceito do pai e da sua participação no nascimento do filho. *Servir*, 53 (4), 190-194.
- Runté, M., & Mills, A. (2004). Paying the toll: a feminist post-structural critique of the discourse bridging work and family. *Culture & Organization*, 10 (3), 237-249.
- Santana, A. M. (2010). Mulher mantenedora/homem chefe de família: uma questão de género e poder. Itabaiana: *GEPIADDE*, 4, (8), jul-dez.
- Santos, A. P. B. (2012). Entre empregos e trabalhos: o adiar de uma vida. Dissertação de Mestrado Mestrado em Sociologia Área de especialização em Organizações e Trabalho Universidade do Minho Instituto de Ciências Sociais.
- Scheller, L. (2009). Le temps des conductrices de bus. Pour un espace de pensée entre activité professionnelle et personnelle. *Temporalités*, 9, 1-15.
- Silva, Sofia M., & Araújo, Helena C. (2007). Interrogando as masculinidades em contexto escolar: Mudança anunciada? *Ex-aequo*, 15, 89-117.
- Silva, Sofia M. (2008b) Estratégias juvenis para “fintar” as fragilidades. A construção da pertença a uma casa de juventude no Norte de Portugal, *Revista Educação, Sociedade e Culturas* 27, 27-51
- Simões, R., Leal, I., Maroco, J. (2010). Paternal Involvement in a group of fathers of elementary school children. *Psicologia: Saúde e Doença*, 11 (2).
- Standing, G. (2012). The Precariat: why it needs deliberative democracy. Published in Open Democracy.
- Simões, R., Leal, I., & Maroco, J. (2010a). Paternal involvement in a group of fathers of elementary school children. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 11, 339- 356.

- Sümer, S., Smithson, J., Guerreiro, M. & Granlund, L. (2008). Becoming working mothers: Reconciling work and family at three particular workplaces in Norway, the UK and Portugal. *Community, Work and Family*, 11 (4), 365-384.
- Sundström, E. (2003) Gender Regimes, Family Policies and Attitudes to Female Employment: A comparison of Germany, Italy and Sweden. Dissertação de doutoramento. Umeå University, Umeå, Suécia.
- Toste, M. (2013). Representações sociais de adolescentes sobre a paternidade: contributos para o estudo do envolvimento do pai. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Veríssimo, M., Pimenta, M., Borges, P., Costa, I. P., Monteiro, L., Torres, N., & Martins, C. (2013). Percepções parentais acerca dos conflitos e benefícios associados com a gestão da família e do trabalho. *Diaphora*, 13, 1-8.
- Vieira-Sena, T. & Castilho, K. (2011). Moda e masculinidade: breves apontamentos sobre o homem dos séculos XX e XXI, 4, (7), pp. 46. 56.
- Wall, K. (2005). Famílias em Portugal: percursos, interações, redes sociais. Imprensa de ciências sociais: Lisboa.
- Yeung, W.J., Sandberg, J.F., Davis-Kean, P.E., & Hofferth, S.L. (2001). Children's time with fathers in intact families. *Journal of Marriage and Family*, 63 (1), 136-154.

ANEXO 1. DATOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Dados Sociodemográficos

| Idade/Sexo/Profissão | Escolaridade/Profissão Pai | Escolaridade/ Profissão Mãe |
|--|--|---|
| 25 – M. 12º Desporto Empregado de Mesa | 9º ano Comerciante | 9º ano Auxiliar de idosos |
| 28 – M. Engº Informático | 9º ano Comerciante | 9º Comerciante |
| 22 – M. Estudante de Economia | 12º Importação de produtos (emigrante no Brasil) | 12º Agência de modelos (emigrante no Brasil) |
| 18 – M. Estudante de Biologia | Licenciado em História de Arte Delegado de Informação Médica | Licenciada em Serviço Social Assistente Social |
| 23 – M. Professor de Inglês (Turquia) Licenciado em Línguas e Relações Empresariais | Licenciado em História de Arte Delegado de Informação Médica | Licenciada em Serviço Social Assistente Social |
| 24 – M. Estudante Mestrado Eng. Electrotécnica (Dinamarca) | 10º ano Reformado (inspector das finanças) | Licenciada em Línguas Funcionária pública (finanças) |
| 18 – F. Estudante Curso de Equivalência ao 12ºano de Fisioterapia | 5º ano Padeiro | 12º ano Repositora |
| 28 – F. Estudante de Mestrado em POST | 4º ano Comerciante(faleceu) | 4º ano Reformada (Comerciante) |
| 26 – F. Licenciada em Múltimédia e Psicologia | 12º ano Reformado (Agente de Viagens) | 6º ano Doméstica (há 26 anos - lavandaria) |
| 22 – M. Estagiário em Gestão | 12º ano Criador de Cães | 12ºano Proprietária de um Restaurante (emigrante no Brasil) |
| 24 – M. Estudante de Mestrado Enologia e Viticultura. | 6º ano Reformado (chefe de equipa comercial) | 12º ano escritória |
| 26 – F.Desempregada Licenciada História (historiadora área de | 9º ano gerente numa empresa do ramo alimentar | Bacharlato enfermeira |

arquivo)

**27 – F. Inspectora de qualidade
Frequentou a Licenciatura de Belas Artes**

4º ano Trabalhador por conta própria (electricidade)

4º ano Farmaceutica

26 – F. Fisioterapeuta

9º ano vendedor de jantes

12º ano auxiliar de acção educativa com crianças com necessidades especiais

22 – F. Estudante Mestrado Psicologia da Educação

4º ano assistente operacional nos serviços agriculas (faleceu)

9º ano empresária agricula

22 – F. Mestrado Psicologia Clínica

Bacharelato secretaria da economia

Bacharelato enfermeira

**29 – M. Técnico de reparações numa empresa de aluguer de bicicletas e motos
Licnciado em Design de Ambientes**

Professor e Arquitecto Licenciado

12ºano Secretária numa empresa

**25 – M. Técnico de juventude
Licenciado em Relações Públicas**

12º ano Técnico de veterinária

12º ano funcionária numa escola

26 – F. Arquitecta numa empresa de arquitectura de interiores

Economista Licenciatura em gestão de empresas

Mestrado em linguas professora de português e francês e espanhol

**25 – F. Desempregada
Licenciada Reabilitação Psicomotora**

12º ano dono de uma empresa

12º ano dono de uma empresa

26 – F. Bosh (Frequentou Licenciatura Ciencias do Ambiente)

9º ano Bomba de Gasolina

6º ano trabalha num restaurante

28 – M. Trabalha (Frequentou Licenciatura de Eng.Electrónica)

12º ano Reformado das finanças

Licenciatura professora primária - reformada

| | | |
|---|--|---|
| 25 – F. Escritorária (Frequentou Licenciatura em Gestão) | 12º ano matadouro na parte mecânica | 12º ano matadouro na secretaria |
| 18 – M. 12º ano Estudante Ciências | 12º ano empresário | 12º ano assistente técnica |
| 27 – M. Licenciatura em Teatro. Mestre Psicologia da Educação | 4º ano empresário | Mestrado – Professora português- francês |
| 28 – M. Estagiário Designer Gráfico | 4º ano reformado | 4º ano desempregada |
| 25 – F. Loja Centro Comercial (Frequentou Licenciatura Gestão de Empresas) | 9º ano vendedor comercial | 6º ano reformada |
| 29 – F. Desempregada (Curso Profissional, de Auxiliar de Ação Educativa,FLUP) | 12º ano vendedor comercial | 9º ano reformada |
| 26 – M. Repórter de imagem (Tecnologias de Comunicação Multimédia e Audiovisual) | 12º ano Chofer | Faculdade Secretária |
| 25 – F. Desempregada A frequentar curso do lefp | 4º ano | 4º ano |

ANEXO 2. GUIÃO DA ENTREVISTA

Guião da entrevista semi-estruturada

Introdução

Esta entrevista faz parte de um projeto de investigação a realizar no âmbito de uma Dissertação no Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

O objetivo desta entrevista consiste em procurar perceber, nomeadamente, a forma como jovens adultos (homens) entendem o “ser pai” ou os papéis associados à paternidade, em interface com a ideia de masculinidade, a vivência da parentalidade, o exercício da atividade profissional e os processos de conciliação família-trabalho. A construção social do conceito de género e de masculinidade e feminilidade serão centrais no enquadramento dos resultados deste trabalho.

A sua participação é voluntária. A entrevista é anónima e confidencial e o tratamento da informação é realizada apenas para fins de investigação.

Solicitamos ainda a sua autorização para o uso de gravador, de forma a assegurar uma maior fidelidade dos dados recolhidos. A entrevista transcrita será-lhe facultada se o solicitar e poderá no final do trabalho realizado ter conhecimento dos resultados.

Tópico I: Dados sociodemográficos

1.1. Dados genéricos sobre a pessoa entrevistada:

- a. Idade, profissão. (Se estuda, qual o curso que frequenta; se trabalha, qual a profissão).
- b. Profissão do pai e da mãe (explorar profissões...)
- c. Escolaridade do pai e da mãe (... explorar cursos...) [dados para NSE]
- d. Descrição do seu dia a dia (semana e fim de semana; lazer, atividades desportivas, hábitos culturais...)

Tópico II: Ser jovem e viver a juventude na contemporaneidade

2.1. Como descreveria o ser jovem e a juventude hoje em Portugal, especificamente, e em termos mais globais (Falou de um conjunto de atividades e contextos do seu quotidiano que são comuns a muitos jovens da sua idade (dar exemplos...)). Tendo em conta as transformações da sociedade portuguesa ao longo dos últimos anos e se tivesse que descrever o que é ser jovem nos dias de hoje, em Portugal, o que referiria?

2.2. Expectativas sociais sobre os/as jovens e desafios que hoje são colocados às juventudes

- a) expectativas e exigências da sociedade sobre as juventudes;
- b) o que acha que os jovens podem esperar da sociedade; o que pode esta fazer pelas suas juventudes; especificamente o que o campo da educação, do trabalho tem feito pelas pessoas jovens. Que repto lançaria a políticos/as e outros/as líderes no sentido de chamar a atenção para necessidades específicas das pessoas jovens.

c) que lugares considera que a sociedade tem para as pessoas jovens. Há espaços de participação?

d) os desafios de hoje para as juventudes. Considerar que as juventudes são heterogêneas em termos de género, classe social e etnia, indicar desafios gerais e de mais específicos tendo em conta essa heterogeneidade. Há diferentes desafios para raparigas

Tópico III: Ser Jovem rapaz e ser homem

3.1. As transformações de hoje afetaram a socialização e a educação de rapazes e raparigas. Como descreveria essa socialização e educação nas suas diferenças e semelhanças. Referencia a estas questões em termos da especificidade do contexto português.

3.2. Existem expectativas sociais diferentes para o ser mulher e ser homem. Posicionamento sobre os diferentes papéis sociais do ser homem e do ser mulher.

3.3. Grandes transformações na vivência do ser homem, nas masculinidades hoje. Como caracterizaria o ser homem hoje.

Estivemos a falar de juventude e o [nome], para além de jovem, é também um homem. Em que medida considera que o ser homem também tem vindo a sofrer alterações. O que acha? Tal como na questão anterior, se lhe pedisse para caracterizar o ser homem em termos genéricos e no nosso país, o que diria? E o ser mulher? Quais os papéis sociais que associamos ao ser homem e ser mulher? Quais as principais semelhanças, quais as grandes diferenças? (...)

Tópico IV: Ser homem e ser mulher e parentalidade

4.1. O conceito de ser homem e ser mulher aparece, muitas das vezes, associado à parentalidade: o ser pai e o ser mãe. Como acha que jovens e jovens adultos/as se posicionam relativamente a estas opções. O que considera que está em jogo na tomada de decisão.

a) Perspetivas e expectativas pessoais sobre ser pai.

b) Principais razões pessoais para essa decisão? [Explorar o sim, porque (...); ou o não, porque (...)]

c) O que o faria mudar de opinião, no caso de dizer não; que mudanças sociais precisariam de ocorrer? [Explorar condições de vida, estabilidade na relação, emprego, casa, jardim de infância, apoios da família alargada, legislação (...)]

Tópico V: Ser pai e paternidade

A ideia de ser pai, ou, uma vez mais, os papéis relacionados com a paternidade tem vindo a alterar-se ao longo dos últimos tempos? Como descreveria o seu pai em termos de paternidade; e a sua mãe; como eram na relação com ele e com irmãos ou irmãs.

5.1. O que é ser um “bom pai”? O que é ser uma “boa mãe”? Que semelhanças e diferenças poderemos associar a esses papéis parentais?

5.2. Como se veria a ser pai; que modelos assumiria, como se veria na relação com o/a companheiro na distribuição de papéis e responsabilidades

5.3. Como seria se fosse pai de rapazes e de raparigas; que semelhanças e diferenças (...)

Tópico VI: Parentalidade e a gestão constrangimentos e contextos

6.1 A vivência da parentalidade, e mesmo a tomada de decisão de ser pai ou mãe, é, muitas vezes, condicionada pelas questões do emprego e da conciliação família-trabalho. Como considera que estas dimensões afetam as decisões sobre ser pai e mãe e as suas particularidades? Que dilemas se colocam a pais e mães nestas questões de conciliação. Confronta com o/a seu/sua companheiro/a na gestão de alguns destes constrangimentos (licença, etc.)

6.2 As transformações atuais no mundo do trabalho fazem com que se torne cada vez mais difícil as pessoas conciliarem o mundo do trabalho com a vida privada. Se fosse um empregador, e tivesse essa possibilidade, que condições criaria para facilitar a conciliação entre o trabalho e a vida privada, nomeadamente a vida familiar? Considera que deveriam ser as mesmas para os homens e as mulheres? Para pessoas com filhos/as e sem filhos/as.

6.3. Que impacto pode ter nas carreiras profissionais e progressão, a maternidade e a paternidade. Ainda faz sentido pensar na promoção da igualdade nesta matéria?

Tópico VII: Questões finais

7.1 Como descreveria o seu futuro próximo em termos de carreira, família, etc.

7.2 Como se vê daqui a 10 anos?

7.3 Se pudesse concretizar três desejos o que escolheria

Conclusão

Há algum aspeto que queira acrescentar? Ou algum comentário que queira fazer sobre esta entrevista?

Agradeço a sua colaboração e o tempo que dispensou. O seu contributo foi muito importante.

Os dados desta entrevista serão transcritos e, posteriormente, partilhados consigo para que os possa validar. Qual a forma que prefere que se adote para essa partilha? (papel, email...)

Caso esteja interessado posso também partilhar consigo as conclusões finais do estudo.